



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



MANCIO DE ASSONÇÃO SERRÃO PACHECO

ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS:
Ser docente e Uso de Tecnologias - Breves/Marajó (PA)

ANANINDEUA-PA

2023

MANCIO DE ASSONÇÃO SERRÃO PACHECO

ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS:

Ser Docente e Uso de Tecnologias - Breves/Marajó (PA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará-*Campus* Universitário de Ananindeua, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior.

Linha de Pesquisa: Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão.

ANANINDEUA-PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P116e Pacheco, Mancio de Assonção Serrão.
Ensino de História para surdos : Ser Docente e Uso de
Tecnologias - Breves/Marajó (PA) / Mancio de Assonção Serrão
Pacheco. — 2023.
110 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2023.

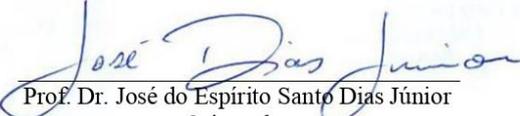
1. Ensino de História. 2. Estudantes Surdos. 3. Pedagogia
Visual. 4. Libras. 5. Tecnologias Digitais. I. Título.

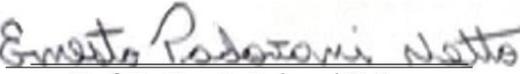
CDD 371.102

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

MANCIO DE ASSONÇÃO SERRÃO PACHECO

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Ernesto Padovani Netto e Profa. Dra. Eliana Ramos Ferreira, reuniu-se no dia 22 de maio de 2023, às 09:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **MANCIO DE ASSONÇÃO SERRÃO PACHECO** intitulada: "ENSINO DE HISTÓRIA PARA SURDOS: Ser Docente e Usos de Tecnologias - Breves / Marajó (PA)." Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **BOM** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.


Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior
Orientador


Prof. Dr. Ernesto Padovani Netto
Membro Externo da Banca / SEDUC / PA


Prof. Dra. Eliana Ramos Ferreira
Membro da Banca / PPGEH/UFPA

Aos meus pais, Seu Osvaldo e Dona Laurita, à
minha companheira Luana, minhas irmãs e
irmão, que são as pessoas que me incentivam a
buscar sempre o melhor caminho.

AGRADECIMENTOS

Cursar um programa de Mestrado já não é tarefa fácil, em período pandêmico perante os medos, aflições, angústias e incertezas do viver que o COVID-19 trouxe, é uma tarefa muito árdua. Muitas foram às vezes que afloraram na cabeça o pensamento de desistir. Mas, também nesse período as dificuldades foram sendo superadas diante dos incentivos, diretos e indiretos, através de conversas que ajudaram a acalmar a ansiedade que nos rodeava cotidianamente. Dessa forma é necessário alguns agradecimentos.

Agradeço ao programa ProfHistória – Campus Ananindeua - UFPa, e a todos os professores que fazem parte do mesmo, que foram essenciais nessa caminhada, com seus ensinamentos, suas explicações, compressões, saberes partilhados de forma únicas.

A Universidade Federal do Pará, instituição que mantém-se firme na construção do saber na Amazônia e transformando vidas.

Ao colega de trabalho e professor General Robert do Instituto Federal do Pará – IFPA-Breves, por ter sido peça fundamental no desenvolvimento de parte essencial dessa dissertação.

Ao CAPES e CNPQ por fomentar a pesquisa através de bolsas aos estudantes e com elas puderem desenvolver a pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior, por se dispor a aceitar-me como orientando, cujas contribuições foram fundamentais para que essa dissertação torna-se forma e fosse concretizada.

Agradeço imensamente a Professora Conceição Maria Rocha de Almeida, que foi minha primeira orientadora, suas preciosas contribuições, correções, indicações foram de extrema importância para poder acreditar que essa pesquisa se concretizaria.

As professoras Eliana Ramos e Rosa Cláudia, pelas correções, questionamentos, dicas, indicações, esclarecimentos e contribuições imensuráveis para a pesquisa.

Agradeço a todos os colegas de trabalho da escola Gerson Peres, por se disporem da melhor forma possível a contribuir com a pesquisa.

Agradeço aos meus colegas professores de História entrevistados que por seus depoimentos e informações foram fundamentais para que o trabalho fosse concluído.

Agradeço aos alunos surdos entrevistados que me apresentaram o mundo silencioso deles, que por eles a pesquisa foi concluída.

E por fim, agradecer à minha companheira de vida, Luana Ribeiro que sem ela não teria conseguido, pois em momentos de estresse e mau humor ela sempre me foi um esteio onde pude me apoiar.

“A esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã”

(Paulo Freire)

RESUMO

A dissertação a seguir é resultado dos estudos feitos no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória, Campus Ananindeua Pará, intitulada “Ensino de História para surdos: ser docente e o uso de tecnologias - Breves/Marajó (PA)”. Procuramos analisar a função docente, sua importância para construção de uma sociedade, seus dilemas, suas complexidades e como essa profissão é impactada pelas mudanças que ocorrem em um mundo de intensas transformações, e como professores e professoras foram exigidos a se reinventarem em um curto espaço de tempo diante da pandemia do COVID-19, onde aulas presenciais foram suspensas e o ensino público adotou um novo formato de aulas, o ensino remoto; como é ser professor de História no município de Breves e como sistema público de ensino se adaptou para ofertar aulas não presenciais em um município com áreas de difícil acesso e com infraestruturas precárias; como aulas remotas não atenderam as necessidades de alunos e alunas com surdez. Também buscamos analisar o ensino de história para alunos e alunas surdos na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Gerson Peres, localizada na cidade de Breves, Estado do Pará; o desenvolvimento de uma experiência pedagógica na qual participaram professores de história e discentes surdos para a construção de um dicionário de sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais); E por fim ressalta-se que a dinâmica do ensino remoto durante a pandemia do COVID-19, foi muito explorada o uso de ferramentas digitais que buscaram reduzir a barreira física entre professores e alunos. No caso da disciplina de História, o professor precisou lançar mão de meios digitais que atendam a necessidade dos estudantes surdos, (uso de aplicativos com sinais de verbetes de história em Libras, avatares, tradutores, legendagem, etc.). Sendo assim é importante destacar que os Docentes de História buscaram se adequar e dominar tecnologias digitais que os auxiliem no planejamento de aulas que incluam os discentes com surdez, deixando suas aulas mais envolventes. Faz parte da desta dissertação as etapas para criação de gifs, usando aplicativo e sites, para elaboração de um glossário animado de História, juntamente com uma sequência didática, dando protagonismo aos discentes surdos nas aulas de história.

Palavras-chave: Ensino de História; Estudantes Surdos; Pedagogia Visual; Libras; Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

The following dissertation is the result of studies carried out in the Professional Master's Program in Teaching History - Profhistory, Campus Ananindeua Pará, entitled "Teaching History for the deaf: being a teacher and the use of technologies - Breves/Marajó (PA). We seek to analyze the teaching function, its importance for building a society, its dilemmas, its complexities and how this profession is impacted by the changes that occur in a world of intense transformations, and how teachers were required to reinvent themselves in a short space of time in the face of the COVID-19 pandemic, where face-to-face classes were suspended and public education adopted a new class format, remote teaching; what it's like to be a history teacher in the municipality of Breves and how the public education system has adapted to offer non-face-to-face classes in a municipality with areas of difficult access and poor infrastructure; how remote classes did not meet the needs of students with deafness. We also seek to analyze the teaching of history to deaf students at the State High School Professor Gerson Peres, located in the city of Breves, State of Pará; the development of a pedagogical experience in which history teachers and deaf students participated to build a sign dictionary in Libras (Brazilian Sign Language); And finally, it is emphasized that the dynamics of remote teaching during the COVID-19 pandemic, the use of digital tools that sought to reduce the physical barrier between teachers and students was greatly explored. In the case of the History discipline, the teacher had to use digital means that meet the needs of deaf students (use of applications with signs of history entries in Libras, avatars, translators, subtitling, etc.). Therefore, it is important to highlight that History Teachers sought to adapt and master digital technologies that help them in planning classes that include students with deafness, making their classes more engaging. Part of this dissertation is the steps to create gifs, using applications and websites, to create an animated glossary of History, along with a didactic sequence, giving protagonism to deaf students in history classes.

Keywords: History Teaching; Being a Teacher; Deaf Students; Visual Pedagogy; Pounds; Digital Technology.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Profissionais da educação municipal ocupando prédio legislativo na cidade de Breves.	24
Figura 2 – Lancha transportando pacientes com Covid do meio rural para hospital na cidade.	26
Figura 3 – Tecnologias e educação na pandemia do COVID-19.	27
Figura 4 – Protocolo de retorno das aulas em formato remoto e gradativamente presencial enviado pela Seduc – Pará as escolas públicas pertencentes a sua rede de ensino.	28
Figura 5 – Fases de retorno das atividades escolares proposto de Seduc-Pará.	29
Figura 6 – Capa de caderno de atividades não presenciais disponibilizados aos estudantes da escola Gerson Peres.	32
Figura 7 – Professoras da Semed/Breves organizando kits a serem entregues para os alunos do meio rural.....	34
Figura 8 – Embarcações e ônibus usados em transportes escolares no Marajó.	38
Figura 9 – Divulgação de programa da Semed/Breves em uma rádio local, durante período de suspensão das aulas presenciais.....	44
Figura 10 – Alguidar e abano em exposição para vendas em Box de artesanato na feira do Mercado Municipal.....	55
Figura 11 – Glossário de história em Libras que está em processo de criação na EEEM Professor Gerson Peres.	58
Figura 12 – Aplicativos : VLibras e Handtalk.....	85
Figura 13 – Infográfico esquemático das etapas de criação de GIFs de História.	87
Figura 14 – Esboço do Layout do site.	88
Figura 15 – Esboço da Capa com animação do site.	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Redução do investimento em educação entre 2011 e 2020 pelo Governo Federal	23
Gráfico 2 – Características de habitação e população do município de Breves.....	35
Gráfico 3 – Proporção de professores de escolas públicas, por tipo de recurso obtido na internet para a preparação de aulas ou atividades com alunos (2013).....	42
Gráfico 4 – Proporção de professores, por motivos para levar o computador portátil para a escola (2013) percentual sobre o total de professores de escolas públicas que levaram o computador portátil para a escola.	43
Gráfico 5 – Distribuição de adolescentes de 15 a 17 anos, segundo condição de não frequência à escola, em áreas urbanas e rurais por Grandes Regiões, 2020 (%).	45
Gráfico 6 – Pesquisa feita na escola Gerson Peres sobre disponibilidade de aparelhos celulares entre alunos e seus familiares para diagnosticar a utilização para aulas não presenciais.....	48
Gráfico 7 – Problemas para implantação de TDIC em escolas públicas.....	71
Gráfico 8 – O uso de celulares para acesso a internet por estudantes brasileiros.	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégia de Ensino remoto adotadas pela Seduc/Pará e Semed/Breves.	44
Quadro 2 – Estapas da criação do sinalário.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL - Academia Paraense de Letras.

CEFOP - Centro de Formação Continuada de Professores da Educação Básica do Estado do Pará.

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação.

HISTOLIBRAS – História em Libras.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

Libras - Língua Brasileira de Sinais.

M.C.P – Maria Câmara Paes

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas.

PIEC - Programa de Inovação Educação Conectada.

PNATE - Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar.

PNUD – Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

POAENP - Plano de Orientação de Atividades Escolares Não Presenciais.

PROFHISTÓRIA – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

SAEE - Serviço de Atendimento Educacional Especializado

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

TCM – Tribunal de Contas dos Municípios.

TCU - Tribunal de Contas da União.

TDIC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

UFPA – Universidade Federal do Pará.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: SER DOCENTE E A REALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID - 19 EM BREVES – PARÁ.....	21
1.1 SER PROFESSOR EM BREVES	21
1.2 A PANDEMIA DO COVID – 19 NO MUNICÍPIO DE BREVES E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ENSINO PÚBLICO.....	26
1.3 A ORGANIZAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO – SEDUC/PARÁ	27
1.4 A REALIDADE DA ESCOLA GERSON PERES	30
1.5 A ORGANIZAÇÃO DO GOVERNO MUNICIPAL E A REALIDADE DOS PROFESSORES – SEMED/BREVES	33
CAPÍTULO II: ENSINO DE HISTÓRIA E SURDEZ EM BREVES	53
2.1 CULTURA, CURRÍCULO ESCOLAR E IDENTIDADE LOCAL.....	53
2.2 CONHECENDO O ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DE BREVES - PARÁ	57
2.3 O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS E A CONSTRUÇÃO DE VERBETES	59
2.4 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E YOUTUBE, ESTRATÉGIAS E REDES SOCIAIS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM AULAS DE HISTÓRIA.....	62
CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO, ENSINO PÚBLICO E TECNOLOGIAS DIGITAIS ...	68
3.1 O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS NAS SALAS DE AULA	68
3.2 O CENÁRIO TECNOLÓGICO DAS ESCOLAS PÚBLICAS	69
3.3 ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS	74
3.4 ENSINO DE HISTÓRIA, ENSINO REMOTO, TECNOLOGIAS E SURDEZ	79
3.6 ETAPAS PARA CRIAÇÃO DE GIFS QUE IRÃO COMPOR UM SINALÁRIO DE HISTÓRIA.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	93

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE HISTÓRIA, INTERPRÉTES E GESTORES DE ESCOLAS EM BREVES	98
APÊNDICE B – PERGUNTAS REALIZADAS AOS ALUNOS SURDOS.....	101
ANEXO A – REGISTRO FOTOGRÁFICO COM ENTREVISTADOS	102

INTRODUÇÃO

Ultimamente, consolidou-se entre os cidadãos brasileiros que a educação é um direito que deve ser acessível a todos as crianças e os gestores públicos devem garantir a oferta da aprendizagem dos mesmos. Sobre a educação, o Estado Brasileiro, a partir da constituição de 1988, assegurou uma série de direitos aos brasileiros, dessa forma o ato de educar teve que se reconstruir para melhor atender um grupo de cidadão até então marginalizados no processo educacional, pessoas com deficiências. Considerando que a escola e os docentes que fazem a educação básica devam se reconstruir, transformar e se adaptar cotidianamente e o conhecimento sejam universalmente difundidos para todos os mais diferentes sujeitos que passam a adentrar as salas de aulas de escolas públicas é desafiador para o professor, levando em consideração a realidade das escolas públicas brasileiras.

Ser professor na cidade de Breves na ilha do Marajó na pandemia do COVID-19 foi um desafio maior ainda. As cidades marajoaras abrigam uma diversidade cultural, ambiental e geográfica únicas. Porém, historicamente enfrenta problemas sociais e econômicos graves, que foram agravados com a crise sanitária. Em seu cotidiano os professores que atuam em escolas públicas precisam lidar com a falta de infraestrutura, a dificuldade de acesso à internet, a escassez de recursos pedagógicos e a vulnerabilidade socioeconômica da população¹. Ao mesmo tempo, precisaram se reinventar para manter o vínculo com os alunos de forma não presencial, estimular o interesse pelo conhecimento e promover a cidadania. Ficando evidente, portanto, “com as mudanças e transformações no ensino causadas pelo estado de emergência é imperativo compreender as vivências, os desafios e aprendizagens dos professores e alunos ao adaptarem-se às novas configurações de ensino-aprendizagem, assim como os fatores que contribuem para a efetividade do acesso à educação na pandemia.” (LACERDA; JUNIOR, 2021)

No Brasil a profissão de professor foi vista e ainda é como uma vocação, um dom. A realidade é que ser docente além de ser uma grande responsabilidade, é uma profissão de caminhos íngremes e desafiadores, sempre exigindo dos profissionais da educação algo a mais,

¹ Vale destacar que a realidade da educação pública em todo o Estado do Pará apresenta índices complicados e preocupantes, entretanto, dou importância a realidade da cidade de Breves no Marajó, cujo cenário acaba por se repetir em outros municípios que compõem o Marajó das Florestas. O chamado custo Marajó impacta diretamente nos serviços a serem ofertados para a população que vive na região, o custo Marajó está ligado ao transporte, tudo é pelas águas, tanto pessoas como mercadorias, por barcos, de pequenos e grandes porte e levando em consideração que a região é cortada por incontáveis furos e igarapés isso encarece e dificulta tudo, são viagens longas, cansativas, caras. Essas características somadas à ineficiência de políticas públicas que incentivem ao desenvolvimento econômico dos municípios, faz com que a região seja sempre destaque em mídias e reportagens de alcance nacional com cenário de pobreza e mazelas sociais.

o que ficou tão evidente com a pandemia do COVID-19. O cenário das escolas e professores da rede pública de ensino de Breves não foi diferente de outras regiões brasileiras, desvalorização da carreira docente, redução de investimento na educação pública nos últimos anos, entre outras problemáticas. Diante dessa realidade é importante destacar a realidade de docentes que fazem educação em cidades marajoaras como o município de Breves e demonstrar como foi ofertada a educação pública enquanto as aulas presenciais foram suspensas e o ensino não presencial (ensino remoto) foi instituído tanto pelo governo do Estado do Pará – SEDUC/Pará e Prefeitura Municipal de Breves – SEMED/Breves.

De forma geral, as aulas não presenciais, o ensino remoto forçou a comunidade escolar a ressignificar o processo de ensino aprendizagem e enfrentar problemas inerentes a essa mudança, como a distância entre alunos e docentes, protagonismo dos alunos na aprendizagem, importância das tecnologias digitais na mediação do conhecimento e sobretudo ampliação do trabalho docente. Com isso, ser docente apresenta características que representam a realidade social e o tempo que está inserida, muito mais do que somente ensinar, vê-se nesse ponto, que ser docente também é ter a capacidade de se adaptar e se reeducar mediante as necessidades que a profissão exige.

Diante das situações do ensino remoto, um fator que precisa ser evidenciado é o uso de tecnologias digitais e como foram as ações desenvolvidas por docentes e gestores para incluir alunos com surdez frente à pandemia e fechamento das escolas. Portanto, buscou-se analisar informações com o propósito de abordar: como se desenvolveu a educação não presencial na rede pública de ensino do município de Breves, perante os problemas já expostos da educação marajoara; como professores já vinham desenvolvendo projetos de inclusão de alunos com surdez através de estratégias inovadoras em atividades de relacionadas ao ensino de História; como as tecnologias digitais e uso de aplicativos podem auxiliar o ensino de História para alunos surdos.

Conforme Lacerda (2006), "discutir a educação de surdos implica discutir também o tema inclusão escolar, tratado mundialmente. Na década de 1990, muitos países assumiram a inclusão como tarefa fundamental da educação pública e diferentes tentativas foram colocadas em prática buscando viabilizá-la". A autora deixa claro, que é necessário que o tema inclusão debatido a algumas décadas, necessita de sua implantação de forma eficiente. De acordo com o autor, por mais que exista diversas formas de realização de inclusão, os alunos surdos receberam uma escolarização não tão adequada e para mudar essa realidade as unidades de ensino escolares precisam de um suporte educacional tanto para as crianças surdas quanto para os professores.

O ensino de História busca estimular no aluno a compreensão de acontecimentos históricos e os relacione com as transformações da sociedade, manutenção e mudanças em estruturas econômicas, de poder, políticas e culturais, que ocorridas no decorrer do tempo, fazendo da disciplina de História uma ferramenta a serviço do conhecimento e da autonomia do pensamento, fazendo com que o aluno se perceba como sujeito histórico. Entretanto, como se dá esse processo educacional da disciplina de História para alunos com surdez? Como os professores criam estratégias e metodologias para atender esses alunos? Conforme questiona Padovani Netto (2018, p. 17), “o fato destes alunos estarem inseridos em ambientes escolares que pouco reconhecem suas necessidades educacionais especiais, nos leva a indagar, como é a experiência de estar em uma sala de aula, não poder ouvir o que os professores falam e posteriormente ser cobrado pelo aprendizado dos conteúdos em atividades e provas?” Sendo assim acreditamos que uma forma de reduzir barreiras entre docentes e alunos com surdez é o uso de tecnologias digitais, principalmente em virtude da popularização de telefones celulares entre alunos e a necessidade de domínio dessas ferramentas por docentes em detrimento das transformações educacionais que vem ocorrendo de uma forma acelerada na educação pública, evidenciada pela pandemia do COVID-19.

O ensino de história para alunos surdos é um tema relevante, e já em evidência na educação brasileira². “A historiografia das últimas décadas vem demonstrando grande preocupação com os grupos sociais que foram historicamente foram excluídos de pesquisas e que, uma vez esquecidos pouco ou nada se reconhecem nas narrativas escolares que não os contemplam (PADOVANI NETTO, 2019)”. A inclusão de alunos surdos no ensino regular significa mais do que apenas criar vagas e proporcionar recursos materiais, requer uma escola e uma sociedade inclusivas, que assegurem igualdade de oportunidades a todos os alunos. Para isso cada instituição de ensino, com seus gestores, equipes de apoio e os professores devem conhecer as singularidades dos alunos surdos, que se entendem como diferentes linguisticamente, por serem usuários de uma língua de sinais, prevalecendo a comunicação por gestos e onde o visual tem uma importância significativa para o aprendizado. Com isso, os professores devem buscar desenvolver metodologias de ensino adequadas às necessidades educacionais específicas desses estudantes, que podem envolver o uso de intérpretes de língua de sinais (se dispuserem), aplicativos, vídeos aulas legendadas e materiais didáticos adaptados, entre outros recursos. A formação docente continuada é fundamental para que a inclusão do

² Podemos destacar aqui, em um contexto de educação no Estado do Pará a pesquisa e trabalho de Ernesto Padovani: O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos. 2018

aluno surdo ocorra de forma efetiva, pois o professor é o mediador do processo de ensino-aprendizagem e deve estar preparado para lidar com a diversidade em sala de aula.

O ensino de História para alunos surdos é um desafio e também uma oportunidade de ressignificar o ensino para os docentes. A História é uma disciplina que envolve a compreensão de diferentes contextos, culturas, tempos históricos, que podem ser difíceis de transmitir para os alunos que não têm acesso à linguagem oral. Por outro lado, os alunos surdos têm uma riqueza cultural e linguística própria, que pode ser valorizada e explorada no ensino de História, fazendo da inclusão uma aula de cidadania. Entretanto, é preciso que os professores conheçam e respeitem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a primeira língua dos alunos surdos, e que utilizem recursos visuais para facilitar a comunicação e a aprendizagem. Além disso, é importante que os professores estimulem o protagonismo ativo dos alunos surdos em suas aulas, promovendo o diálogo, a reflexão crítica e a construção de identidades históricas.

Para tanto, esboçamos como objetivo principal desta dissertação, a educação como direito de todos, dessa forma necessitando incluir todos os sujeitos que formam a pluralidade da sociedade brasileira. E, com destaque, os seguintes objetivos: a realidade da educação e de professores no município de Breves durante a pandemia de COVID-19, através de entrevistas de cunho qualitativo com docentes e gestores educacionais, usando questionários norteadores para obtenção de fontes orais das experiências de professores e professoras; o uso de estratégias em aulas de História para alunos com surdez, com entrevista oral com docentes que desenvolveram metodologias para implantação de um glossário de História em Libras na escola Gerson Peres, município de Breves; E por fim, o uso de tecnologias digitais como ferramenta relevante para diminuir distância entre alunos surdos e professores, através da verificação de algumas pesquisas que discutem a temática e estudos que já foram desenvolvidos.

Tornar acessível e flexível, estratégias apoiadas no uso de tecnologias digitais, foi um dos objetivos que nortearam a caminhada dos estudos, das produções escritas, das pesquisas durante todo este trabalho dissertativo. Onde a partir de pesquisas de artigos acadêmicos, experiências vivenciadas na escola Gerson Peres, o cenário de uma educação em formato remoto enquanto duraram as aulas não presenciais e se estabeleceu o ensino remoto, criou-se um quadro de Etapas para criação de gifs, através de auxílio de celulares e aplicativos, que irão compor o glossário de História em Libras, em formato de PDF, posteriormente disponibilizado em um site para maior divulgação. Destacando que o site será alimentado com novos sinais, então construído por alunos surdos, levando em consideração a questão do regionalismo para alguns verbetes.

Essa dissertação está estruturada em 3 capítulos, o primeiro intitulado de "Ser docente

e a realidade da educação em tempos de pandemia do COVID-19 em Breves - Pará”, buscando apresentar a realidade dos docentes antes da pandemia, suas complexidades em desenvolver essa profissão por muitas vezes desvalorizada, mas, que foi posta a prova durante a pandemia, com escolas fechadas e como os professores enfrentaram as mudanças no forma de se educar, o que afetou diretamente o aprendizado de todos os alunos e excluindo alguns durante esse processo. Trazendo para a discussão dificuldades históricas em torno de acesso a educação, escassez pedagógica e infraestrutura tecnológica do município de Breves. No segundo capítulo com o título: Ensino de História e surdez em Breves é abordado o ensino de história para alunos surdos na escola estadual de ensino médio Gerson Peres na Cidade de Breves-Pará, a qual já vem desenvolveu uma ação juntamente com professores de história, professora do atendimento educacional especializado e alunos surdos na construção de um dicionário de história em libras (língua brasileira de sinais) onde o mesmo é impresso e disponibilizado para alunos e professores. Abordamos também a questão do currículo local e como ele impacta no planejamento de aulas que envolvam temas históricos regionais e a necessidade de criação de verbetes.

O terceiro e último capítulo: Educação, ensino público e tecnologias digitais, abordará o uso de ferramentas digitais voltadas para o ensino de história com alunos surdos e como elas já vinham sendo difundidas cada vez mais, sejam elas para a formação de profissionais como professores, e como item necessário em aulas do ensino regular, ganhando atribuição importantíssima no cenário que vivenciamos durante a pandemia do COVID-19. De forma geral o uso de tecnologias em sala de aula com alunos surdos, busca facilitar, dinamizar e construir uma nova forma de ensino, para que se alcance sucesso nesse formato de ensino é necessário estratégias que visem tornar as aulas mais apreciadas pelos alunos, com o intuito de fazer os discentes se identificarem com o que foi proposto na aula. Esse capítulo também foca em dissertar sobre o uso de tecnologia para a construção de material pedagógico nas aulas de História durante as aulas não presenciais geradas pelo ensino remoto, que apesar da importância de educação conectada, com acesso a internet e com infraestrutura tecnológica necessária para o desenvolvimento educacional, a realidade das escolas públicas foi evidenciada com a crise sanitária, pois um ensino pautado em tecnologias excluiu muitos alunos, além de os sistemas de ensino não estarem preparados para ofertar aulas adaptadas para alunos com surdez.

CAPÍTULO I: SER DOCENTE E A REALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID - 19 EM BREVES – PARÁ.

Nesse capítulo irei abordar o ser Docente no município de Breves, buscando fatos que evidenciem as realidades de professores e professoras em uma cidade marajoara, suas lutas e conquistas, que acabam por caracterizar como desenvolvem o ensino em suas unidades de ensino. Descrevendo o quão é importante a função docente para o desenvolvimento de uma sociedade e como o professor se transforma, se adapta, se reinventa frente a um sociedade em constante mudanças e como isso impacta diretamente sua função de ensinar. O capítulo dará ênfase em um dos períodos mais triste da história recente, a pandemia do COVID-19, e como ela impactou diretamente a vida na cidade de Breves e como gestores educacionais e docentes se desdobraram para ofertar educação pública em um cenário de angústias e de mudanças no formato de aulas, do presencial para o ensino remoto. Tendo em vista que as aulas foram suspensas e posteriormente retornaram de forma não presencial e remota, usando caderno impressos e apoio de meios digitais como celulares, computadores, canais de internet, aplicativos como: Google meet, WhatsApp, aplicativos e outras redes sociais, abordarei a realidade da escola Gerson Peres, de professores e comunidade escolar e como foram as aulas durante esse período em um realidade de educação pública com evidentes problemas de infraestruturas, logísticas entre outras.

1.1 SER PROFESSOR EM BREVES

Ser professor é difundir culturas, conhecimentos, debater ideias, aprender com os alunos, aprender a ensinar, lutar por mudanças, se reinventar a cada ano letivo, novos estudantes e acreditar na transformação de uma sociedade visivelmente desigual através da educação. Compreender a essência do ser professor, e do papel da docência é importante para entender as transformações da sociedade e como uma influencia e molda a outra (docência/sociedade). Como Bittencourt (2009), *em Ensino de História: fundamentos e métodos*, afirma, quando se fala em função social do professor não podemos esquecer-nos de destacar que a sociedade também vem sofrendo transformações bruscas em diversos setores e essas mudanças também causam impactos na formação dos professores.

A partir de 2020 o mundo foi impactado com a pandemia do COVID-19 afetando diretamente todos os setores da sociedade, no contexto educacional as instituições de ensino em

um primeiro momento tiveram suas atividades suspensas e posteriormente foram inseridas em um novo formato educacional, - a expressão novo normal foi de certa forma incorporada entre docentes e discentes durante aulas remotas. Diante dessa emergência global, podemos perceber a plasticidade de docentes para reorganizar, adequar e criar metodologias que atendessem as necessidades que o momento exigia e ainda exige.

Como bem destaca Bittencourt (2009), pode-se dizer que o "ser" professor é extremamente complexo, tendo em vista que tanto os contextos sociais quanto educativos condicionam o profissional docente, atribuindo essas mudanças à sociedade. O mais importante, é constatar que o professor deve dominar uma gama de competências, conhecimentos e saberes para desenvolver seu papel de educador diante das complexidades que se apresentam no cenário educacional em que ele está inserido. Ficando claro que para o docente alcançar o objetivo da aprendizagem, o saber e o aprender do aluno, ele necessita superar desafios que surgem na sua caminhada docente. Não é exagero afirmar que a profissão de professor é imprescindível na sociedade, podendo se destacar essa característica de adaptação frente a situações de transformações paulatinas ou brutas que a educação passa. Diante desse quadro, o professor se faz e se refaz diante da realidade que lhe é apresentada.

Conforme abordado acima é interessante, aliás, destacar que não é um fenômeno da atualidade, da educação em tempos de pandemia do covid-19, em que o professor se viu frente a desafios e complexidades da docência. Para muitos, que não refletem de forma profunda a profissão docente, ser professor é meramente reproduzir conteúdos em salas de aulas e não relacionam com as mudanças que a sociedade passou e passa nas últimas décadas e como isso impactam significativamente o ensino. Sob essa ótica, ganha particular relevância o papel do professor como o personagem que muitas vezes esquecido, é aquele que frente a uma realidade específica, de um diagnóstico feito de seus alunos e do ambiente que o cerca, cria estratégias e metodologias para enfrentar os desafios de ser professor em escolas públicas, em fim, para atender as necessidades que surge, o professor, está em constante formação.

Como afirma Freire (1996), para ser docente é exigido rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional. O autor deixa claro, a importância da formação docente como ação necessária para alcançar o objetivo da transformação da sociedade, destacando um processo de amadurecimento paulatino do ser

docente.

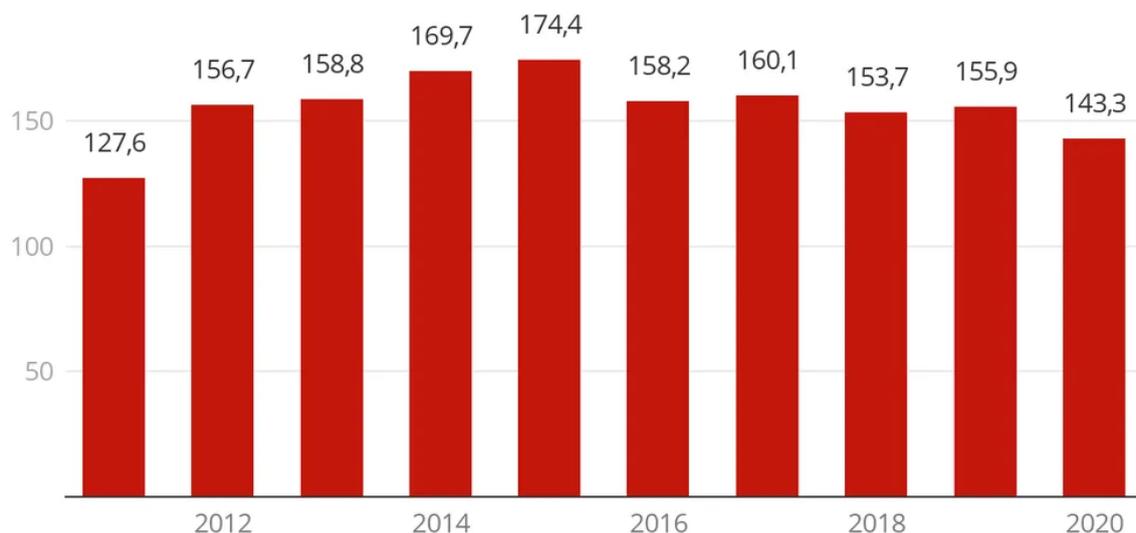
Nesse contexto, fica claro que ser professor é uma função atribuída de complexidades, pois o fazer docente está sempre em constante transformação em detrimento de uma sociedade em movimento contínuo de mudanças, impactando diretamente na escola e no próprio educando. Não é exagero afirmar que ser professor atualmente é ser dotado de plasticidade e adaptação. Paulo Freire deixa claro as inúmeras atribuições e exigências do ser docente. “A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 32).

Ora em tese, o professor, além da docência/ensinar tem outros desafios, como ser um eterno estudante, o ouvinte e conselheiro diante das inúmeras frustrações de seus alunos, o ser político diante das problemáticas que sofrem a educação pública e ademais situações que brotam no dia a dia na escola. É importante destacar que nos últimos anos o investimento em educação por parte do governo federal vem diminuindo consideravelmente, sendo o menor em 10 anos, como demonstrado na figura 2 a seguir:

Gráfico 1 - Redução do investimento em educação entre 2011 e 2020 pelo Governo Federal

Orçamento do Ministério da Educação (em R\$ bi)

Valor do MEC em 2020 foi o menor desde 2011, aponta relatório.



Fonte: Siafi (Tesouro Nacional)/Todos pela Educação (apud OLIVEIRA, 2021)

A educação como guia para o desenvolvimento e futuro melhor de um povo, de um país e de uma nação se encontra desvalorizada no Brasil, distante do almejado por professores, coordenadores, alunos e comunidade escolar. Conforme explicado acima, o Brasil não somente reduziu o investimento em educação na última década, mas tratando-se de Produto Interno

Bruto (PIB) destinado a pesquisas científicas o país está abaixo da média mundial (média mundial 1,76% - Brasil 1,26%) segundo relatório da UNESCO³.

Tratando-se de governo federal os últimos presidentes bloquearam e fizeram cortes de recursos do Ministério da Educação, impactando diretamente na manutenção de programas de qualificação e formação de professores das redes públicas de ensino, aumento do quadro docente e valorização do magistério, julgo pertinente mencionar que a política de desvalorização da categoria docente não é uma característica somente do governo federal, por exemplo, no município de Breves é recorrente nos últimos anos greves por parte da categoria de professores e outros agentes educacionais.

Profissionais da educação do município de Breves, assim como de municípios vizinhos tornaram-se comum em noticiários por greves⁴, ocupações, seja da câmara municipal, secretaria de educação e prefeitura (Figura 1).

Figura 1 - Profissionais da educação municipal ocupando prédio legislativo na cidade de Breves.



Fonte: G1 Pará (2017)

Passando de duas décadas do terceiro milênio, a cidade de Breves na Ilha do Marajó

³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2022/07/5020828-visao-do-correio-educacao-em-frangalhos.html>. Acesso em 30 mar. 2023

⁴ Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/profissionais-da-educacao-municipal-de-breves-iniciam-greve-com-manifestacao-em-frente-a-prefeitura-1.512516>. Acesso em 30 mar. 2023

ainda enfrenta graves problemas na educação o que preocupa a todos que analisam o cenário socioeconômico da região que muitas vezes é motivo de matérias em jornais, pois o município é ligado a outras cidades por rios, sendo seu território cortado por diversos rios, encarecendo o transporte de tudo para chegar a cidade, inclusive do necessário para o desenvolvimento e manutenção da educação. O deslocamento de professore(a)s, principalmente para área rural, é feito por barcos a motor, educadores esses que ficam responsáveis por também levar até unidades escolares ribeirinhas materiais escolares para uso discente e docente e a alimentação quando disponível. Esse é um motivo pelo qual é muito importante frisar esse ponto, uma vez que o docente no município de Breves, e outras cidades ribeirinhas, acabam por desenvolver atividades que extrapolam a função do ensino.

Dessa forma, ser professor juntamente com a responsabilidade de ensinar, compartilhar e construir conhecimentos, ser docente em escolas ribeirinhas é ser polivalente, já que o fazer educação em regiões de florestas e rios têm suas peculiaridades, pois:

O docente que participa deste processo de aprendizagem, acaba por vivenciar variados papéis: leciona, faz merenda, dirige e limpa a escola e também lida com uma realidade difícil: várias idades e níveis de aprendizagens que estão vinculados à grande evasão escolar e repetência. (MENDES, 2008, p. 81).

A prática pedagógica do docente acaba por ser impactada por essa realidade, cabendo ao professor planejar sua ação de acordo com os problemas vivenciados no ambiente escolar, onde professores e professoras assumem a função de ouvinte de seus alunos indo muito além de somente transmitir conhecimento.

Pode-se dizer que ser professor é um ofício que exige dedicação e esforço, nesse contexto fica claro que a docência vai mais do que ministrar aulas, corrigir cadernos, elaborar, aplicar e corrigir provas, ser docente é ter habilidade socioemocionais que podem viabilizar uma prática docente afetiva e mais próxima das realidades de seus alunos. É importante destacar que apesar das dificuldades da profissão docente, podemos constatar que professores e professoras são capazes de se adequar diante das adversidades que surgem no seu cotidiano escolar. Conforme citado acima, pode-se dizer que ser docente em dias atuais é uma tarefa árdua frente às transformações, problemáticas, diversidades e situações de cada contexto que se desenvolve o processo educacional a ser analisado.

Em 2013, vários municípios foram objetos de destaques em redes sociais, sites jornalísticos e páginas de divulgação de pesquisas, após divulgada a avaliação do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM), com base no censo do IBGE de 2010 e coordenado pelo PNUD/ONU. A divulgação do resultado trouxe a cidade de Melgaço como a

pior cidade entre os municípios brasileiros e o foi intitulada pior lugar para se viver, evidenciando as mazelas das cidades do Marajó, pois dentre os 16 municípios que compõem a Ilha, 8 fazem parte dos 50 menores IDHs do ranking.

Além de Melgaço, os piores resultados do Marajó foram: Chaves (453), Bagre (471), Portel (483), Anajás (484), Afuá (489), Currálinho (502) e Breves (503). Estes estão na lista dos 50 piores resultados por municípios do Brasil...O baixo índice de Desenvolvimento Humano dos municípios do Marajó não chegou a surpreender. Há anos, a região, famosa pela riqueza da biodiversidade e pela belíssima paisagem, ocupa postos vergonhosos quando o assunto são os indicadores da qualidade de vida. (DIÁRIO DO PARÁ⁵, 2013,).

1.2 A PANDEMIA DO COVID – 19 NO MUNICÍPIO DE BREVES E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ENSINO PÚBLICO

Com o advento da pandemia do COVID-19 em 2020, novamente o Marajó torna-se protagonista em redes midiáticas frente ao caos da saúde pública, Breves se tornando a cidade com maior contaminação no Brasil, tendo um acelerado processo de contaminação de sua população.

Figura 2 - Lancha transportando pacientes com Covid do meio rural para hospital na cidade.



Fonte: Taketa (2020)

Por consequência, a pandemia impactou diretamente o ensino público, sua oferta a alunos e alunas foram suspensas, paralisando as atividades de ensino-aprendizagem de forma

⁵ A matéria completa aborda sobre as problemáticas e realidade que já são de conhecimento por autoridades e políticos sobre a situação das cidade marajoaras. <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-252510-idh-expo-abandono-em-que-vive-o-marajo.html?d=1> Acesso em 03 abr. 2023

presencial em virtude das restrições impostas pelo distanciamento social. Passado o período mais difícil da pandemia, onde medos, angústias, e aflições foram sendo de certa forma domados, os sistemas de ensino foram gradativamente organizando retorno das aulas, sejam elas de forma remota, com auxílio de sites, plataformas, ferramentas e sites como o Google Classroom, Google meet, WhatsApp, Facebook, YouTube, Zoom, entre outros meios tecnológicos. Entretanto, na cidade de Breves, a baixa qualidade da conexão à internet, foi um problema seríssimo para os docentes desenvolvessem atividades educacionais que necessitassem acesso a internet, também vale destacar que a maior parte dos professores não tinham experiência em uso de ferramentas (sejam elas aplicativos ou manejo de ferramentas, como câmeras, microfones, etc) que permitisse aulas remotas antes da pandemia, um outro fator é a situação econômica de discentes de escolas públicas.⁶

Figura 3 - Tecnologias e educação na pandemia do COVID-19.



Fonte: Microsoft

Conforme indicado no artigo de Carneiro et al. (2020), a dificuldade de acesso a recursos tecnológicos por parte dos discentes e a falta de equipamentos para docentes foram uma realidade compartilhada por uma parte considerável do ensino público em todas as esferas dos sistemas educacionais brasileiros. Por mais afeiçoada que a sociedade atual esteja a tecnologias, as mesmas não são acessíveis a todas as pessoas.

1.3 A ORGANIZAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO – SEDUC/PARÁ

A implantação do ensino remoto durante a pandemia do COVID-19 evidenciou as

⁶ Disponível em: <https://gestrado.net.br/quase-90-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa/> Acesso em 03 abr. 2023

disparidades entre regiões no quesito acesso à internet e falta de domínio de tecnologias pelo corpo de docentes das escolas públicas. No município de Breves essa alteração do formato de aulas, então levou a criação de estratégias direcionadas pelas unidades escolares e secretarias de educação (Seduc e Semed) com o intuito de oferecer a educação sem interação física entre docentes e discentes, que atendessem as especificidades e realidades das unidades escolares que compõem as suas respectivas redes de ensino.

Figura 4 - Protocolo de retorno das aulas em formato remoto e gradativamente presencial enviado pela Seduc – Pará as escolas públicas pertencentes a sua rede de ensino.



Fonte: Seduc/Pará (2020)

Nesse contexto, o Estado do Pará, organizou o retorno das aulas a partir de setembro de 2020, até então suspensas desde 18 de março de 2020, para que as mesmas voltassem de forma não presenciais como proposto por documento enviado em junho de 2020 pela Seduc as escolas estaduais intitulado de Plano de Orientação de Atividades Escolares Não Presenciais – POAENP⁷:

O planejamento das aulas não presenciais é de extrema relevância para nortear todas as nossas atividades neste período. Diante desse desafio, buscamos possibilidades de

⁷ Disponível no site do Conselho Estadual de Educação do Pará: <http://www.cee.pa.gov.br/?q=node/108> acessado em 05/04/2023

continuar garantindo oportunidades de aprendizagem para nossos estudantes por meio de atividades não presenciais, disponibilizadas pelos vários instrumentos que compõem a ação “Todos em Casa pela Educação” (SEDUC 2020, p.4)

O referido documento apresenta uma série de medidas e ações propostas pela Seduc para organizar o ensino, focando mais em cumprimento de carga horária de acordo com a LDB, ferramentas e instrumentos a serem utilizados nas aulas não presenciais, além do registro, acompanhamento e processo avaliativo enquanto estivesse vigente a suspensão das aulas presenciais nas unidades de ensino.

Seguindo essa proposta a SEDUC elabora o documento “Planejamento de retorno às Aulas” que segundo o mesmo “apresenta diretrizes para retomada das atividades a serem desenvolvidas no âmbito das Unidades de Ensino. Diante dos desafios impostos pelo atual contexto, estas orientações visam subsidiar o retorno às aulas presenciais” (PARÁ, 2020, p. 4). Prevendo o retorno de forma gradual das atividades presenciais em suas unidades escolares o documento sintetiza orientações sanitárias para a comunidade escolar, dentre elas distanciamento social, higiene e cuidados pessoais buscando prevenir a contaminação dentro das escolas, além da divisão em atendimentos não presenciais atendimentos escalonado presenciais e grupos prioritários.

Figura 5 - Fases de retorno das atividades escolares proposto de Seduc-Pará.



Fonte: Seduc/Pará (2020)

Essa alteração do formato de ministrar aulas e de suas rotinas diárias foi um desafio para todos os personagens envolvidos na relação ensino aprendizagem presentes no ensino público, seja pela falta de estrutura em suas casas ou da própria escola, ou, por exemplo, de questões emocionais e psicológicas de docentes, discentes, gestores escolares, pais e responsáveis que vivenciavam o medo e incertezas do período mais críticos da pandemia. As próprias orientações propostas no referido planejamento deixavam o retorno presencial a critério do cenário epidemiológico do Estado e de cada região, podendo sofrer alterações nas datas.

1.4 A REALIDADE DA ESCOLA GERSON PERES

É importante destacar os problemas vivenciados pelas escolas para o retorno das aulas, sejam elas aulas não presenciais ou presenciais. Nos depoimentos realizados junto a direção da escola Gerson Peres em Breves, a entrevistada relata como foi a experiência de professores, gestores, coordenação pedagógica e discentes frente ao ensino não presencial:

Essa atividade a distância não foi saudável, por que os alunos não respeitavam os horários da aula, por mais que os professores estivessem ali com o cronograma estabelecido de horário de aula, os alunos não seguiam aquele horário, eles procuravam os professores em horários impróprios em qualquer momento e qualquer dia da semana e como todos tinham acesso ao contato do professor, mãe entrava em contato, pai para reclamar, para ficar sabendo das orientações pra cobrar o filho em casa. Então assim o trabalho do professor se multiplicou muito, por que o professor não tinha mais o contato com o aluno somente no seu horário, como isso acontece nas aulas presenciais, onde o professor entrava no seu determinado horário na sala de aula, dava sua aula e depois perdia o contato com o aluno, não, na pandemia foi muito difícil, por que esse contato era o horário que o aluno desejava, alguns seguiam, mas a maioria não respeitava esse tempo, isso foi muito cansativo pra todos, não só para professor, mas para toda a equipe da escola, equipe gestor, da coordenação, por que passou a trabalhar com todos os alunos através do celular, de aplicativos, justificativas de faltas, informes, tudo pelo celular, então teve professor que adoeceu que ficou com uma carga de estresse muito grande e quando foi para encerrar as aulas remotas através do WhatsApp, foi unânime, por que foi muito cansativo (Arabela Guerreiro da Silva Carvalho, Diretora da escola Gerson Peres em 2020).

Conforme narrado pela professora Arabela, o atendimento não presencial dos alunos concentrou-se usando smartphones com auxílio do aplicativo WhatsApp, tentando criar uma rotina de estudos estabelecida com horários para interações, entre docentes e discentes mediadas por celulares. Essa realidade de um ensino não presencial evidenciou que houve uma sobrecarga do trabalho docente, além de mostrar que os jovens estudantes não tinham maturidade para estudarem de forma a distância.

Outro fato que a pandemia revelou é que dentre os vários desafios que a educação pública passava, entre eles se destacava a falta de formação entre os professores e professoras

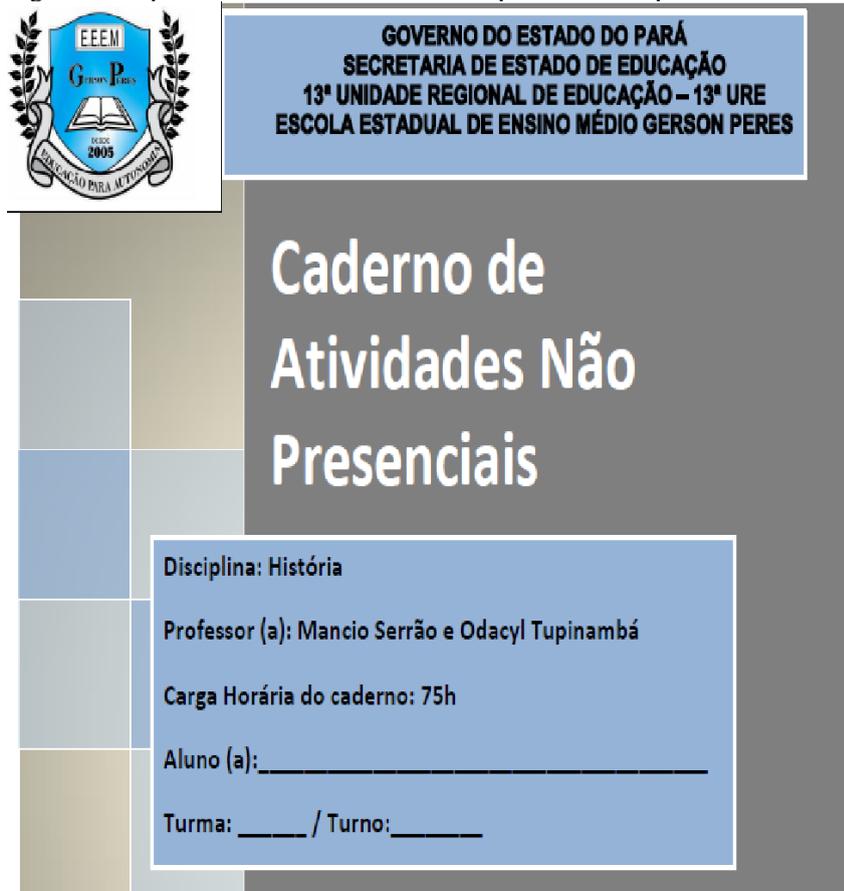
da rede estadual que soubessem dominar meios que efetivassem o ensino remoto, objetivando preparar profissionais da educação e docentes para esse novo formato de aulas, formações foram promovidas pelo Centro de Formação Continuada de Professores da Educação Básica do Estado do Pará (CEFOR).

Ao entrevistar a professora Arabela, diretora em 2020, em relação ao ensino remoto e aulas não presenciais propostos pela Seduc, se houve levantamento junto às escolas, equipes pedagógicas e direção da escola em concordarem em realizar as atividades por meio do ensino remoto, a mesma afirma categoricamente que não houve diálogo entre a Secretaria de Educação Estadual e equipe diretiva e sim um direcionamento imposto:

Nós recebemos toda a orientação como deveria acontecer, mas, não ouve nem um meio para que a gente pudesse opinar, se aconteceria ou não, só falaram que deveria acontecer, que poderia ser via WhatsApp, tele aulas que eles disponibilizaram na época, mas, que não surtia tanto efeito, eles abriram também pela televisão e pelo canal do YouTube do AVA/CEFOR algumas aulas (Arabela Guerreiro da Silva Carvalho).

Diante dessa situação real de retorno de aulas no formato não presencial, profissionais e docentes comprometidos com o ensino público movimentaram-se para melhor atender os alunos público-alvo da rede pública de ensino e buscando transpor as barreiras vivenciadas por grande parte dos discentes, que antes da pandemia já viviam a margem de uma sociedade extremamente desigual e com o isolamento social imposto pelo COVID-19 foram ainda mais marginalizados. Na escola Gerson Peres, ocorreram reuniões virtuais promovida pela direção e equipe pedagógica da unidade de ensino para repassar aos docentes como iriam ocorrer as aulas não presenciais, que inicialmente se dava pela entrega de cadernos de atividades construídos pelos professores, aos estudantes que posteriormente deveriam devolver junto a escola.

Figura 6 - Capa de caderno de atividades não presenciais disponibilizados aos estudantes da escola Gerson Peres.



Fonte: Do autor (2023).

Vale destacar que a escola enfrentava o medo do contágio pelo Coronavírus:

Quem vinha receber e entregar esse material era direção, coordenação e pessoal do apoio, os professores não vinham, para o final ficou mesclado, tinha professor que preferiu receber o material todo virtualmente, todo em arquivo e alguns ainda queriam físico, impresso pelos alunos e esses professores que queriam esse material físico pedimos para eles virem receber esse material aqui na escola, quando eles vieram receber, optaram por não querer mais físico, e sim tudo em mídia, então não teve mais esse cronograma de vir aqui, de trabalhar com papel, passou tudo em mídia. Logo no início foi algo simples, com período longo para o aluno ficar com as atividades, depois os professores começaram a trabalhar mais intensamente, como se fosse sua hora-aula, os alunos que não tinham acesso a internet, eles vinham para a escola, as últimas atividades de aula foram todas virtuais, os professores não trabalhavam com nada mais impresso. (Arabela Guerreiro da Silva Carvalho, 2023).

Assim, entre um período de medo, angústias e retorno não presencial com professores confeccionando material de suas respectivas disciplinas para impressão e entrega para os alunos, os docentes tiveram que se reinventar, buscando formações online, trabalhando de forma colaborativa para dominarem um ensino agora dependente de ferramentas virtuais e de tecnologias de informação.

Iniciado o ano letivo de 2021, as aulas na escola concentraram-se de forma virtual, usando aplicativos como o WhatsApp e o *Google classroom*, necessitando dessa forma de apoio

de celulares, notebooks com acesso a internet, para os discentes que não dispunham de celulares e computadores em suas residências, a escola disponibilizou o laboratório de informática para que os mesmos desenvolvessem suas atividades. É de fundamental importância destacar que nesse momento, os professores e professoras da escola tiveram trabalhos aumentados, tendo em vista que esse sistema híbrido de aulas remotas acabou por criar vários ambientes virtuais e não presenciais com o intuito de se levar conhecimento para os alunos.

1.5 A ORGANIZAÇÃO DO GOVERNO MUNICIPAL E A REALIDADE DOS PROFESSORES – SEMED/BREVES

O retorno das atividades de ensino não presenciais, para alunos da rede estadual, trouxe a necessidade da Secretaria Municipal de Educação de Breves de criar estratégias para ofertar ensino não presencial em sua rede. O medo do contágio e a situação de precariedades das escolas que fazem parte da rede municipal de ensino foram uma sensação compartilhada pela comunidade escolar. Vale destacar que a situação de vulnerabilidade econômica é uma realidade de parte considerável da população brevesense, criando uma classe estudantil desprovida de bens tecnológicos de uso pessoal ou coletivos em suas residências, nesse caso celulares e computadores. Mas, de qualquer forma, foi organizada pela Semed/Breves critérios para alcançar as unidades escolares que compõem o complexo município, tendo em vista que a maior parte das escolas estão situadas na zona rural. Exigindo que mais uma vez de professores e professoras que fossem não somente os formadores/construtores de conhecimentos, mas os entregadores de materiais impressos e kits de alimentação escolar⁸.

⁸Sobre a alimentação escolar, gestores municipais tiveram que solucionar um impasse de ordem legal, tendo em vista que o recurso financeiros para aquisição de alimentação estavam disponíveis ou já tinham sido licitados, dessa forma foram obrigados a criarem uma estratégia que esses alimentos chegassem nas mãos dos estudantes, nos links abaixo podemos conferir como se deu esse processo pela Semed/breves e também pelo governo do estado do Pará, que criou um cartão de vale alimentação destinados aos estudantes de sua rede de ensino Atenção Entrega de Kits de alimentação escolar na escola Miguel Bitar! <https://www.facebook.com/semdbreves/videos/aten%C3%A7%C3%A3o-entrega-de-kits-de-alimenta%C3%A7%C3%A3o-escolar-na-escola-miguel-bitar/226368832795791/> Acesso em 06 abr. 2023
Entrega dos cartões entra na reta final <https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/10486-entrega-dos-cartoes-entra-na-reta-final> Acesso em 06 abr. 2023

Figura 7 - Professoras da Semed/Breves organizando kits a serem entregues para os alunos do meio rural.



Fonte: Semed/Breves (2022)

O perfil de professores e professoras em cidades ribeirinhas como Breves no Marajó é, portanto, se sobrepôr a ideia da beleza que encanta a docência, mediada pela relação ensino aprendizagem em uma sala de aula ou escolas perfeitas. Afinal de contas a realidade do ensino público já era preocupante, com as imposições em detrimento do distanciamento social necessário para conter o contágio⁹ que já tinha alcançado números alarmantes em cidades como Breves, a educação pública viveu momentos de penúria com escolas fechadas, mas era necessário gradativamente retomar com a oferta de ensino público de alguma forma e a estratégia inicial foi a entrega de materiais com textos norteadores e atividades para os alunos. Portanto, exercer a docência em escolas públicas já é desafiador, no contexto marajoara em período da pandemia do COVID-19 foi um ato de reconstrução da prática, além de incertezas e inseguranças quanto ao futuro.

Conforme explicado acima é interessante, aliás, afirmar que os docentes de escolas localizadas no meio rural/ribeirinhas já desenvolviam atividades que não eram atribuições, desde preencher cadastros de presença escolar para o Bolsa família, fazer merenda e prestar contas do uso da alimentação escolar, limpar a escola, entre outras funções. Agora diante de aulas não presenciais o docente em escolas ribeirinhas, era o responsável por levar até essas

⁹ PARÁ. DECRETO Nº 729, DE 5 DE MAIO DE 2020. Dispõe sobre a suspensão total de atividades não essenciais (lockdown), no âmbito dos Municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Castanhal, Santa Isabel do Pará, Santa Bárbara do Pará, Breves, Vigia e Santo Antônio do Tauá visando a contenção do avanço descontrolado da pandemia do corona vírus COVID-19. DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO . Disponível em: <https://www.sistemas.pa.gov.br/sisleis/legislacao/5578#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20729%2C%20D%205,conten%C3%A7%C3%A3o%20do%20avan%C3%A7o%20descontrolado%20da> Acesso em 06 abr. 2023

localidades então distante da cidade os materiais impressos e entregar para os alunos ou seus responsáveis cadernos de atividades. E educação no meio rural no município de Breves¹⁰, no que lhe concerne, eram 224 escolas e 537 professores no ano de 2021 segundo o censo escolar¹¹. Como podemos verificar na figura a seguir, existe um certo equilíbrio entre zona rural e zona urbana no quesito composição da sociedade brevesense.

Gráfico 2 – Características de habitação e população do município de Breves.



Fonte: IBGE

Uma dificuldade em ser docente nas unidades escolares localizadas no meio rural é o deslocamento, chegar até a escola. E essa característica natural, do Marajó das florestas e das águas, entrelaçado por rios e furos, é a realidade dos professores do meio rural, obstáculos a serem superados diariamente anos após anos, assim reveste-se de particular importância lembrar que adversidades ocorreram antes e durante a pandemia enquanto durou o ensino de forma não presencial, acidentes, alagamentos e fatalidades.¹²

¹⁰ Para melhor detalhar as escolas localizadas em áreas ribeirinhas, consultar o anexo que mostra como é distribuída às escolas no meio rural através de mapas.

¹¹ Disponível em <https://qedu.org.br/municipio/1501808-breves/censo-escolar> acessado em 06 abr. 2023.

¹² Para fazerem as entregas dos cadernos impressos os professores do meio rural, seguiam um determinado fluxo, receber os cadernos junto a Divisão de Assistência ao Estudante, um prédio localizado próximo a área portuária, e a partir daí chegarem até suas escolas localizadas nas áreas rurais, pegar um barco que faz linha para o rio que fica sua escola, muitas vezes ele não passa na sua unidade escola, dessa forma, o professor muda para uma embarcação menor, aqui denominada *rabeta*, um embarcação não coberta feita de 3 tabuas, com um motor de popa, sendo de pequeno porte pegando as vezes no máximo 4 pessoas. A realidade de professores e entrega de material escolar no meio rural foi matéria de jornais, no município de Melgaço professores morreram em virtude de um acidente durante entrega do material, como podemos vê a seguir:

Assim sendo, a pandemia fez emergir questionamentos relativos a problemáticas que antes eram amenizadas, quando o assunto era educação pública em regiões marcadas pelo isolamento e precariedade. Em 2022 um relatório elaborado por técnicos do TCM – PA que diagnosticou a educação dos municípios que compõem a região do Marajó, afirma que "15 municípios da região não existe o planejamento como ferramenta norteadora da gestão da Secretaria Municipal de Educação e das unidades escolares". Durante entrega do relatório, a presidente do TCM enfatiza a situação que vive a educação dos municípios do Marajó¹³:

Sabemos que esta construção coletiva só está sendo possível face a sensibilidade de todos os envolvidos, principalmente quando nos deparamos com IDHM e IDEB que mostram o contexto desfavorável e vulnerável dessa região. A gente espera que a partir deste documento, os gestores municipais possam proporcionar ações e investimentos para o desenvolvimento da educação nos municípios (Conselheira Mara Lúcia, Presidente do TCM-PA, 2022).

Desenvolver e potencializar a educação pública é fundamental para a transformação de uma sociedade. Conforme evidenciado pela pandemia o ensino público brasileiro foi destaque como sendo de baixa qualidade, frente às necessidades de ofertar educação de forma remota usando meios digitais, nesse sentido, pode-se dizer que a situação da infraestrutura das unidades escolares e dos personagens responsáveis pela educação tornaram-se pautas a serem discutidas mais a sério. Políticas públicas de transporte público, alimentação escolar, qualidade das condições de trabalho e infraestrutura escolar, por exemplo, foram pontos a serem destacados para melhorar a qualidade do ensino em cidades marajoaras.

De acordo com o relatório do TCM-PA:

O trabalho evidenciou a existência de estabelecimentos escolares com situação precária de infraestrutura e condições higiênico-sanitárias, que necessitam de providências necessárias à garantia de um ambiente escolar seguro aos estudantes e

Uma pequena embarcação, do tipo "rabeta", naufragou na região de Breves, no Marajó. Um professor que fazia entrega de material didático e um ribeirinho, dono do barco, foram resgatados com vida. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/06/16/apos-entrega-de-material-didatico-professor-e-ribeirinho-sao-resgatados-de-naufragio-proximo-a-breves-veja-video.ghtml>

Professor morre em acidente de rabeta enquanto entregava atividades para estudantes sem aula no PA Nilton Leal Rodrigues era professor de história do município de Melgaço, no Marajó. A rabeta que transportava o grupo se chocou com outra embarcação. Outra professora também ficou gravemente ferida no acidente. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/09/14/professor-morre-em-acidente-de-rabeta-enquanto-entregava-atividades-para-estudante-sem-aula-no-pa.ghtml>

Um professor da rede municipal de ensino de Melgaço, na Ilha do Marajó, está desaparecido. Edinaldo Oliveira não é visto desde a última quarta-feira (14), quando deu aulas na área rural da cidade. Testemunhas afirmam que o educador teria saído em uma rabeta depois de terminar de ministrar as classes e logo depois não foi mais visto por familiares ou amigos. <https://www.oliberal.com/policia/professor-desaparece-apos-acidente-de-rabeta-em-melgaco-na-ilha-do-marajo-1.316542>

¹³ <https://atricaon.org.br/atricaon-participa-de-entrega-relatorios-sobre-educacao-para-municipios-do-marajo/>

com condições mínimas de funcionamento no retorno às aulas presenciais. (TCM – PA, 2023)

Das principais causas possíveis para essa realidade, dentre as inúmeras que são existentes, a principal que podemos relacionar é os recursos financeiros, tendo em vista que fatores geográficos, dependência de transporte fluvial para deslocamento de pessoas e materiais, eleva o custo de fazer educação em cidades como Breves.

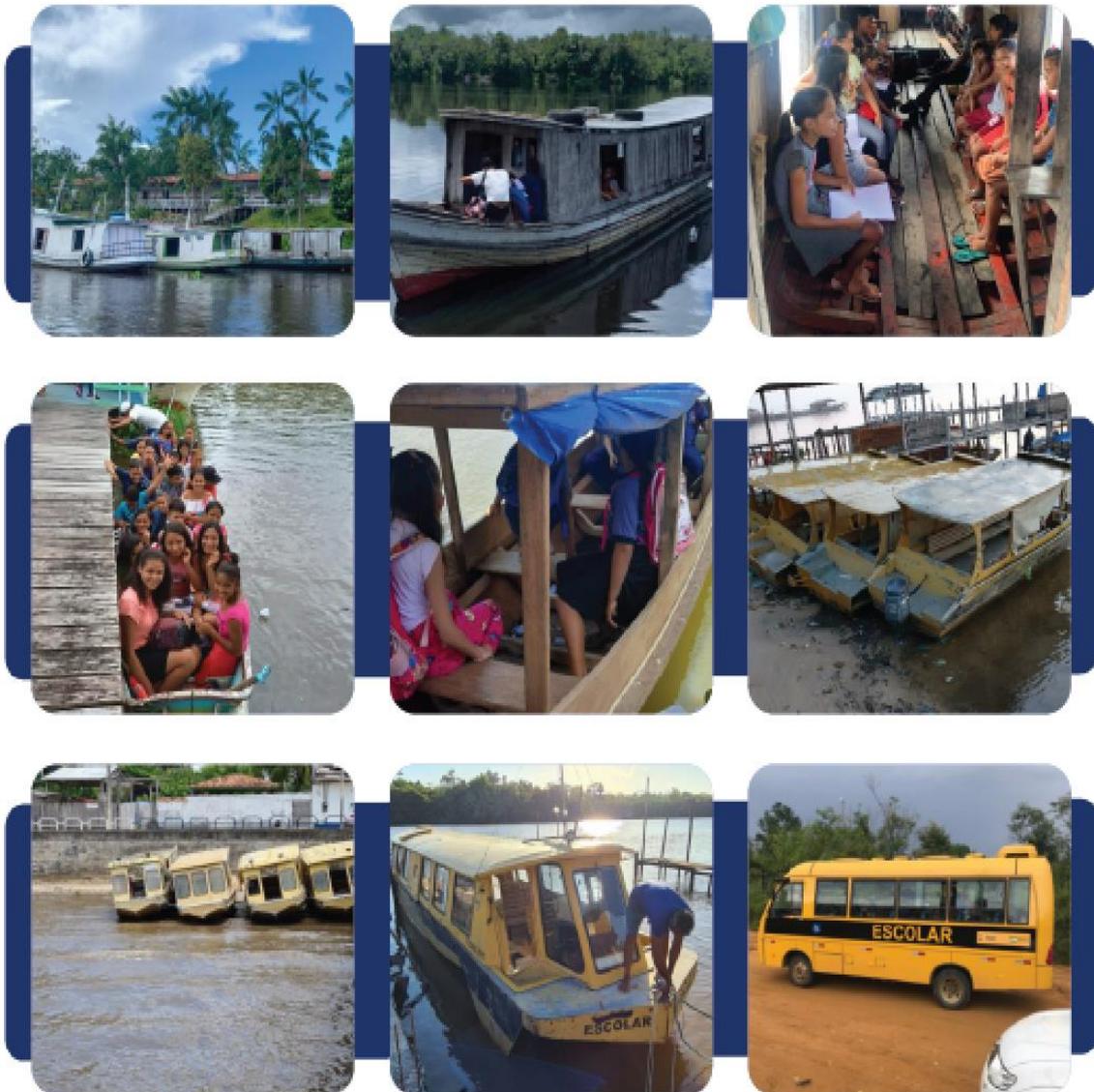
O relatório também menciona que para melhorar os indicadores educacionais necessita-se de formação continuada e valorização dos profissionais do magistério. Esse é um motivo que é importante salientar, uma vez que, frente a expansão de faculdades a distância, ofertando licenciaturas em cidades como Breves, também ocorreu políticas de desvalorização dos docentes por parte de gestores municipais, como atraso de salários, não pagamento do piso nacional do magistério, entre outras situações.

Ser professor é ter um papel de extrema importância, uma profissão que não é fácil, tomar a decisão de exercer a docência no meio rural é mais complicado ainda, pois:

É problemático, tem a falta estrutural, omissão do Estado, falta de merenda, falta de combustível, dura 10 dias, 15 dias no máximo, o professor tem que ser um herói, tú sabe que o combustível não vai dá para você dá 20 dias de aula, que só vai dá pra você dá 10 dias de aula, você tem que dinamizar, tem que te virar nos 30, para o aluno poder mentalizar o assunto (Valdenir Gonçalves Souza das Neves, professor de História, 2023).

O transporte escolar é algo extremamente delicado e árduo para se efetivar em Breves. No município não existem empresas de transporte público, dessa forma a prefeitura através de recursos como o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (PNATE) e "Caminhos da Escola" devem viabilizar que alunos acessem a escola. Na área urbanizada, próximo a sede do município é comum notar a presença de ônibus amarelinhos, fazendo o transporte de alunos para unidades escolares onde os mesmos estudam. Entretanto, na zona rural do município, o transporte em sua maior parte é terceirizado, a SEMED contrata "barqueiros", responsáveis pelo transporte de alunos para as escolas, mas, a logística de combustível é insuficiente para atender os dias previstos nos calendários letivos, o óleo diesel ou gasolina usada nos motores dos barcos acaba antes do fim do mês, acarretando perdas para docentes e discentes.

Figura 8 - Embarcações e ônibus usados em transportes escolares no Marajó.



Fonte: Relatório Projeto Fortalecimento da Educação dos Municípios do Estado Pará – TCM/PA (2022)

Essa situação de deslocamento dos alunos busca-se solucionar com a chamada nucleação de escolas em um mesmo local no meio rural, mas, ainda a passos lentos devido certos fatores, como por exemplo, resistência da comunidade escolar em deixar seus filhos irem estudar em lugares distantes de suas localidades. Mas, diante das dificuldades vivenciadas por docentes no município de Breves, o ato de ser professor resiste, buscando transformar vidas. Como narrado por professor de História que já trabalhou escolas da zona rural, no sistema modular de ensino e agora em escolas da área urbana:

Eu trabalho a disciplina de História como professor aconselhador, eu motivo o aluno, falo pra ele que sem educação é difícil você chegar nos dias de hoje em ter um futuro promissor, que só a educação liberta, todo professor é motivador e tem alunos que se espelham no professor, a maneira como a aula é transmitida, o momento que o professor faz o aluno participar daquela aula isso é muito gratificante, quando tú sente

que o aluno tá entendendo, que ele tá participando , perguntando, questionando o professor tem que ser dinâmico (Valdenir Gonçalves Souza das Neves, professor de História, 2023).

Portanto, o papel do professor vai muito além de somente transmitir conhecimentos, seguindo uma didática rigorosa, mas, de inspiração para seus alunos, como um ser dotado de capacidade de adaptação e enfrentamento diante dos novos desafios que vão surgindo. Como indicado por Freire (1991), "ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática". Conforme citado acima, cada professor e professora tem uma história, uma forma de narrar sua trajetória e sua vida como profissional da educação. A oferta, desenvolvimento e sucesso do ensino público, então, devem ser condicionados por estratégias que tenham como foco a valorização, condições de trabalho adequadas para os docentes e infraestrutura para que o aluno permaneça e tenha êxito em sua vida escolar.

Dessa forma, ganha particular relevância, as narrativas de professoras e professores que fazem a educação em Breves e seus relatos de experiências, com as realidades e esperança para o futuro do ensino público. Como nos relatou o professor Valdenir:

Sempre tive o sonho de estudar História, fiz a primeira faculdade desistir, fiz a segunda desistir e terceira conseguir concluir e tudo aquilo que almeja, em se um bom professor, em ser um bom profissional, procuro elabora bem minhas aulas, tento formular o que o aluno vai me perguntar o que ele quer sabe nas aulas e aluno da zona rural é mais aplicado do que o aluno da zona urbana, ele se dedica mais, ele tem mais sede de aprender, faz todos os trabalhos, ele questiona, ele pergunta, a vantagem é que são poucos alunos em uma turma, a disciplina de história, são 20 dias de aulas que corresponde o ano todo, então são geralmente 6 aulas por dia, é o ensino modular, é puxado, no interior. (Valdenir Gonçalves Souza das Neves, professor de História, 2023)

Conforme narrado pelo Professor Valdenir Neves, a vontade de ser docente prevaleceu apesar das desistências, o sonho não só prevaleceu como busca se fazer um docente preocupado com o aluno, buscando criar uma estratégia didática que prenda o aluno, que o envolva. Chama atenção quando ele compara como o aluno da zona rural é mais aplicado que o aluno da área urbana, mas, também destaca que o número de alunos, 20 aproximadamente por turma na zona rural frente a turma compostas por 43 alunos em escolas na cidade. Isso leva a questionamentos, tais como: Quais as problemáticas do ensino modular? Tendo em vista aulas em blocos. Como a quantidade de alunos por sala interfere na qualidade do ensino? Cultura urbana e déficit de aprendizado na juventude?

É importante considerarmos que se tratando de ensino público, por mais que na zona rural segundo o professor Valdenir Neves, exista uma situação deficitária enquanto a questões de logísticas e infraestrutura em suas palavras, como é o caso de não ter energia 24hs nas

escolas, impedindo de usar um Datashow e fazendo com o que o docente somente utilize apostilas e aulas explicativas/expositivas, na cidade os alunos podem usar a internet e podem pesquisar, ele enfatiza que ser professor na zona rural exige algumas habilidades:

O aluno da zona rural é mais curioso, eu tenho uma dinâmica que eu gosto, que é saber a história daquele local, trabalho história local, às vezes o próprio morador da localidade não sabe, o aluno não sabe a própria história dele, então eu busco pesquisar e entrar naquele assunto, pois a vontade de aprender é maior no aluno do interior, principalmente quando ele pega um professor que consegue dinamizar as aulas, que consegue fazer o aluno gostar da aula, acho que essa é a maior satisfação do aluno é isso ele gostar da aula e do professor (Valdenir Gonçalves Souza das Neves, 2023).

Por essas razões, é de se reconhecer que as mudanças ocorridas atualmente na educação pública são profundas e históricas e impactam diretamente a identidade docente, pois essas mudanças sejam devido a entrada de tecnologias nas escolas, políticas de acesso e inclusão de alunos com deficiências em todos os níveis do ensino, educação em um contexto de isolamento social e aulas remotas durante a pandemia do COVID-19, transformam o trabalho docente. A docência já é marcada por uma característica de plasticidade e dinamismo, por lutas, saberes e ideais que vão sendo construídos durante sua vida e agora estão em um processo de transformação acelerada.

Dessa forma é exigido dos docentes cada vez mais que inovem em suas aulas e dependendo da realidade, que se adequem a um novo formato de ser professor, contribuindo de forma imprescindível para a formação humana de seus alunos. Seria um erro, porém, não destacar a disparidade entre ser docente no município de Breves no Marajó em comparação com cidades em centros urbanos, com maior oferta de formação continuada e estrutura de recursos tecnológicos que colaboram para a promoção da aprendizagem.

1.6 SER PROFESSOR EM PERÍODO DE PANDEMIA, ENSINO REMOTO, TECNOLOGIAS E ESTUDANTES.

A docência, o ato de ensinar e exercer o magistério, onde se constrói conhecimentos diariamente junto com os alunos e também se aprende é um processo inacabado, onde ser professor é estar em um eterno processo de construção, pois o cotidiano escolar do professor está em constante transformação:

Nos formamos permanentemente junto com os nossos pares, porquanto, não é possível se referir a sociedade sem considerar o intenso movimento de (trans)formação que ela exerce em nós. Neste sentido a ação docente também está intrinsecamente relacionada aos processos de transformações que a sociedade vive cotidianamente. (CAMPOS; GASPAR; MORAIS, 2020).

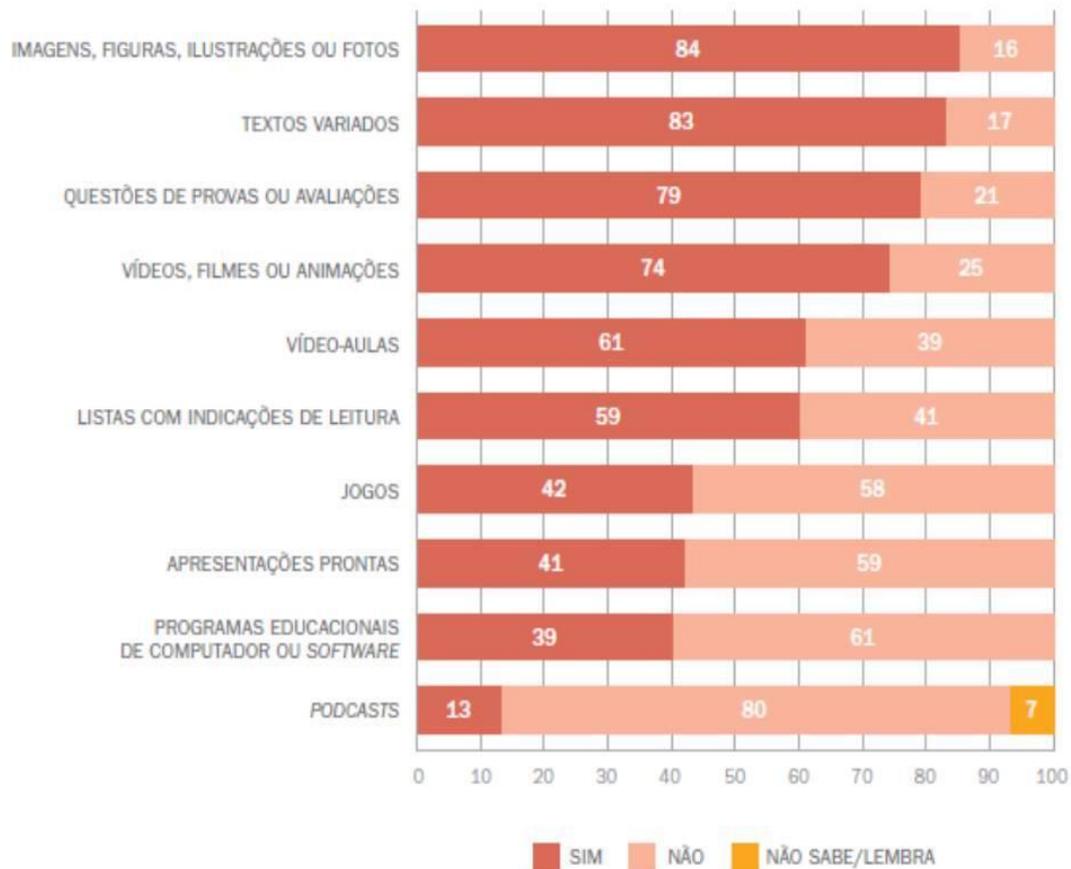
Portanto, o perfil do professor, onde apenas transmite conhecimentos de forma tradicional, já não funciona tão bem, tendo em vista que o professor está inserido em uma realidade educacional em que alunos recebem informações de forma massiva. Diante disso, entender o papel do docente em fazer com que discentes transformem essas informações em conhecimento. Para isso o docente é compelido a lançar mãos dessas ferramentas para que a formação do conhecimento seja mais encantadora e eficaz para o aluno. Como nos assegura BUENO, et al. (2018):

O mundo está mudando constantemente, e assim como ele, a educação também entra nesse processo. A necessidade de um profissional atualizado, trazendo para a sala de aula novas práticas educativas é de uma importância uma vez que a utilização de fontes das quais os jovens fazem uso cotidianamente, são incorporadas no ato de ensinar, poderá propiciar uma maior interação entre professor-aluno acarretando mútua aprendizagem. Desse modo, cabe ao professor de História repensar práticas educativas, em como reger” sua aula, para que não seja tido como obsoleto.

Nesses últimos anos, o uso de tecnologias ou práticas educativas diferenciadas, entre elas meio digitais já vinham sendo gradativamente utilizadas por professoras e professores do ensino públicos, como podemos verificar na figura abaixo, em 2012 a Pesquisa TIC Educação¹⁴ revelou que o uso da internet para preparar aulas já era uma atividade comum entre professores.

¹⁴ Realizada desde 2010, a pesquisa entrevista a comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores) para mapear o acesso, o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em escolas públicas e privadas de educação básica. Disponível em: <https://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2013/> Acesso em 10 abr. 2023

Gráfico 3 – Proporção de professores de escolas públicas, por tipo de recurso obtido na internet para a preparação de aulas ou atividades com alunos (2013).



Fonte: Pesquisa TIC Educação 2012 (CGI.br, 2013).

Conforme demonstrado acima, internet e tecnologias digitais são uma realidade diária vivida por professores e alunos, intensificada pelo uso de aparelhos móveis como celulares e tablets, além da popularização de aplicativos de mensagens.

Gráfico 4 - Proporção de professores, por motivos para levar o computador portátil para a escola (2013) percentual sobre o total de professores de escolas públicas que levaram o computador portátil para a escola.



Fonte: Pesquisa TIC Educação 2012 (CGI.br, 2013).

O uso de Tecnologias Digitais tornou-se indispensável durante a pandemia de COVID-19, da educação básica ao ensino superior, de escolas públicas a escolas privadas foram impactadas diretamente, assim profissionais da educação foram postos diante de um cenário que não tinham imaginado, substituir o ensino presencial por ensino não presencial. Entretanto, as diferentes realidades que compõem o cenário brasileiro, foram visivelmente percebidas tratando-se de Educação em tempos de pandemia.

Os sistemas de ensino particulares tiveram uma resposta mais rápida à implantação do ensino remoto, tendo em vista que as mesmas já eram mais adeptas ao uso de tecnologias e acima de tudo, com infraestrutura tecnológica. Enquanto as escolas públicas tiveram maiores dificuldades, como: falta de recursos para aquisição de infraestrutura tecnológica, acesso a internet, vulnerabilidade econômica de alunos. Essa realidade, que já vinha desde o ensino presencial, dificultou o ensino remoto em escolas públicas ancoradas somente em recursos digitais, levando a criação de outras estratégias para efetivação de um ensino a distância enquanto perdurasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus.

Dessa forma, gestores do ensino público, secretarias estaduais e municipais de educação, buscando minimizar as disparidades e ofertar recursos necessários para atender as diferentes

realidades que os alunos estão inseridos, buscaram implantar estratégias com vários meios. No quadro em seguida, ações utilizadas pela Secretaria de Educação do Estado do Pará e Prefeitura Municipal de Breves, objetivando o ensino.

Quadro 1 – Estratégia de Ensino remoto adotadas pela Seduc/Pará e Semed/Breves.

Seduc/Pará	O estado criou o movimento "Todos em Casa Pela Educação", que distribui atividades e vídeo aulas pela TV aberta, áudios educativos por meio do Seducast, além de conteúdos disponibilizados pela plataforma Enem Pará, destinada aos estudantes concluintes do Ensino Médio. Materiais impressos são disponibilizados aos estudantes que não possuem acesso à internet.
Semed/Breves	A prefeitura suspendeu as aulas do ano de 2020 devido aos índices alarmantes de contágio que alcançou no município. No segundo semestre houve programa de orientação na rádio Breves FM. A partir de 2021 a secretaria municipal disponibilizou materiais impressos, constando orientações aos alunos, além da distribuição de alimentação escolar.

Fonte: adaptado do Consed e Semed/Breves (2023)

Ficando claro que a intenção era criar meios que não permitissem os alunos ficarem sem aulas enquanto o ensino presencial estivesse suspenso. Por isso, a necessidade de materiais impressos, visto que concentrar essas ações em meios que dependessem de internet limitaria o alcance e não contemplaria todos os estudantes. Entretanto, as tecnologias foram essenciais para mobilização, elaboração e execução de planos de prosseguimento do calendário letivo, por mais que nem todos os estudantes e professores tivessem acesso igual às mesmas.

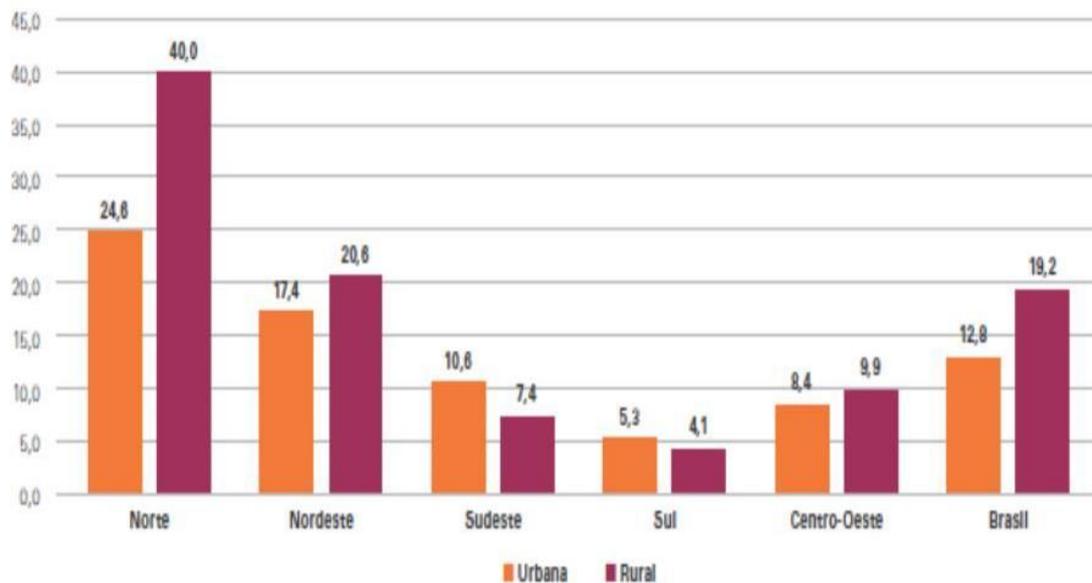
Figura 9 - Divulgação de programa da Semed/Breves em uma rádio local, durante período de suspensão das aulas presenciais.



Fonte: Professora Valdelicy Costa, coordenadora da Semed/Breves (2023)

Os cadernos impressos e entregues aos alunos e seus responsáveis com o objetivo de manter os alunos estudando em casa, evidenciou problemas do ensino remoto, como por exemplo, lugar adequado para estudar nas próprias residências, tendo em vista que para eficácia do ensino remoto era exigido concentração dos jovens estudantes. Essas e outras situações geradas pelo ensino remoto foram percebidas, pela desistência de alunos no ano de 2020 e exclusão das mesmas do ensino remoto. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)¹⁵ mostrou que em novembro de 2020, aproximadamente 5 milhões de crianças e adolescentes foram afetados diretamente pela exclusão escolar, sendo 3,7 milhões que estavam matriculados e não conseguiram manter a aprendizagem e casa e 1,5 milhões que desistiram e não frequentavam a escola de forma remota.

Gráfico 5 - Distribuição de adolescentes de 15 a 17 anos, segundo condição de não frequência à escola, em áreas urbanas e rurais por Grandes Regiões, 2020 (%).



Fonte: IBGE. Pnad-Covid, nov. 2020.¹⁶

¹⁵ <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia>

O estudo mostra, também, que a exclusão afetou mais quem já vivia em situação vulnerável. Em relação às regiões, Norte (28,4%) e Nordeste (18,3%) apresentaram os maiores percentuais de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos sem acesso à educação, seguidas por Sudeste (10,3%), Centro-Oeste (8,5%) e Sul (5,1%). A exclusão foi maior entre crianças e adolescentes pretos, pardos e indígenas, que correspondem a 69,3% do total de crianças e adolescentes sem acesso à Educação.

“Os números são alarmantes e trazem um alerta urgente. O País corre o risco de regredir duas décadas no acesso de meninas e meninos à educação, voltado aos números dos anos 2000. É essencial agir agora para reverter a exclusão, indo atrás de cada criança e cada adolescente que está com seu direito à educação negado, e tomando todas as medidas para que possam estar na escola, aprendendo”, afirma Florence.

¹⁶ Considerou-se não frequentando a escola crianças e adolescentes de 15 a 17 anos que declararam não frequentar a escola ou que frequentavam a escola, mas não tiveram atividades escolares disponibilizadas na semana anterior à entrevista.

De acordo com o Unicef (2021):

A exclusão escolar afetava principalmente quem já vivia em situação mais vulnerável. A maioria fora da escola era composta por pretas(os), pardas(o) e indígenas. Proporcionalmente, a exclusão afetava mais as regiões Norte e Centro-Oeste. E, de cada 10 crianças e adolescentes fora da escola, 6 viviam em famílias com renda familiar per capita de até ½ salário mínimo. A desigualdade social presente em nossa sociedade se reproduzia ao olhar para a exclusão escolar.

Então chegou a pandemia da Covid-19. E a desigualdade e a exclusão se agravaram ainda mais. Com escolas fechadas, quem já estava excluído ficou ainda mais longe de seu direito de aprender. E aqueles que estavam matriculados, mas tinham menos condições de se manter aprendendo em casa – seja por falta de acesso à internet, pelo agravamento da situação de pobreza e outros fatores – acabaram tendo seu direito à educação negado.

Diante de um cenário de agravamento da exclusão e evasão escolar já previsível em escolas da rede pública, percebemos ações propostas por professores, escolas e secretarias de educação, para conter ou amenizar a evasão escolar. Esse é o motivo que é importante frisar esse ponto, uma vez implantado o ensino remoto e não presencial, como docente da rede pública pude vivenciar ações de colegas professores para buscar ofertar um ensino que atendesse a demanda do cenário estabelecido.

Conforme citado acima, professores tiveram que reorganizar as situações de cada área de conhecimento e também da realidade de seus alunos. Por exemplo, a Seduc/Pará criou e-mails institucionais para todos os alunos da rede, para terem acesso a aplicativos como o *Google forms*, *Google meet*, *Google classroom*, e assim acessarem atividades escolares, entretanto, a maior parte dos alunos não conheciam ou não dominava as funcionalidades dessas plataformas, gerando problemas e estresse para estudantes, professores e famílias, Dessa forma escolas, e professores tiveram que disponibilizar aulas, manuais explicativos de forma sucinta para que os alunos pudessem manusear os aplicativos.

Para o professor Maycon Sullivan, da escola Gerson Peres em Breves vários foram as dificuldades dos alunos em virtude de uma educação pública pautada no ensino remoto:

Podemos enumerar vários, dentre eles, vamos começar com algo bem comum, como o aluno estava estudando na casa dele, os pais não consideravam que aquele horário era pra estudo, então simplesmente muitos alunos saiam no meio da pra fazer algum mandado do pai, esse era uma das dificuldades, a segunda era justamente a conexão por ser muito instável, por exemplo, no período chuvoso, muitos alunos não conseguiam ter acesso a aulas no momento que estava sendo feita, ficavam off-line e também teve os alunos que não tinham afinidade com tecnologia, eles não eram nativos digitais, eles sabiam acessar as redes sociais, mas não sabiam acessar o e-mail, isso aí dificultou um pouco mais pra gente, a gente teve que fazer vídeo como utilizar

o e-mail, como utilizar algumas ferramentas que nos utilizamos nas aulas. (Professor Maycon Pastana)

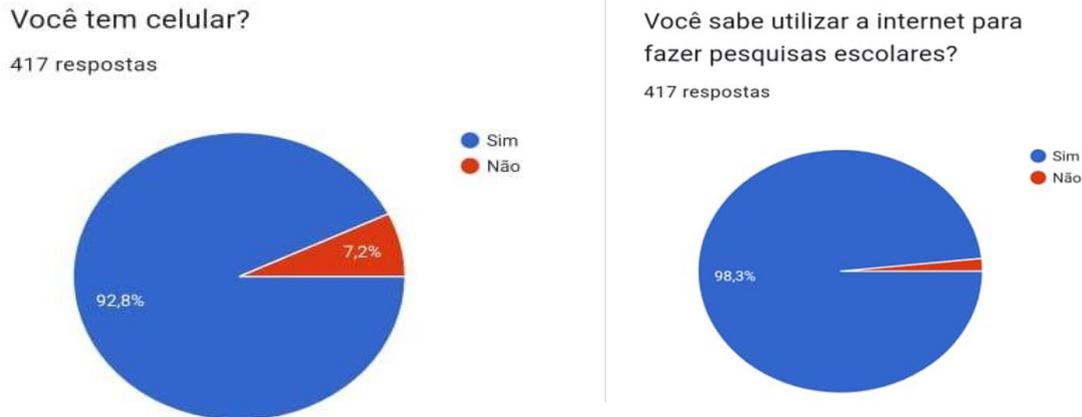
Evidencia-se, diante do depoimento do professor acima, alguns das situações vivenciadas por alunos e professores durante o ensino remoto, a vulnerabilidade econômica, onde alunos desempenham atividades para complementar na economia doméstica foi uma das principais que percebemos, precária cobertura de internet na cidade de Breves e exclusão digital de parte do aluno da escola. Mas, também temos que destacar o empenho do corpo docente, equipe diretiva, administrativa e setor pedagógico para viabilizar os mais diferentes formatos de ensino durante a pandemia.

A escola Gerson Peres buscou meios para implementar o ensino remoto no ano de 2021¹⁷ com os recursos disponíveis e mais acessíveis, tentando contemplar todos os alunos da instituição, para que esses não perdessem o ano letivo. Para isso a alternativa implantada foi o uso do aplicativo WhatsApp, criando grupos por turma, onde seria utilizado como meio de envio de materiais digitais para os alunos (áudios e vídeos explicativos, orientações, links de formulários, links de aulas síncronas do google meet), ou seja, o aplicativo tornou-se uma sala de aula, onde o professor no seu horário estabelecido deveria estar a disposição para interação com os alunos de cada turma.

Entretanto, outras alternativas tiveram que ser usadas, para atender as novas necessidades de professores e alunos, alunos que não tinham celulares (a escola fez um levantamento prévio de quantos alunos não tinham aparelhos), computadores e internet em suas residências, podiam ir para a escola para utilização do laboratório de informática, também vale destacar casos de pais que optaram em usar materiais impressos, pelo medo do contágio pelo vírus.

¹⁷ Durante o ano de 2020 as aulas foram suspensas de forma total durante o 1º semestre, a partir de agosto o ano letivo retornou com entrega de cadernos impressos, onde alunos buscavam esses cadernos e depois devolviam com as atividades para devidas correções na escola pelos professores.

Gráfico 6 – Pesquisa feita na escola Gerson Peres sobre disponibilidade de aparelhos celulares entre alunos e seus familiares para diagnosticar a utilização para aulas não presenciais.



Fonte: Maykon Pastana (2021)

Sobre a organização da escola no período do ensino remoto, uma das diretoras da escola, descreve da seguinte forma:

Nós estabelecemos período de entregas e devoluções dos cadernos de atividades aqui na escola, tomando todos os cuidados em relação a questão do vírus, presencialmente vinham alguns alunos na escola, usar o laboratório de informática, para usar os computadores, também funcionava a secretaria da escola e alguns professores vinham gravar aulas, eles usaram esse recurso de gravar aulas, para postar nos grupos, alguns professores desenvolveram essa habilidade de produzir vídeos e animações que trabalhavam também o conteúdo da disciplina, nos tivermos essas experiências. (Eva Maria Dutra da Fonseca, Vice-diretora da escola Gerson Peres 2023).

Como descrito acima pela gestora da escola, a adoção do ensino não presencial, exigiu esforços dos membros que compõem o corpo da escola para eficácia e continuidade ao trabalho educacional, visando minimizar os problemas que surgiram pela suspensão das aulas presenciais e incertezas do momento, mas também caracterizado pelo poder de readaptação e inovação de professores que diante da mudança de salas de aulas físicas agora em virtuais, se propuseram a gravar vídeos, áudios e criar uma metodologia que atendesse o momento da pandemia.

Na escola Gerson Peres, a concentração de aulas no Whatsapp levou a coordenação pedagógica a monitorar as interações entre docentes e alunos durante os horários estabelecidos¹⁸, com o passar do tempo, o domínio de certas tecnologias, e a compreensão das diferenças entre ensino presencial e remoto, o ensinar de forma virtual e remotamente foi sendo

¹⁸ Os grupos de WhatsApp foram criados pela coordenação pedagógica da escola, os alunos e professores foram adicionados nos grupos, assim como os pedagogos, onde seguia-se uma certa liturgia todos os dias das aulas, no horário estabelecido o professor postava uma mensagem informando que estava disponível, enviando materiais em pdfs, vídeos, áudios, tirando dúvidas dos alunos no próprio grupo ou no privado, mas, também muitos usavam o whatsapp para informar de atividades no google sala de aula.

ressignificado e flexibilizado, principalmente no que se refere a sincronia entre professores e alunos.

1.7 A SITUAÇÃO DOS ALUNOS SURDOS DIANTE DO ENSINO REMOTO

Ser surdo é estar inserido em um mundo diferente, como a surdez afeta a capacidade de ouvir, o surdo concentra a interação do mundo que o cerca com elementos visuais. Compreender essa condição é fundamental para se promover uma educação que seja eficaz. Contudo, devemos levar em consideração que por mais que houve avanços na inclusão de alunos com surdez em salas regulares, ainda é evidente que a educação pública não oferece condições ideais para o pleno desenvolvimento de alunos com surdez.

Como bem nos assegura Padovani Netto (2018), pode-se dizer a inclusão de alunos surdos em turmas regulares gerou debates além da convivência entre alunos surdos e ouvintes na mesma sala de aula, nesse contexto, dando visibilidade para o aluno surdo, onde o aluno surdo irá desenvolver um aprendizado com alunos ouvintes. É importante constatar que o aluno surdo terá vários desafios, podemos destacar estudar um currículo escolar, onde as disciplinas são pautadas na Língua portuguesa e no oralismo, dessa forma exigindo desse aluno saber ler. Em todo esse processo, pode-se dizer que o ideal seria que o ensino público promovesse formações onde docentes gradativamente tivessem o domínio de Libras. É interessante, aliás, destacar que docentes por iniciativas próprias buscaram formação em Libras para assim melhor exercer sua profissão.

No entanto, ser surdo não significa ser incapaz de se expressar, aprender, trabalhar e se relacionar com outras pessoas. Os surdos possuem uma identidade cultural própria, baseada na língua de sinais e na visão de mundo que compartilham. A Libras é um sistema linguístico completo, com gramática, vocabulário e estrutura próprios, que permite aos surdos se comunicarem entre si e com os ouvintes que a conhecem. A visão de mundo dos surdos é influenciada pela forma como percebem e interagem com o ambiente, valorizando os aspectos visuais e espaciais.

Conforme explicado acima é interessante, aliás, afirmar que o uso de libras por instituições de ensino, docentes e toda a comunidade escolar é de fundamental importância para a permanência e o êxito de alunos surdos em salas de aulas regulares, pois, o espaço escolar sendo um local de troca de conhecimentos e saberes somente tem a ganhar. Disciplinas como História tem uma função essencial na formação do pensamento crítico e construção das identidades dos sujeitos, sendo assim transmitir informações e inserir o aluno surdo no processo

de ensino aprendizagem que a disciplina exigia acaba tornando-se um desafio caso o professor não saiba libras, não tenha apoio de um intérprete ou não inove em suas estratégias m sala de aula para atender esse aluno.

A educação de surdos no Brasil tem uma história marcada por preconceitos, exclusão e violação de direitos. Por muito tempo, os surdos foram considerados incapazes de aprender e se comunicar, sendo submetidos a métodos de ensino que ignoravam sua identidade e sua língua. A partir da década de 1980¹⁹, houve um movimento de valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da cultura surda, que reivindicava o reconhecimento dos surdos como sujeitos bilíngues e buscando que o estado fizesse valer seus direitos. A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 garantiram o direito dos surdos à educação bilíngue, com Libras como primeira língua e o português como segunda língua. Em 2002, a Libras foi oficializada como língua oficial do Brasil, juntamente com o português.

Entretanto a inclusão, sem as devidas adequações de didáticas e metodologias nas escolas ainda são barreiras:

O fato destes alunos estarem inseridos em ambientes escolares que pouco reconhecem suas necessidades educacionais especiais, nos leva a indagar, como é a experiência de estar em uma sala de aula, não poder ouvir o que os professores falam e posteriormente ser cobrado pelo aprendizado dos conteúdos em atividades e provas? (PADOVANI NETTO, 2018,. pág 17)

Apesar dos avanços legais e políticos, a realidade das escolas públicas ainda está longe de atender às necessidades e às especificidades dos alunos surdos. Em Breves a maioria das escolas não dispõe de professores bilíngues, intérpretes de Libras, ou da confecção de materiais didáticos adaptados e recursos tecnológicos que favoreçam a acessibilidade e a inclusão de alunos com surdez. Além disso, muitos alunos surdos enfrentam barreiras como alfabetização, comunicação, interação e participação nas atividades escolares, sofrendo certo isolamento no ambiente escolar e em salas de aula dos colegas e docentes.

O ensino para alunos surdos na pandemia de COVID-19 foi um grande desafio para os educadores, as famílias e os próprios estudantes. A suspensão das aulas presenciais exigiu a adaptação das metodologias e dos recursos didáticos para o ensino remoto, que nem sempre foi acessível e inclusivo para os surdos.

O aluno surdo, Luiz Henrique dos Anjos relata²⁰:

¹⁹ <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>

²⁰ O aluno surdo Luiz Henrique dos Anjos, é atualmente aluno do curso técnico de informática integrado ao ensino médio no IFPA Campus Breves, sobre a escola MCP (Maria Câmara Paes), localizada em Breves, assim como

Durante a pandemia, ele ficou somente em casa, que não chegou nada pra ele, nem material impresso, que ele estava nos anos finais do ensino médio na escola M.C.P, mas, não chegou nada, nem em redes sociais.²¹

A educação no formato remoto, que se tornou a modalidade predominante durante a crise do COVID-19, impôs dificuldades de acesso, comunicação e aprendizagem para os estudantes surdos, que dependiam da língua de sinais e de recursos visuais para interagir com os conteúdos escolares e com os professores. Além disso, a falta de contato presencial com os colegas e a comunidade escolar gerou sentimentos de isolamento, ansiedade e desmotivação²².

Ainda seguindo o relato do aluno, ser surdo em uma sala de aula sem intérprete é difícil:

Quando está estudando sem intérprete é muito difícil, ele não consegue aprender nada, até por que ele só consegue ver as pessoas falando, as coisas passando e ele está lá simplesmente sentado, sem nada, não entende nada. De um lado, ele ouve um pouco, mesmo ele não sendo surdo completo, as pessoas falando, passa tudo rápido, ele ouve um pouco, ele ameniza, mas, ele não consegue entender nada, é muito confuso pra ele.

É preciso que haja uma mudança real no formato da educação de surdos, que deixe de ver a surdez como uma limitação e passe a incentivar e valorizar a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos. É preciso que as escolas públicas sejam espaços de acolhimento, respeito e diálogo entre as diferentes formas de expressão e de conhecimento, onde os alunos surdos tenham acesso a uma educação de qualidade e que considerem suas potencialidades.

O ensino para aluno surdo na pandemia de COVID-19 revelou as fragilidades da educação inclusiva e como ela não estava preparada para oferecer um ensino remoto para esse público. É preciso aprender com essa experiência e buscar soluções que garantam o direito à educação de qualidade para todos os estudantes, respeitando as suas diferenças e diversidades.

outras escolas na cidade, sobre o ano de 2020 ocorreu a promoção automática de todos os alunos matriculados para a série seguinte.

²¹ As entrevistas com os discentes surdos foram feitas através de áudio e vídeo, câmera e microfone previamente foi disponibilizado para os mesmos as perguntas e através de um intérprete as perguntas foram sendo convertidas em respostas, para posteriormente serem inseridas como textos.

²² <https://www.ufrgs.br/jornal/impacto-das-aulas-remotas-para-estudantes-com-surdez/>

Sobre situação das aulas remotas e os impactos emocionais, para alunos com surdez, pesquisando na internet temos a seguinte notícia:

A Educação nos provoca repensar nossas estratégias, nossos caminhos escolhidos para atingirmos os nossos objetivos quanto à inclusão de pessoas surdas – e suas emoções – num mundo globalizado em época de pandemia. Período em que, cada vez mais distantes fisicamente das pessoas, há uma distância ainda maior daqueles que não ouvem, ou seja, dos surdos. Como consequência, transformou-se o trabalho de docentes e discentes fora das escolas, das universidades e do convívio social presencial.

Meu objetivo é propor reflexões e discutir sobre o mundo e as emoções no aprendizado de alunos com surdez em aulas remotas sem acessibilidade visual para a leitura labial, o que configura um quadro de sentimentos e reações que, na medicina, se denomina síndrome de burnout. Manifesta sentimentos de solidão com relação ao enfrentamento à falta de comunicação em tempos de pandemia, produz no surdo sentimentos de incapacidade, insegurança e distanciamento dos demais, o que dificulta significativamente o seu aprendizado.

Diante desses desafios, é preciso repensar as políticas de inclusão e de acessibilidade na educação de surdos, especialmente em situações de emergência como foi a pandemia. Algumas medidas que podem contribuir para melhorar o ensino para aluno surdo devem ser urgentemente postas em práticas, tais como: promover formação continuada para capacitar os professores para o uso de tecnologias digitais e de recursos visuais que favoreçam o aprendizado dos surdos, presença de intérpretes de Libras nas aulas online e nos materiais gravados, incentivar a produção e disponibilização de materiais didáticos em Libras, como vídeos, cartilhas, jogos e aplicativos e sites, além de estimular a participação dos alunos surdos em redes sociais e em grupos virtuais para divulgação e valorização da cultura surda pelo público em geral.

CAPÍTULO II

ENSINO DE HISTÓRIA E SURDEZ EM BREVES

2.1 CULTURA, CURRÍCULO ESCOLAR E IDENTIDADE LOCAL

A partir dos anos 2000, as gestões municipais envidaram esforços para fortalecer a identidade local, fosse através do hino ou de outros eventos oficiais, como o festival anual de lendas promovido pela secretaria de Cultura. A Secretaria de Educação, através das Escolas, destaca-se pela inserção em seus calendários, de ações com o intuito de difundir entre alunos e comunidade externa, eventos referentes à cultura regional e local. A respeito disso, podemos citar o *festival do mingau folclórico*²³, promovido desde 2005 por uma escola municipal, onde são vendidos dezenas de tipos de mingaus, além da promoção de apresentações teatrais, shows, cantos entre outras atividades que expressem a cultura local.

Uma das formas também utilizada pela Secretaria de Educação foi na adaptação e inclusão de um currículo escolar que destacasse a história local e regional, relacionando-o diretamente com a história nacional e mundial. Podemos perceber nas propostas curriculares dos anos finais, principalmente na disciplina de estudos amazônicos, em seus objetivos específicos destaca,

A importância da cultura local, englobando o contexto histórico de maneira geral; identificação do conhecimento de suas raízes; Reconhecer a diversidade das riquezas culturais e regionais; Entender a influência dos fundadores, da cidade de Breves na sua história para a sociedade atual; Sensibilizar o aluno quanto á responsabilidade pela continuação do processo histórico; (SEMED/BREVES, 2011, p. 65).

Sobre currículo, apesar de vivermos mudanças na grade curricular devido à nova BNCC (base nacional comum curricular), o currículo regional foi um item assegurado anteriormente, entretanto, atualmente necessita de maior debate e formação de professores no que compete à

²³ Sobre o Festival do Mingau Folclórico, o biólogo Giovanni Salera Junior, registrou impressões em texto divulgado no site “Recanto das Letras”:

“O Festival do Mingau Folclórico é um grande evento gastronômico e cultural da cidade de Breves, na Ilha de Marajó, Estado do Pará.

O Festival do Mingau Folclórico foi criado, em 2007, pela Prof.^a Maria Erisam Oliveira, Diretora da Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) Pingo de Gente e sua equipe de competentes professores, com objetivo de oferecer uma programação diferenciada para a comunidade de Breves.

Esse evento acontece todos os anos no mês de agosto, na Praça Frei Dolsé, aonde ficam expostas uma dezena de barracas que comercializam uma enorme variedade de mingaus, desde sabores tradicionais até os mais exóticos. Atualmente são mais de 30 (trinta) opções de sabores: mingau de arroz com açaí, banana grande com leite, milho verde, farinha de mandioca com açaí, macaxeira, milho moído, gorgulho, arroz com bacaba, fubá, arroz com leite de coco, arroz com leite e jerimum, farinha de mandioca com camarão, arroz com castanha do Pará, crueira, (um subproduto da massa da mandioca, depois de passada na peneira), etc. [...]”

Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/4782762>. Acesso em: 04 nov. 2021

nova base nacional e currículos regionais. Destacamos que entre seus vários usos o currículo é utilizado como instrumento de formação do conhecimento histórico entre jovens e crianças, assumindo o mesmo um papel importantíssimo no fazer pedagógico. Pode-se dizer que educação, currículo e cultura, são campos de atuação política, onde o currículo pode ser recriado e contestado.²⁴ Sendo assim o conhecimento e o currículo trazem marcas que evidenciam as relações sociais entre grupos sociais interessados em sua produção/criação, a gestão municipal, juntamente com a secretaria de educação ao conduzir um processo de elaboração de um currículo pautado na cultura e identidade local demonstra o quanto currículo e educação estão diretamente ligados às relações de poder e de ideologia.

No decorrer do tempo um currículo regional foi se consolidando entre os professores da rede de ensino municipal, onde se relacionava os acontecimentos históricos nacionais e mundiais à história local e regional, sendo desde o período da colonização portuguesa, construções de fortes na região através das missões religiosas, dos meados século XVII, até o século XX com os soldados da borracha e os grandes projetos desenvolvimentistas, professores de história conduziam suas aulas pautadas em palavras e conceitos históricos academicamente conhecidos e adaptando-os de algum modo, para que o aluno compreendesse o debate encaminhado em sala de aula, relacionado à realidade social e histórica em seu entorno.

Palavras como *alguidar* (tipo de bacia de barro, usado em comunidades do interior para amassar o açaí, guardar e salgar carnes), *abano* (espécie de leque de palhas, usado para abanar o fogo), *balaio* (cesta de tala para guardar roupas) e inúmeras outras são usadas no vocabulário popular e adentram as salas de aula como saberes não escolares e acabam por participar das dinâmicas do ensino de história.

²⁴ Sobre currículo, considera-se muito contributivo o texto de Machado (2014). O artigo da autora, publicado em revista eletrônica especializada no ano de 2014, busca fazer uma análise dos currículos escolares como objeto de manutenção das desigualdades e exclusões sociais presentes em nossa sociedades, mas também como política pública para segmentos excluídos. Rosely Maria Aparecida Machado é pedagoga com mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Para a autora o currículo apesar de ser uma forma de controle social através das relações de poder existente que giram em torno de sua construção, também pode ser visto como emancipador e produtor de identidades individuais e sociais.

Figura 10 – Alguidar e abano em exposição para vendas em Box de artesanato na feira do Mercado Municipal.



Fonte: Do autor. (2021)

Ressalta-se que os estudantes surdos criaram sinais específicos para essas palavras que denominam esses objetos pela própria necessidade de seu “dia-a-dia”. Assim sendo, ao abordar nas aulas de história temas que tratam de elementos da cultura local, é necessária compreensão do conceito e associar à imagem então discutida.

Nesse sentido, enfatiza-se que as salas de aulas das escolas breveses demonstram pluralidade e multietnicidade de culturas e saberes e também de sujeitos. Com o avanço da inclusão educacional alunos com surdez foram inseridos no ensino regular e com isso a necessidade de adaptação curricular e elaboração de estratégias e metodologias de professores e escola para atender as necessidades e buscar a participação desses alunos no processo de ensino. Afinal, conforme ensinou Paulo Freire, aprender :

“[...] é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-la(sic) mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: **quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’**, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”.

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino ‘bancário’, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenece; em que pese o ensino ‘bancário’, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeito pode, não por causa do conteúdo cujo ‘conhecimento’ lhe foi transferido, mas **por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do ‘bancarismo’**. [...]” (FREIRE, 1996. p.13, grifo nosso)

A construção de uma educação onde a inclusão seja uma realidade, ainda está em desenvolvimento no município de Breves, no ensino médio notadamente, enquanto a rede

municipal de ensino em suas escolas conta com o Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) e professores itinerantes em seus quadros²⁵, as escolas de ensino médio da cidade mantidas pelo governo estadual raramente tem o SAEE. Nesse nível de ensino o educando se depara com novas disciplinas e os sinais em Libras já são raros e nessa fase da vida escolar mais escassos ainda, não são acessíveis na região material impresso ou em mídia, contendo sinais.

Os próprios dicionários escolares distribuídos para as unidades de ensino não apresentam versão em Libras, olhando por essa perspectiva os conteúdos curriculares não estão acessíveis aos alunos com surdez. Todavia, diante de tal situação, escolas por iniciativa de docentes, alunos e equipe pedagógica encontraram caminhos: construíram glossários, dicionários e ferramentas digitais para tornar acessíveis conteúdos a alunos surdos, por meio da Libras, contribuindo assim para o processo de inclusão.²⁶

A constituição de 1988 garantiu a inclusão social de pessoas com deficiências,

²⁵ Professores itinerantes são especialistas em educação especial, alguns deles intérpretes, que acompanham e auxiliam os alunos com surdez durante as aulas na turma regular.

²⁶ Em texto informativo de 2017, o governo do estado do Amazonas divulgou texto informativo sobre o lançamento de um “Dicionário de Educação Física em Libras” com a finalidade de “auxiliar” estudantes surdos: “Auxiliar os alunos surdos nas aulas de Educação Física por meio de um dicionário de Educação Física em Libras, para que possam praticar as atividades e ter o conhecimento da disciplina dentro da Língua de Sinais e, também, da Língua Portuguesa na modalidade escrita, é o objetivo do projeto de pesquisa do professor de Educação Física, Keegan Bezerra Ponce.

O projeto, que teve início em 2016, recebeu aporte do Governo do Estado por meio do Programa Ciência na Escola (PCE), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), e surgiu a necessidade de ensinar os alunos com dificuldade de aprender os conteúdos curriculares em Libras, com o desafio de passar o conteúdo da Língua Portuguesa para eles.

De acordo com Keegan, essas necessidades já vinham sendo discutidas há anos, e a busca pela melhoria na qualidade do ensino em Libras é constante. “A primeira etapa do projeto já foi concluída e agora submeti a segunda etapa nesse novo edital do PCE que está em aberto, pois a Libras é uma língua que está sempre em movimento, por isso cada vez mais surge a necessidade de se acrescentar novas palavras de Educação Física ao dicionário, fazendo da nossa pesquisa um estudo constante”, afirmou o professor.[...]”

Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2017/04/professor-lanca-dicionario-de-educacao-fisica-em-libras-por-meio-do-programa-ciencia-na-escola-da-fapeam/> Acesso em: 04 nov. 2021

Também contribui para o debate em pauta o texto “Estudantes criam programa que converte Libras em texto...”, de Ana Prado, em colaboração para o Ecoa, de São Paulo-2021:

“O jovem Luciano dos Anjos Oliveira, de 18 anos, sempre teve vontade de desenvolver softwares para ajudar as pessoas. Esse interesse está relacionado à sua própria vivência e às dificuldades que enfrenta para se comunicar. “Nasci com lábio leporino e isso afeta minha fala. Por conta disso, percebi a dificuldade que pessoas com deficiência - seja ela cognitiva ou comunicativa - enfrentam para viver em sociedade. Por isso, acredito na inclusão social de todos”, explica.

Essa foi uma das principais razões que o levaram a entrar no curso de Desenvolvimento de Sistemas da Escola Técnica Estadual (Etec) Lauro Gomes, de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. Segundo o site do processo seletivo das Etecs, essa formação prepara profissionais para projetar e construir sistemas de informação, além de trabalhar com ambientes de desenvolvimento e linguagens de programação.

Quando chegou a hora de fazer o trabalho de conclusão de curso (TCC), Luciano viu aí a chance de colocar seu propósito em prática. Junto com os colegas de classe Vinícius Luciano Navarrete da Silva e Fabrício Holanda de Almeida, ele desenvolveu o Software de Reconhecimento de Sinais, que converte a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em texto. [...].”

Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/26/estudantes-criam-programa-que-converte-Libras-em-texto.htm>. Acesso em: 04 nov. 2021

entretanto no que tange a educação, a LDB, lei de 1996 que rege sobre o direito para esses segmentos, somente nos últimos anos que alguns estabelecimentos de ensino estão adequando seus espaços escolares para atendimento dessa população. Diante das transformações do mundo globalizado, nas últimas décadas o uso de tecnologias nas aulas da disciplina de História para alunos portadores de surdez, até então oralizada, foi utilizada por professores para atender essa demanda de alunos cada vez mais presentes em turmas do ensino básico.

2.2 CONHECENDO O ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DE BREVES – PARÁ

A EEEM Professor Gerson Peres, no ano de 2015 através da professora do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE), Edivana Vieira, iniciou um projeto de pesquisa de sinais em Libras, pois segundo seu relato, nem os alunos, nem os professores conheciam os sinais de Libras, por isso a mesma idealizou a construção de um glossário bilíngue Libras/língua portuguesa, que abrangesse todas as disciplinas do currículo, para atender o alunado em geral, tanto do SAEE, quando do ensino regular – os ouvintes-, tendo em vista que a escola não dispunha de intérprete e o objetivo era contribuir para que os alunos ouvintes dominassem também a Libras.

O material elaborado é utilizado na sala de recurso com os alunos surdos. Os professores de Educação Especial também têm acesso para trabalhar os sinais e sugerir palavras e verbetes, assim como os professores poderão ter acesso ao material em mídia. Outra proposta do trabalho com material é trabalhar os sinais em Libras com os professores, bem como ensinar os sinais na sala de aula com os alunos ouvintes.

Com a adesão de número considerável de alunos e alguns professores, surgiu o *projeto HISTOLIBRAS* em 2018, uma ramificação do glossário bilíngue, que consiste em mensalmente, a professora do SAEE, juntamente com professores de história e alunos surdos elaborarem uma aula expositiva de uma temática de história e apresentar para uma turma de alunos ouvintes, buscando a interação com esses alunos, e tendo como protagonistas nas aulas os alunos surdos.

Durante as orientações para a aula expositiva, sinais são aprendidos ou criados e inseridos em um glossário de história, para posterior impressão, a culminância anual do projeto é um teatro todo dialogado e encenado em Língua de Sinais. A iniciativa de dar visibilidade aos alunos surdos como sujeitos da história, vez com que os mesmo criassem vínculos com o projeto e seus colegas de turmas e de atendimento no SAEE, onde assumem o protagonismo na criação dos sinais que compõem o glossário (Figura 6).

Figura 11 - Glossário de história em Libras que está em processo de criação na EEEM Professor Gerson Peres.



Fonte: Glossário de História em Libras da Escola Gerson Peres (2021)

O que justifica a existência e execução do projeto na escola é a matrícula anual de alunos portadores de surdez²⁷ e a instituição não ter em seu quadro de funcionários um intérprete, que faria a tradução de Libras/Português, o que acarreta na falta de comunicação entre discente surdo e professor, dificuldade de compreensão dos conteúdos, dificuldade de interação aluno surdo e aluno ouvinte, pois esses últimos não sabem a Língua Brasileira de Sinais. Dessa forma o projeto HISTOLIBRAS, busca agregar o glossário bilíngue, glossário de história e aulas de história.

Durante o ano de 2020, devido à pandemia, o projeto ficou sem atuação tendo em vista a suspensão das aulas durante boa parte do ano letivo vigente, posteriormente voltando somente de forma remota, nesse momento a escola juntamente com professores e alunos se viram diante de um dilema, pois a aula em formato remoto pegou todos de surpresa, seja aluno ouvintes ou surdos, pois para execução de aulas no formato remoto se necessitava de uma logística, acesso a internet e material de informática, e acima de tudo conhecimento e habilidade com tecnologias e ferramentas digitais.

Passando o período de angústias e medos, coordenação e professores estabeleceram metodologias que atendessem o mínimo necessário para se oferecer aulas no ensino remoto, usando plataformas digitais como o Google sala de aula, Google meet, Whatsapp, Youtube e aplicativos gratuitos disponíveis em plataformas digitais. Entretanto ainda se questionava como atender alunos surdos, tendo em vista que para atendimentos síncronos, onde o aluno irá interagir com o professor, prevalece a interação através da comunicação verbal e não através da Libras. No decorrer do ano, e do domínio e conhecimento de aplicativos a escola desenvolveu metodologia que consistia em o professor gravar vídeos explicativos sobre os conteúdos e

²⁷ 21 alunos com surdez foram matriculados na escola nos últimos anos, de acordo com o censo escolar (2011-2021), essa procura se dá devido a escola ter o SAEE (Serviço de Atendimento Educacional Especializado), além de ser uma escola bem referenciada na comunidade escolar brevemente. A escola foi a instituição escolhida para a implantação do novo ensino médio no Marajó Ocidental em 2021.

através de aplicativos inserirem legendas²⁸ e sinais em Libras no referido vídeo²⁹.

Sendo assim concluímos que o ensino de história pode ser associado ao uso de tecnologias digitais (aplicativos, smartphones, sites entre outras ferramentas) não somente para dinamizar o ensino, mas para a inclusão de alunos com surdez.

2.3 O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS E A CONSTRUÇÃO DE VERBETES

Para melhor discutir as temáticas, ensino de história para alunos com surdez e história local, vamos analisar as ações de professores que usaram de metodologias para o melhor ensino de História através de tecnologias, redes sociais e mídias digitais assim como também o uso da História local para construção e fortalecimento da identidade e pertencimento regional dos educandos.

Algumas das iniciativas para chegarmos a tal temática foram identificar que o uso e acesso a tablets, smartphones e computadores, redes sociais e internet estão cada vez mais acessíveis aos nossos alunos, bem como, identificar o impacto das tecnologias na Educação; e levantar os desafios que são impostos a disciplina de História e a educação em um século e tempos que as aulas são cada vez mais dominadas por ferramentas e espaços virtuais e digitais.

Para tanto, foi utilizado como método a análise de artigos que tratam do uso de tecnologias para alunos surdos em aulas de História, aprendizagem histórica e o ensino de História local para alunos do ensino fundamental. A partir da análise dos artigos e também de projeto já desenvolvido como professor da rede pública de ensino, foi possível perceber a importância das tecnologias como ferramenta necessária para o ensino de História para alunos surdos, destacando-se as redes sociais, a internet, smartphones, além de oficinas envolvendo alunos.

E como a pesquisa de cunho quantitativo é necessária para levantar o perfil socioeconômico de sujeitos então à margem do ensino e do currículo. Buscando-se analisar artigos, depoimentos e ações de docentes e discentes vivenciadas em relação ao ensino de História para surdos e suas complexidades, sentiu-se que as políticas de inclusão amplamente divulgadas e propagandeadas muitas não tiveram um efeito tão abrangente, para a permanência e acima de tudo o êxito desses sujeitos, pois foi inexistente/ou ineficiente a política de formação continuada (uma parcela considerável dos professores e profissionais da educação não domina

²⁸ Vejamos alguns aplicativos de legendas para celular: CapCut, Clips, AutoCap, VideoShow entre outros.

²⁹ Hand Talk, ProDeaf, VLibras, Uni Libras.

a língua brasileira de sinais), a construção de currículo com conteúdos em Libras e materiais didáticos-pedagógicos, para uma educação que proporcione um bom aprendizado para esse público.

Reforça-se que, nos últimos anos foram surgindo ações de docentes, discentes e gestores escolares que buscam promover uma educação inclusiva e dê visibilidade para esses sujeitos, sejam elas através de mídias sociais, aplicativos, encenações, dentre outras. Essa dinâmica do ensino deve se explorada no cenário que atualmente atravessamos (pandemia do COVID-19), através principalmente do uso de ferramentas digitais (uso de aplicativos com sinais de verbetes de história em Libras) que reduza a barreira física entre professores e alunos e os aproxime de um ensino direcionado para discentes surdos.

A Disciplina de História, muito oralizada, utiliza-se de conceitos históricos regionais, termos linguísticos somente usados dentro da História local, sendo assim a necessidade do uso de ferramentas digitais que possam agregar, os mais diferentes conceitos históricos em Libras, onde tanto professores quanto alunos possam editar e inserir novos “verbetes”, tendo em vista suas nuances regionais, influenciando diretamente em conceitos históricos não expostos de forma oralizada pelos professores em suas aulas.

É inevitável que os professores de História que desenvolvem suas atividades de ensino junto a turmas de ensino médio busquem o domínio da Libras e Tecnologias que o auxiliem em formulações de aulas para essa clientela, além da construção /elaboração de currículos que atendam esses grupo que durante décadas foram excluídos ou relegados a 2º plano nas políticas educacionais.

O uso de tecnologias digitais e suas ferramentas voltadas para a educação já vinham sendo difundidas cada vez mais, sejam elas para a formação de profissionais como professores, inclusive em licenciaturas ou pós-graduação e agora como item necessário em aulas do ensino fundamental ou ensino médio, ganhando atribuição importantíssima no cenário que vivenciamos durante a pandemia do Covid - 19, entretanto essa importância está diretamente ligada aos docentes e discentes e como eles enxergam o uso de tecnologias no ensino. Tanto que a utilização de aparelhos em sala de aula já foi visto como vilões no aprendizado³⁰, mas, a partir de agora se ganha protagonismo como suporte para o desenvolvimento da educação. Cabendo ao professor buscar uma didática para esse novo mundo vivido e novos tempos escolares, onde a disciplina de História tem um papel primordial na formação de um sujeito

³⁰ Escolas na cidade de Breves em seus regimentos internos deixavam evidentes a proibição do uso do aparelho celular, ou outras tecnologias no ambiente escolar, acarretando em suspensão e notificação dos pais e responsáveis. A própria EEEM Professor Gerson Peres detinha uma política de controle ferrenha sobre os alunos nesse quesito.

cercado por várias fontes de informações.

De forma geral, em dias atuais, o uso de tecnologias em sala de aula busca facilitar, dinamizar e construir uma nova forma de ensino, para que se alcance sucesso nesse formato de ensino são necessárias estratégias que visem tornar as aulas mais apreciadas pelos alunos, com o intuito de fazer os discentes se identificarem com o que foi proposto na aula. Definimos dissertar sobre o uso de tecnologia para a construção de material pedagógico nas aulas de História para alunos com surdez, com destaque para Termos Históricos regionais e Locais.

Em sua dissertação de Mestrado, *Aprendizagem histórica e história local: uma experiência com alunos do 8º ano sobre o ensino da história de Parauapebas-PA*, defendida em 2020, Leite (2020) ³¹ analisou a prescrição do ensino da história local nos currículos educacionais, como a História local é importante para a formação dos indivíduos e como esses alunos desenvolvem o aprendizado Histórico a partir da História local.

Para a autora a história é um elemento formador da capacidade analítica da sociedade, pois os indivíduos são formados criticamente a partir de diversas fontes de informações, nessa perspectiva o uso da história local para a aprendizagem histórica dos alunos envolvidos na pesquisa, sendo assim foi realizada análise do currículo prescritivo da disciplina de História que acaba por monopolizar conteúdo nacional e global em detrimento dos locais. ³²

Nesse debate de História local e regional é importante ressaltar que muitos termos, palavras, conceitos locais são frutos do elemento linguístico regional, dessa forma os alunos com surdez também irão entrar em contato com tais palavras, entretanto, a própria Libras muitas vezes é criada com base na língua portuguesa e no currículo de História nacional, por exemplo,

³¹ Possui Mestrado em História pela Universidade Federal do Tocantins(2012). Atualmente é professora da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins.

³² Outro trabalho que pode ser interessante e enriquecedor nesse debate é a tese intitulada “Narrativas em Silêncio: descrição e análise sociolinguística da língua de sinais em Fortalezinha-PA, Brasil”, defendida por Anne Carolina Pamplona Chaves em fevereiro de 2021, no PPGLÉTRAS/UFPA. De conformidade com o resumo registrado no Portal de Programas de Pós-Graduação da UFPA, “Trata-se de uma tese cujo objetivo é realizar a descrição e análise sociolinguística da língua de sinais emergente utilizada por uma micro comunidade de surdos que vive na Vila de Fortalezinha localizada no arquipélago de Maiandeuá, município de Maracanã, estado do Pará. A descrição será seguida de análise sociolinguísticas, a partir do estudo de redes, a fim de se avaliar: a natureza dos vínculos e dos contatos estabelecidos na comunidade, a percepção e atitude linguística que esses falantes fazem da língua de sinais que utilizam e da língua de sinais institucionalizada (LIBRAS), bem como apontar as possíveis variações decorrentes do contato entre as duas línguas sinalizadas. [...]”. Aguarda-se a disponibilização da tese. Disponível em : <https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/programa/defesas>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Também é importante o texto de Diná Souza da Silva e Ronice Muller de Quadros, intitulado “Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil”. As autoras apresentam “um mapeamento das línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil, especificamente nas comunidades distantes dos centros urbanos, contribuindo assim para o conhecimento e reconhecimento das línguas de sinais do país. [...]”. Elas destacam a “luta contínua do Povo Surdo em busca do conhecimento e reconhecimento das diferentes línguas de sinais do Brasil”. (SILVA; QUADROS, 2019. P 22111) Disponível em <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/4167/3933>. Acesso em 03 nov. 2021.

palavras como regatão, ou “amassar açaí” são termos históricos locais e regionais, estando fora/excluídos do currículo nacional.

A pesquisa de História local tem como objetivo fortalecer a identidade, fazendo uma ligação com a história nacional, dando importância ao discente como sujeito histórico. Nesse período de muita fluidez e incertezas o adolescente pode usar a história como disciplina importante na formação da criticidade.

Comparando os métodos utilizados pelos autores então citados identificamos que sempre os alunos são protagonistas no processo de ensino aprendizagem, bem como, sujeitos da História. Portanto, usar aplicativos, programas de internet, redes sociais, entrevistas e história local para elaboração de aulas para alunos com surdez no currículo de História é indispensável e inevitável, mas um desafio para a educação do século XXI.

2.4 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E YOUTUBE, ESTRATÉGIAS E REDES SOCIAIS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM AULAS DE HISTÓRIA.

Para atender a essa problemática Mayara Alves Leite buscou associar as peculiaridades da história local aos acontecimentos nacionais e globais e contribuir para o desenvolvimento do espírito de pertencimento e de sujeito histórico nos alunos, levando-os a reflexão sobre o tempo histórico, fazendo um cruzamento de tempo presente, tempo passado e futuro.

Embora alguns estudos tenham abordado o ensino de História e uso de tecnologias, esse escrito busca escrever sobre História para surdos e tecnologias, como visto agora nos trabalhos de Azevedo e Mattos (2017)³³, *Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas*, e Padovani Netto (2018)³⁴, *O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos*. No primeiro trabalho chama atenção a produção de material didático para aulas de História em Libras tendo como suporte imagens e vídeos e criação de um canal no Youtube e página no Facebook intitulados de "História em Libras" no segundo trabalho.

No trabalho de Azevedo e Mattos (2017), as autoras destacam como o ensino para

³³Patrícia Bastos de Azevedo é Doutora em Educação e professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Camilla Oliveira Mattos é Mestra em Ensino de História e professora da rede pública do Rio de Janeiro, atualmente cursa doutorado na UFRRJ. O artigo foi publicado em 2017, na revista *PerCursos* referenciada nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como resultado da pesquisa no PROFHISTORIA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

³⁴Ernesto Padovani Netto é Doutor em História pela UFPa e professor da educação especial na rede estadual do Pará,. O artigo foi publicado em 2018 pela revista *História Hoje*, que tem como foco publicações de pesquisas no ensino superior e educação básica. O mesmo apresenta reflexões sobre a construção de um produto pedagógico desenvolvido no mestrado (PROFHISTÓRIA), no campus de Ananindeua.

peças surdas deixou de ser somente exposto e tratado em leis como começou sua concretização nas instituições de ensino, inicialmente com a obrigatoriedade de disciplinas de Libras em currículos de cursos superiores e consolidação de um profissional necessário para que educação bilíngue fosse implantada, o intérprete com sua definida formação superior, fomentando pesquisas sobre a inclusão de alunos surdos em salas de ensino regular, entretanto, deixando evidente que essas pesquisas priorizam bastantes questões relacionadas à educação e linguística, não se percebendo a pesquisa na área de ensino de História para surdos. "Nenhuma das dissertações e teses encontradas refere-se ao ensino de história para surdos". Sendo assim as autoras em suas palavras buscam romper com essa ausência.

Frente à necessidade de se educar historicamente alunos surdos se propuseram a elaborar uma forma de letramento em História, através do uso de imagens, de alunos surdos e denominaram de "sequências didáticas – recursos pedagógicos de auxílio na construção do conhecimento histórico acerca do tempo", priorizando aspectos visuais já tidos em Libras. Partindo da ideia que é existente uma carência de conhecimentos prévios por esse alunado, tendo em vista que na cultura de massa predomina o uso da língua oralizada e quando existe intérprete e legendas sempre partem da língua portuguesa, deixando a Libras em segundo plano. É importante considerar que a Libras tem uma gramática própria e que tem variações que influenciam diretamente a formação do conhecimento escolar. Nesse contexto, a proposta de trabalho a partir das sequências didáticas como apoio nas aulas de História foi organizada em eixos temáticos e atividades.

Para o desenvolvimento das sequências didáticas os autores usaram de fontes de imagens disponíveis na internet,

Neste sentido, entendemos que a imagem é mais que uma ilustração, visto que carrega informações visuais sobre o mundo formadas por sentidos simbólicos que tornam possível o conhecimento do mundo a partir dela. (AZEVEDO; MATTOS, 2017 p.123).

Organizam as sequências, em parte direcionada para o professor e outra para o aluno, sendo que na parte que cabe ao docente é anexada a cartilha com orientações sobre tempo estimado de cada atividade, material utilizado, objetivos e conteúdos históricos a serem trabalhados, explicados em Libras. Em seu artigo as autoras, demonstram duas sequências didáticas, explorando permanências e rupturas históricas, com o objetivo dos alunos identificarem os mesmos em fontes visuais, são exemplificadas nas imagens como rupturas, as transformações/mudanças ocorridas nos meios de comunicação e exemplos de permanências, como as brincadeiras de crianças e prédios históricos, meios de transportes, entre outras.

No artigo de Padovani Netto, intitulado *O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos*, o autor destaca como as tecnologias voltadas para os meios de comunicação ganharam destaque nas últimas décadas, para a produção, difusão e consumo de cultura digital, nesse contexto vale ressaltar a importância de redes sociais como Whatsapp e Facebook, entre os alunos surdos de suas escola e os mesmos disponibilizando de smartphones.

Evidencia-se também uma diferença entre as redes públicas e privadas no que compete ao espaço de uso da internet, escolas públicas concentram seu uso nos laboratórios de informática, enquanto nas particulares são usados outros espaços, como: espaço de pesquisa com computadores para tal fim, ou pontos de conexão em suas dependências e wi-fi. Vale destacar que a Seduc nos últimos anos fechou os laboratórios de informática em sua escola, transformando-os em espaço com outra finalidade, como afirma Padovani Netto (2018) “a Seduc encerrou as atividades da sala de informática e transformou o espaço em uma Unidade Seduc na Escola (USE), ou seja, desativou um espaço pedagógico e inaugurou um espaço destinado a burocracia administrativa da Secretaria de Educação”. A perda desse espaço é significativa para as aulas de história tendo em vista que os alunos poderiam pesquisar fontes, podendo ser utilizados sem mesmo o acesso dentro de sala de aula.

Como exposto acima, e de acordo com Padovani Netto (2018), com internet esses elementos poderiam ser levados para a sala de aula após planejamento prévio, nesse contexto, trabalhados off-line, segundo um caminho traçado pelos professores, podendo ser usados para produção de vídeos e slides, com as respectivas instruções. O autor a partir dessa realidade e em virtude do Mestrado em Ensino de História exigir uma intervenção pedagógica analisa a possibilidade de aplicar um produto final aos alunos surdos da Escola LND - Luiz Nunes Direito

Criar um canal no Youtube onde podem ser disponibilizadas aulas em Libras (Língua Brasileira de Sinais), fazendo amplo uso de recursos imagéticos e acrescentando legenda em Língua Portuguesa, foi a solução encontrada para ensinar História, trazer para a sala de aula as mídias digitais que tanto interessam aos alunos, garantir acessibilidade aos surdos sem excluir os ouvintes e, ainda, produzir um recurso pedagógico que poderá alcançar um número incalculável de professores, alunos e interessados em geral que poderão acompanhar e utilizar o vídeo pela internet, ou mesmo salvando-o em outros dispositivos para uso sem internet. (PADOVANI NETTO, 2018. P.199).

Destacando que o canal seria diferenciado, pois, no You Tube são existentes vários canais voltados para o ensino de História, entretanto, agora teria como centro alunos surdos. Conforme explicado acima é interessante destacar que no Youtube encontram-se canais em Libras, entretanto tratando das mais diferentes temáticas, e não utilizando de imagens ou

quando usam não exploram as mesmas, mas há alguns que se sobrepõe, abordando o Ensino de História, com determinadas limitações. Sendo os principais problemas que por mais que usem intérpretes muitos não usam legendas, é inexistente o uso de imagens e a narrativa histórica segue as abordagens tradicionais do ensino de História. Para melhor compartilhamento do canal usou-se do Whatsapp para a divulgação dos vídeos das aulas então produzidas.

Definida as ferramentas a serem utilizadas surgiu a questão da temática da primeira aula que foi solucionada a partir da consulta com os alunos surdos, prevalecendo entre eles aula sobre movimentos sociais, Padovani Netto (2018) fundamenta e elaborada aula a partir da teoria de "Peter Burke: em seu livro História e teoria social, esse autor afirma que o termo “movimento social” começou a ser usado por sociólogos americanos na década de 1950". O autor deixa claro o conceito de movimentos sociais e suas formas de compreensão, fazendo uma ligação direta e dando protagonismo a escola Luiz Nunes Direito, foi parcialmente ocupada por estudantes em 2016, durante ações semelhantes que ocorreram no Brasil, cruzando História Local e com acontecimentos nacionais, e dando visibilidade para os alunos como sujeitos da história. Outro fator evidenciado é como a História de certa forma fugiu das mãos somente do historiador, tendo agora outros personagens, como cineastas, jornalistas entre outros que divulgam e tratam de conceitos históricos, chamando atenção da História Pública.

Estabelecido o tema da aula, a produção da mesma envolveu profissional da História, da Linguística e do áudio visual, levando os alunos a refletirem não somente do passado ao abordarem sobre temas como a greve de 1917, mas, também temas atuais, como os movimentos surdos, negros, homossexuais, por moradia e reforma agrária.

O autor deixa claro que a internet é uma ferramenta muito importante para o professor usar em sala de aula, como forma de obtenção de fontes, além da repercussão e rápida divulgação dos vídeos produzidos no canal através das redes sociais, chegando até a Seduc e sites do governo onde foram publicadas matérias sobre as referidas aulas. Como cita Padovani Netto,

Em 30 de abril de 2018 a Seduc publicou em seu site uma matéria produzida a partir de uma entrevista proposta pela assessoria de comunicação do órgão, na qual prestei esclarecimentos sobre o canal História em Libras (Padovani Netto, 2018, p. 210). No dia 1º de maio de 2018 a mesma matéria produzida pela Seduc foi divulgada no site “Agência Pará”. 20 No dia 1º de maio de 2018 a Seduc também publicou uma chamada sobre o canal História em Libras na sua conta no Facebook, disponibilizando o link para acessar a matéria hospedada no site “Agência Pará”. (PADOVANI NETTO, 2018, p. 210)

Também através das redes sociais chegando respostas do público então direcionadas às aulas, pois através de comentários alunos surdos entraram em contato devido às aulas

publicadas no canal. Conforme mencionado pelo autor.

Sendo assim é de muito importante que as aulas de História recorram às tecnologias no processo de produção do conhecimento histórico escolar, e nesse contexto, atender alunos com surdez, dando protagonismo para os mesmos, tendo em vista que ao tratar de história local, muitos verbetes e conceitos históricos regionais devem ser criados e/ou contar com a contribuição dos próprios alunos surdos, sendo os mesmos não só os objetos de pesquisa, mas também agentes da própria pesquisa tendo em vista que os questionários e entrevistas com outros sujeitos são feitos por eles, podendo ser utilizado o método da referida autora, através do qual é feito um levantamento prévio dos conhecimentos históricos desses alunos e como eles usam em suas vidas e como avaliam a importância da disciplina.

O uso da Libras e dos intérpretes para a inclusão dos alunos surdos é uma ferramenta importante, pois o objetivo é levar o conhecimento aos alunos surdos. Entretanto, quando usadas em aulas de História sem o devido acompanhamento pedagógico e com ausência de legendas e imagens, acabam por perder seu objetivo principal. Contrariamente, fica evidente que ao se lançar mão de intérpretes, orientação de um profissional de História, imagens, legendas, ferramentas digitais e internet para as aulas, se alcançará resultados significativos no ensino de História, tornando-o mais dinâmico e atrativo para um público cada vez mais diversificado.

Conforme explicado acima, a necessidade de intérprete é fundamental para o sucesso das aulas de história para alunos surdos, além do uso de tradução e imagens. Como exemplo, tanto as autoras do primeiro artigo, quanto Padovani Netto se utilizam desses meios para produzir seus materiais pedagógicos.

Conforme Azevedo e Mattos (2017 p. 112), "ressaltamos que neste material todo o conhecimento histórico foi construído em Libras, com o auxílio de uma intérprete, possibilitando o letramento destes alunos surdos". E segundo Padovani Netto (2018, p. 205):

O historiador precisará dialogar com muitas outras áreas para gerar seu produto de divulgação – fundamentalmente com profissionais que atuam na construção de audiovisuais e outros da área de informática –, no esforço de alcançar o maior público possível, o que garantirá seu caráter mais democrático.

Os autores deixam claro que o ensino de História para surdos deve ter apoio de intérpretes, além de usarem a internet, para aquisição de fontes audiovisuais para enriquecimento do ensino de História para os alunos surdos. Nesse ponto os dois autores não aprofundam o papel do intérprete na produção de seus respectivos materiais pedagógicos, sendo os mesmo citados de forma muito breve nos artigos. Já que a gramática da língua de sinais é

muito peculiar, ao elaborar a aula de História, o professor deve ter um apoio fundamental deste profissional.

Sendo assim, fica evidente, diante da análise dos artigos analisados que o ensino de História para surdos deve se utilizar de ferramentas e tecnologias para melhor atender esse público, podendo a internet, aplicativos, canais em redes sociais, sempre levando em consideração a história local como já várias vezes mencionado o ensino de História para surdos, deve atender também a História local e contribuir de forma positiva para o desenvolvimento do aprendizado desses alunos.

Assim sendo os professores de história devem sempre buscar se aprimorar diante das transformações que o campo do ensino está passando, diante do cenário de mudanças nas formas de ensino, que se proliferaram com a pandemia do COVID-19. Termos como ensino remoto, ensino híbrido, aulas síncronas, aulas assíncronas, Google Classroom, Google formulários, tornaram-se termos comumente utilizados na educação brasileira nos últimos dois anos.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO, ENSINO PÚBLICO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

3.1 O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS NAS SALAS DE AULA

A educação passa por mudanças, transformações e influências onde um mundo cada vez mais tecnológico cerca a sociedade em que se vive. O ambiente escolar gradativamente se viu inserido em um mundo digital apresentando a essa comunidade os aparelhos eletrônicos, computadores, tvs digitais, dvd 's, parabólicas e programas educativos, projetores, internet, smartphones, aplicativos, entre outras inovações. Diante dessa realidade muitos docentes se viram frente a um dilema: a reinvenção de metodologias e recursos para incorporarem tecnologias digitais face a necessidade de incrementar suas aulas e torná-las mais atrativas para despertar o interesse de seus alunos.

Compreender esse momento que o ensino passava e vivencia atualmente é muito importante para que professores estimulem os alunos para se aprofundarem nas mais variadas formas de conhecimento que a escola está envolta, e não estudar somente para obter aprovação ao final do ano letivo, mas para que o aluno se perceba como um ser de transformação social diante de um mundo tão desigual.

Para tal situação problema e para o professor obter êxito, o docente teve que ser desprender de visões sobre esse novo mundo e se refazer em sua formação frente a introdução de notebooks e tecnologias em sala de aula:

O temor pela máquina e equipamentos eletrônicos, medo da despersonalização e de ser substituído pelo computador, ameaça ao emprego, precária formação cultural e científica ou formação que não inclui a tecnologia (LIBÂNEO, 1998, p.68).

Como assegura Marques (2012), pode-se dizer que neste século XXI as tecnologias estão impactando a vida e refletindo diretamente na educação. Repensar a escola se faz necessário tendo em vista que o modelo tradicional não atende um público de estudante cada vez mais intimista das tecnologias, nesse contexto fica claro que o professor deve dominar e usar as tecnologias na docência, seja, como recurso didático em suas aulas, mas também as adequando como ferramentas no processo pedagógico. É importante destacar que atualmente o ensino, seja de História ou outras áreas do conhecimento requerem que os docentes dominem e empreguem ferramentas de tecnologias, à indícios e que o uso de tecnologias em escolas, principalmente públicas são lentas ou não foram integradas às práticas pedagógicas, devido

diversos obstáculos³⁵.

Conforme abordado acima é interessante, aliás, que o uso de tecnologias digitais foram nesses últimos 03 anos primordiais para a relação professor-aluno em detrimento da pandemia COVID-19 onde aulas presenciais foram suspensas e , ganhando destaque e atenção no que tange a educação e o uso de internet, smartphones, aplicativos e redes sociais, mas há alguns fatores que se sobrepõe, como a contradição do crescimento dessas novas tecnologias aplicadas à educação e adequação dos professores não tão habituados em plataformas digitais e suas linguagens diferenciadas.

3.2 O CENÁRIO TECNOLÓGICO DAS ESCOLAS PÚBLICAS

A educação durante as restrições impostas pela pandemia do COVID-19 tornou-se um desafio, dessa forma professores, gestores escolares buscaram adequar e dominar da ampla tecnologia digital disponível para que fossem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, aplicativos como WhatsApp, YouTube, google meet, Google Classroom, foram largamente utilizadas por alunos, professores e outros sujeitos que compõem o mundo da educação, termos como, ensino remoto, aulas remotas, aulas síncronas e assíncronas foram apresentadas a classe docente e incluídas em seus vocabulários. Conforme explicado acima, as instituições de ensino foram desafiadas a buscar alternativas ao modelo tradicional de ministrar aulas.

Contudo, a educação em tempo de pandemia também evidenciou de forma explícita problemas e dificuldades em utilização de tecnologias pelas escolas públicas brasileiras, conforme relatório do TCU (2020),

A precária estrutura tecnológica que afeta historicamente a rede pública brasileira de educação básica, atingiu maior gravidade com a necessidade de isolamento social imposto pela pandemia do Covid-19 e pela exigência da rápida adaptação à realidade do ensino remoto (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2020).

Destacando a obrigação do Estado Brasileiro em agir de forma eficaz para implementar a Estratégia Brasileira de Transformação Digital, conhecida com E-Digital, também o documento salienta ainda que diversas políticas públicas foram anunciadas e investimentos para aquisição de equipamentos/ conectividade objetivando a preparação e inserção de docentes e discentes no mundo digital, a realidade é que as escolas públicas continuam despreparadas.

Pode-se dizer que o uso de tecnologias digitais na educação brasileira é uma realidade e

³⁵Disponível em: <https://www.convergenciadigital.com.br/Inclusao-Digital/TCU%3A-Faltam-dinheiro%2C-articulacao-e-oferta-de-banda-larga-na-politica-digital-para-escolas-59475.html?UserActiveTemplate=mobile>
Acesso em 14 abr. 2023

está em forte expansão. Nesse cenário, fica claro que professores, gestores e alunos estão cada dia mais se adequando ao uso de ferramentas que buscam auxiliar no desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O mais preocupante, contudo, é constatar que a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras, no que tange conectividade, está distante do necessário para uma educação de qualidade que alcance o propósito de reduzir a desigualdade social tão evidente na sociedade brasileira com mais notoriedade em localidades distantes dos grandes centros urbanos.

É importante destacar que professores e alunos buscam alternativas por meios próprios para inserirem tecnologias no cotidiano escolar, assim, não dependerem somente da infraestrutura e conectividade das políticas públicas então divulgadas por governos. Conforme mencionado pelo relatório do TCU,

infraestrutura, a conexão e os dispositivos precisam estar em harmonia com o projeto de inovação que se deseja adotar na rotina pedagógica, onde há de se reconhecer a necessidades de alfabetização digital, formação docentes, mudanças de padrões culturais e conteúdos de qualidade.³⁶

Assim, preocupa o fato de se reconhecer que tecnologias digitais são instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da educação em escolas e não se efetivarem políticas públicas que resolvam o problema.

A educação, como já mencionado, passou por transformações, onde o modelo de aulas tradicionais foram e vêm sendo incrementadas por novas estratégias em sala de aula com o auxílio de tecnologias digitais, contudo, a escola é uma ferramenta de idealização e construção social. É interessante destacar que a escola pública também reflete as desigualdades da sociedade em seu entorno, unidades de ensino com infraestrutura de pouca qualidade, baixa ou nenhuma cobertura de internet. Em escolas ribeirinhas, onde a educação tradicional já tem suas complexidades em detrimento de localidades de difícil acesso, por exemplo, quase sua totalidade é descoberta por conexão digital. Em conformidade com o que foi explicado acima, o Governo Federal instituiu o Programa de Inovação Educação Conectada - PIEC em 2017,

Visa a conjugar esforços entre órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, escolas, setor empresarial e sociedade civil para assegurar as condições necessárias para a inserção da tecnologia como ferramenta pedagógica de uso cotidiano nas escolas públicas de educação básica (BRASIL, 2017).

De acordo com a portaria 1.602 do MEC (2017, p. 2):

1º As ações desenvolvidas no âmbito do Programa de Inovação Educação Conectada serão organizadas em quatro dimensões:

³⁶ Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/destaque-da-sessao-plenaria-de-16-de-fevereiro.htm>
Acesso em 14 abr. 2023

I - Visão: estímulo ao planejamento por estados e municípios da inovação e tecnologia como elementos transformadores da educação, promovendo valores como: qualidade, contemporaneidade, melhoria de gestão e equidade;

II - Formação: disponibilização de materiais e oferta de formação continuada a professores, gestores e Articuladores Locais, e articulação com instituições de ensino superior para incluir o componente tecnológico na formação inicial;

III - Recursos Educacionais Digitais: acesso a recursos educacionais digitais e incentivo à aquisição e socialização de recursos entre as redes de educação básica;

IV- Infraestrutura: apoio à aquisição e contratação dos serviços e equipamentos necessários ao uso da tecnologia nas escolas públicas, inclusive serviços de conexão à internet de alta velocidade.³⁷

A portaria do MEC destaca a necessidade de engajamento entre Estados, Municípios e instituições superiores para alcançar o que se propõe, uma educação inovadora e conectada. Nesse ponto é importante destacar o papel da formação continuada e das instituições de ensino superior no que quesito tecnologias, pois muitas ações desarticuladas e falta de comunicação entre esses atores não consegue efetivar na prática tais propostas.

A conscientização de agentes governamentais e de funcionários públicos em relação à importância que a educação somada a tecnologia podem transformar uma sociedade poderia de forma gradual solucionar os problemas que a educação pública vivencia no quesito tecnologias.

O relatório do TCU já citado aplicou questionários a diretores escolares e foi constatado obstáculos que escolas enfrentam para que Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) sejam incorporadas às práticas pedagógicas, quais podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Problemas para implantação de TDIC em escolas públicas



Fonte: Relatório do Tribunal de Contas da União

³⁷ Disponível em <https://www.mobiletime.com.br/noticias/04/08/2015/as-dificuldades-para-utilizar-a-tecnologia-dentro-da-sala-de-aula-das-escolas-publicas-brasileiras/>

Pode-se dizer que os problemas relatados são inúmeros, nesse contexto fica claro que equipamentos (falta, obsolescência, insuficiência), formação para professores, recursos educacionais digitais e a conexão de internet são destacados quando se analisa educação e tecnologias digitais. Os professores devem possuir conhecimento significativo do mundo digital e de informática para que as mudanças ocorram no âmbito escolar e que o uso de tecnologias digitais seja uma realidade nas escolas públicas.

Dessa maneira é preciso subsidiar as escolas não somente com equipamentos, mas com formação continuada, aquisição ou incentivo a criação de recursos digitais voltados para a educação³⁸. Para tanto é preciso ter uma visão clara de onde se quer chegar e é necessário maior empenho e financiamento em relação a estruturação das escolas.

A falta de infraestrutura básica de computadores, programas e conexão de internet em parte considerável das escolas públicas brasileiras ocasiona um tipo de engessamento do desenvolvimento de uma educação digital e conectada, ocasionando uma interpretação que as mudanças nunca irão ocorrer e a educação sempre será atrasada nesse quesito. Sendo assim para mudar tal pensamento:

O caminho para conectar todas as escolas brasileiras à internet veloz e garantir plenas condições para o uso da tecnologia em benefício do aprendizado envolve a criação e manutenção de infraestrutura fora e dentro das escolas, uso eficiente de recursos públicos e busca de novas fontes de financiamento, boas práticas de gestão em redes e escolas, formação de professores e mobilização da sociedade (PORVIR³⁹, 2012).

Isto posto, compreende-se que inovações digitais na educação são demandas muito importantes, frente a diversidade de informações/conteúdos na internet somadas aos avanços e progressos que o mundo passa. Dentre seus diversos objetivos, o propósito mais evidente é a escola como difusora e construtora de conhecimento, onde a qualidade na formação do aluno impacta diretamente na construção de uma sociedade menos desigual. Conforme citado por Martins (2018),

³⁸ Através de busca rápida na internet achamos notícias que mostram escolas públicas ou institutos federais que desenvolvem com alunos aplicativos, sites e outros produtos digitais que auxiliam professores e discentes no ensino aprendizagem, como essa a seguir:

“Alunos criam aplicativo para melhorar experiência sensorial de surdos. Aplicativo capta sons emitidos e faz aparelho vibrar em tempo real. Um grupo de alunos da Escola de Inovadores desenvolveu um aplicativo para proporcionar uma experiência sensorial aos portadores de deficiência auditiva. Utilizando uma programação de inteligência artificial, o aplicativo Feel the Music (FTN, sinte a música, em tradução livre), capta os sons que estão sendo emitidos e faz o aparelho de telefone celular vibrar no ritmo desses sons, em tempo real.”

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/alunos-criam-aplicativo-para-melhorar-experiencia-sensorial-de-surdos> Acesso em 25 jan. 2023

³⁹ O Porvir é um site sem fins lucrativos que disponibiliza materiais relacionados a tecnologias educacionais e metodologias em sala de aula, além de formação para docentes.

Disponível em: <https://porvir.org/> Acesso em 25 jan. 2023.

Às transformações que as tecnologias ocasionam nas estruturas e nas práticas sociais, infere-se que, se mantida a mesma lógica de acesso a frações sociais determinadas, o não acesso à informação continuará causando exclusão social do indivíduo, favorecendo condições de desigualdade.

De acordo com o que foi citado acima, apoiar e incentivar a implementação de políticas públicas eficientes que concretizem uma escola com aparato tecnológico e humano habilitado em recursos digitais é um passo para uma sociedade mais justa.

A implantação, de tecnologias digitais na educação, onde escolas, alunos, gestores e professores estejam conectados com um mundo vasto de informações, é um desafio enorme, sendo assim, devem ser direcionadas estratégias pelos governos de acompanhamento onde experiências de escolas que apresentaram os melhores resultados sirvam como inspiração e modelo de implantação em outras unidades escolares. Como é enfatizado no portal Porvir:

Ao aproveitar os avanços da tecnologia, é possível elevar a qualidade da educação do país, a partir da criação de ambientes favoráveis para a personalização do ensino, a cooperação entre pares e a promoção da autonomia dos alunos.

O mundo demanda de pessoas que estejam habituadas às tecnologias de informação, para isso a escola como formadora de conhecimento assume um papel primordial, pois a sociedade exige qualidade no ensino, mas, essa cobrança pode ser frustrada caso a política pública de inovação na educação não seja executada sem a devida importância.

Encontrar alternativas para os problemas é de suma importância, pois a política digital para as escolas públicas e sua implantação de forma concreta está diretamente associada à transformação social que a tecnologia e educação tem, fazendo do espaço escolar um local de equidade, onde todos teriam oportunidades de acesso à informação e seu uso adequado para promoção humana. Julgo pertinente trazer à baila, o quanto a tecnologia foi essencial em tempos de distanciamento social devido a COVID-19, onde o aprendizado foi comprometido, onde os envolvidos na educação não dispunham em pé de igualdade, computadores, conexão com internet e formações digitais adequadas. De acordo com Blikstein (2021)⁴⁰

A presença das tecnologias na vida pessoal, profissional e cívica é uma realidade. A emergência da pandemia de covid-19 obrigou uma inédita transição em massa do ensino presencial para o remoto. No Brasil, inúmeras deficiências foram expostas: o estágio incipiente de políticas estruturadas para tecnologia educacional, a baixa formação e suporte aos docentes na área e, sobretudo, uma lacuna de critérios claros para contratação, adoção e implementação de tecnologias por parte da gestão pública. Carências anteriores à pandemia ficaram evidentes, reforçando a importância de se discutir as necessidades e estratégias para emprego dessas ferramentas na educação. (RELATÓRIO DE POLÍTICA EDUCACIONAL, 2021. p. 2)

⁴⁰ Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/08/resumo-2208-tecnologias-educacao-equidade.pdf> Acesso em 28 jan. 2023

Por todas essas razões, chegamos a conclusão que o uso de tecnologias em salas de aulas das escolas públicas brasileiras é uma realidade, mas, com falhas, seja de formação do corpo docente, problemas de infraestrutura e de equipamentos, conexão de internet de qualidade e recursos digitais aplicáveis para todas as áreas do ensino básico e que atendam todos os diversos sujeitos que compõem o corpo discente de educacional brasileiro. Vê-se, pois que essa realidade foi motivo de debates e ainda o é, mas, que necessita-se que sejam efetivadas ações concretas de tecnologias digitais, pois seu uso adequado incrementa e enriquece o processo de ensino e aprendizagem.

Espera-se, dessa forma, que reestruturar as escolas públicas em função da vida digital contemporânea seja um passo para o Brasil distanciar-se da desigualdade social, econômica e educacional, fatos que foram tão evidentes durante o período de isolamento social do COVID-19. Considerando a escola como instituição transformadora, e essas foram postas a prova durante a pandemia, onde tiveram que aderir a plataformas digitais, aplicativos e redes sociais em caráter de urgência e ouvir os atores que formam a escola é um ponto fundamental para implantação de uma política pública de educação conectada.

3.3 ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS

À não muito tempo a realidade da educação pública brasileira quando pensada em relação a recursos necessários para fazer fluir o ensino, nos remete somente a giz, quadro e livro do professor. Assim sendo, aulas de História se caracterizaram por aulas onde os fatos históricos eram apresentados aos alunos de forma expositiva, onde a memorização de datas e personagens acabavam por serem algo marcante, o desinteresse por esse formato de aulas pode ser considerado um fator que contribui para o afastamento de alunos de conteúdos históricos de forma eficaz. Como enfatizado, por Busignani e Fagundes (2013)⁴¹:

Com isso as aulas foram se tornando teóricas e, por muito tempo, cobrava-se dos alunos que os fatos históricos fossem memorizados. Deste modo, professores e alunos não refletiam e nem discutiam os fatos históricos, apenas abordavam de modo sistemático com foco na memorização. O uso das tecnologias no ensino de história: possíveis contribuições.

Entretanto, é notório como as aulas de história melhoraram nos últimos anos, a didática e metodologia dos docentes mudou, não focando somente em fatos históricos em si, mas, relacionando com o cotidiano do aluno, dando protagonismo aos discente como sujeito da

⁴¹Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fecilcam_hist_a_rtigo_orlando_marcelo_nalin_busignani.pdf

história⁴².

Para Marieta Moraes, a história na educação básica tem debates consideráveis sobre a disciplina e a sua função escolar. Mas, é possível utilizar métodos na educação básica, dando protagonismo aos estudantes, por exemplo, como história oral:

Na educação básica você pode trabalhar mostrando como é fazer uma entrevista com uma pessoa, preparar o estudante a fazer uma entrevista, pode ser com alguém da família dele, um vizinho, alguém das proximidades, e mostrar que existem maneiras diferentes de ver o mesmo episódio (COSTA; ZALLA, 2014).

Dessa forma, buscará despertar no aluno a reflexão na coleta de informações para então, e ao confrontá-las alcançar um conhecimento mais confiável, destacando que o aluno vivencia um mundo onde existe um certo excesso de informações disponíveis em sites de buscas como o Google.

É interessante, aliás, destacar que em décadas passadas, estudantes e comunidade escolar em geral quando o assunto era pesquisa na internet ou informações do mundo virtual, isso era restrita a laboratórios de informática, que se tratando de escolas públicas eram frutos programas governamentais⁴³. Atualmente, cada vez mais os estudantes usam a tecnologia e internet como apoio de atividades escolares e fontes de informações. A pandemia do COVID-19, as medidas de distanciamento social e a suspensão de aulas presenciais, obrigaram os personagens que vivem o cotidiano escolar a se habituarem cada vez mais com a busca de conteúdos escolares em sites de pesquisas.

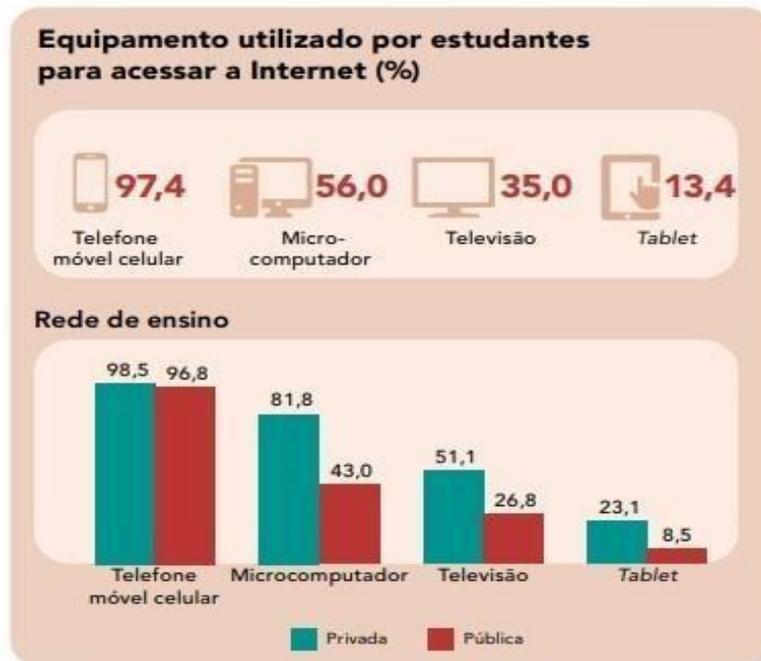
O Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) em pesquisa divulgada em 2021 mostra como o uso de celulares já era ferramenta de então utilizada por estudantes desde 2019, o que se pode analisar no gráfico abaixo:

⁴² Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino.

Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/37/ensino-de-historia-uma-reflexao-sobre-materiais-e-metodos-de-ensino>

⁴³ Podemos dar como exemplo o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado em 1997 com o propósito de propiciar o uso pedagógicos de informática e escolas públicas. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=22148 Acesso em 20 mar. 2023

Gráfico 8 – O uso de celulares para acesso a internet por estudantes brasileiros.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, coordenação de Trabalho e Rendimento, pesquisa nacional por Amostra de Domicílio Contínua 2019.

Conforme explicado acima, o uso de smartphones para desenvolver atividades relacionadas à escola já largamente utilizada por estudantes, na pandemia o uso foi intensificando, muitas vezes se tornando a principal ferramenta de contato entre aluno/escola/professores. Também evidenciaram durante a pandemia do COVID-19 problemas concretos da sociedade e da educação pública como: a desigualdade social entre os jovens estudantes brasileiros⁴⁴, falta de aptidão das escolas públicas em oferecer o chamado ensino remoto, analfabetismo digital entre outros problemas.

A pesquisa do IBGE de 2019 deixa claro que no Brasil o acesso a internet por meio de celulares era uma realidade dos domicílios brasileiros, e obviamente o formato utilizado por estudantes para auxílio de trabalhos escolares em período anterior à pandemia. Entretanto, a mesma pesquisa destaca que aproximadamente 4,1 milhões de estudantes não tinham acesso⁴⁵, essa situação impactou estudantes durante as aulas em formato remoto, aumentando a probabilidade de desistência e cancelamentos de matrículas.

Em um contexto de pandemia, do afastamento de professores e alunos da sala de aula, professores tiveram que criar soluções para que o ensino fosse conduzido de forma não presencial e uma das soluções foi o uso de recursos e tecnologias digitais. Considerando a

⁴⁴ Sobre o impacto da pandemia nos jovens estudantes. <https://porvir.org/estudos-mostram-impacto-da-pandemia-na-educacao-e-no-mercado-de-trabalho-da-juventude-brasileira/> Acessado em 01 fev. 2023

⁴⁵ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>

situação do aluno em ter acesso às Tecnologias de Informações, foram elas as ferramentas essenciais para restabelecer o ensino diante do distanciamento social e fechamento das escolas orientado por órgãos sanitários nacionais ou regionais. Dessa forma a pandemia reconfigurou o ensino, professores, alunos, famílias e suas casas tornaram-se sinônimo de aprendizagem.

Ora, em tese, as Tecnologias de Informações e recurso digitais, seriam mais um recurso para potencializar o desenvolvimento do ensino e dessa forma o aprendizado do aluno, por exemplo, ao utilizar a sala de informática com acesso a internet para pesquisas relacionadas a determinadas disciplinas pelos alunos ou quando um docente usando um projetor e um computador exibia-se um filme/documentários e apresentações de slides em sala de aula. Conforme explicado acima, os recursos digitais e tecnologias de informações, para atender a demanda de urgência criada pela pandemia do COVID-19, tornaram-se o principal meio de levar educação no período crítico de distanciamento social. De acordo com Santinelo (2013)⁴⁶:

O professor sabedor desses recursos, e com a inteligência e criatividade intrínseca que a profissão exige, tem em suas mãos a capacidade de envolver suas aulas de forma com que as tecnologias sejam utilizadas de maneira flexível e interativa, trazendo o cotidiano escolar para o desenrolar de processos exploratórios e articulados com a realidade discente. (SANTINELLO, 2013 apud SOARES; COLARES, 2020, p. 20).

O autor acima citado deixa claro que do professor é exigido criatividade e inteligência para um uso envolvente das tecnologias, além de relacionar com a realidade discente. Esse é o motivo pelo qual é importante frisar esses pontos, uma vez que parte considerável dos jovens estudantes estão mais habituados a uso de tecnologias digitais, em virtude da popularização de smartphones, internet móvel e aplicativos. Entretanto, deve-se refletir sobre o uso racional dos aparelhos de celular, tendo em vista que muito se discute como o uso excessivo prejudica o desenvolvimento escolar⁴⁷. Como afirma, OLIVEIRA (2013):

No ensino de História, a internet enquanto recurso didático e tecnológico para a atividade docentes e estudantis permite desenvolver pensamento crítico do professor e alunos para as provocações do mundo moderno entre sociedade, estruturas políticas e econômicas atuais. Assim exige do professor atuar numa perspectiva que vise despertar a consciência crítica. (OLIVEIRA, 2013. p. 18.)

É possível perceber que a internet tem um papel importante para o ensino de História, que busca gerar a criticidade tanto em professores quanto alunos frente às transformações do mundo. Em todo esse processo, o professor tem papel primordial para alcançar o objetivo de desenvolver no estudante uma consciência crítica, isso porque a geração de estudantes inseridos

⁴⁶ SANTINELLO, Jamile. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à formação do Gestor Escolar. Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2013.

⁴⁷ <https://www.medicina.ufmg.br/saude-dos-estudantes-pesquisa-aponta-que-uso-de-telas-na-adolescencia-aumentou-mais-de-240-na-pandemia/>

em uma sociedade de informação é de inquietude frente aos conhecimentos escolares, buscando sempre encaixá-los em suas necessidades de um mundo repleto de informações.

Sendo assim, o professor de História deve compreender o mundo dos jovens e dá sentido e significados a suas aulas, buscando aproximar os temas abordados em sua disciplina com a realidade que o aluno está inserido, fazendo com que ele perceba que é um ser político e a internet pode ser uma ferramenta que auxilia os sujeitos a se desenvolver criticamente a partir de estudos de conceitos históricos de forma correta. Dessa forma, “[...] Este novo século parece indicar um crescimento do papel das diversas mídias na formação educacional dos cidadãos, ocupando espaços cada vez maiores dentro e fora da escola.[...]” (CERRI, 2002) ⁴⁸.

Conforme verificado, tecnologias, recursos digitais e a internet, são ferramentas que podem ser utilizadas para fomentar a formação de pensamento crítico de estudantes e professores no ensino de História. Seria um erro, porém não atribuir destaque a criatividade exigida do docente. Assim reveste-se de particular importância lembrar que com advento e certa popularização da internet, docentes de História lançaram-se ao mundo digital, sejam orientando os alunos no cuidado ao pesquisar conteúdos históricos em sites, por exemplo Wikipédia, ou criando páginas em sites que busquem difundir conhecimento históricos de forma acessíveis para a juventude. Sob essa ótica, ganha particular relevância que o uso de redes sociais em massa como Facebook, YouTube e WhatsApp, são largamente utilizadas por alunos, e professores valendo-se dessa informações possibilitaram aprendizagem em História com criação de páginas nas referidas redes sociais.

Pode-se dizer que o ensino de História passou por mudanças durante essas últimas décadas, de aulas expositivas com auxílio de giz, quadro e livros didáticos para ambientes virtuais, mediados pelo uso de computadores, smartphones e mídias digitais, o ensino de história acompanhou de acordo com sua realidade, as mudanças de mundo em intensa transformação tecnológica. Nesse contexto, aplicativos para dispositivos móveis como o WhatsApp, em sua função de grupos, foram usados de forma instrutiva para a difusão, compartilhamento e construção do conhecimento histórico. Como bem assegura Lopes (2016, p.8) "Este aplicativo pode, desde que utilizado pedagogicamente, disponibilizar ao professor e aos alunos, uma gama de possibilidades para se trabalhar os temas e conteúdos históricos...". Uma orientação adequada do uso desse aplicativo, transformará o smartphone em um objeto que torna acessível o ensino de História a um toque de suas mãos.

Sendo assim, professores e professoras de História foram colocados diante de mais uma

⁴⁸ CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e nação na propaganda do " milagre econômico". **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 195-224, 2002

responsabilidade, usar dispositivos móveis para produção e divulgação de conhecimento histórico, dando sentido às aulas de história ensinada, onde os alunos analisem acontecimentos históricos de forma significativa. Em um tempo de fake news, onde fatos históricos são distorcidos e divulgados massivamente em grupos de WhatsApp, buscando desconstruir lutas e reivindicações de grupos socialmente excluídos, ou disseminação de ódio e preconceito, é importante considerar que o ensino de história e seu teor científico é um antídoto contra notícias falsas.

3.4 ENSINO DE HISTÓRIA, ENSINO REMOTO, TECNOLOGIAS E SURDEZ

Fica evidente, diante do cenário da pandemia do covid-19, alguns questionamentos: o uso de tecnologias para manutenção de aulas não presenciais atendeu e incluiu todos os sujeitos que compõem o sistema escolar? Como escolas e professores organizaram e produziram aulas para alunos com surdez? Quais foram as estratégias? Como professores de História adaptaram aulas com o uso de tecnologias para alunos com surdez enquanto durou o ensino remoto. Não cabe, portanto, responder a todos esses questionamentos de forma profunda, mas, destacar que o avanço e domínio tecnologias digitais em estabelecimentos de ensino por professores e alunos contribui para o desenvolvimento estratégias de ensino de história para pessoas com surdez.

O ensino de história é explorar o passado, eventos, fatos históricos, sujeitos históricos e como o passado molda o presente e o futuro. Dessa forma a história pode ser fascinante e envolvente para alunos de todas as idades, segmentos sociais e níveis de ensino. No entanto, o ensino de história também pode apresentar alguns desafios, especialmente para alunos surdos que podem enfrentar barreiras no acesso a fontes históricas, principalmente na questão que envolve a comunicação com colegas de turma e professores e no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico.

Mas, ultimamente vemos professores adequando formas de ensinar, como afirma Paulo Roberto Martins da Silva, em sua dissertação de mestrado intitulada, *Ensinando História para Educandos Surdos Em Uma Escola Inclusiva: Um Ensino Possível*:

O que percebo é um esforço de muitos docentes, seja no individual ou no coletivo, por incômodo ou pelo seu compromisso profissional, que buscam formas de incluir os surdos em suas disciplinas por não considerarem deixá-los sem o acesso ao que ensinam. Independentemente de estarem usando as metodologias adequadas ou não, ninguém pode negar que se esforçam para incluir os surdos, mas não só no tocante ao contexto social, mas, especialmente, em relação à aprendizagem. (SILVA, 2020, p. 110).

Um dos principais desafios para os alunos surdos na aprendizagem da história é a falta

de materiais adaptados, acessíveis e diversificados. O uso do livro didático com fontes históricas, como cartas, discursos, diários e jornais, são escritos em português e muitos alunos com surdez não dominam a língua portuguesa⁴⁹.

Sobre livros de História, segundo a professora edvana, que atende alunos com surdez na escola Gerson Peres:

Alguns livros atendem os alunos surdos, como o aluno surdo gosta de imagens, tendo alguma coisa pra ele se situar, tem muitos livros que vem com bastante imagens, mas, também depende do nível do aluno, pois tem a situação que dão livros gigantes para o aluno surdos, mas, ele tá ainda em um processo de alfabetização, o livro não vem nivelado, onde venha em uma proposta onde posso atender a todos, o livro seria muito interessante se viesse uma parte com um cd, explicando o conteúdo e traduzindo em libras, isso seria maravilhoso, pois o livro vem para quem saber ler em língua portuguesa. Outras coisa fico pensando, igual o Enem, fala-se em flexibilizar o currículo, nosso surdo na prova do enem tem a prova acessível, vem traduzida em língua brasileira de sinais, vem as mesmas questões em libras por meio de vídeos, mas eles não levam em consideração o nível de dificuldade do aluno com surdez. (Edivana Vieira Praia, Professora do Serviço de Atendimento Educacional Especializado, 2023)

Além disso, ao usar filmes e documentários como fontes históricas elas podem não ter legendas, transcrições ou interpretações em língua de sinais, dificultando ou impossibilitando a compreensão dos alunos surdos. Portanto, os professores precisam fornecer uma variedade de fontes históricas adaptadas às necessidades linguísticas e culturais dos alunos surdos, como vídeo com intérpretes de língua de sinais, uso de imagens e sites interativos.

Conforme explicado acima, o desafio para os alunos surdos na aprendizagem da história é a barreira de comunicação com os colegas e professores. História é um assunto que requer muita discussão, debate e colaboração entre alunos e professores. No entanto, alunos surdos podem enfrentar dificuldades em participar dessas atividades devido à falta de intérpretes de língua de sinais, tecnologias adequadas ou práticas inclusivas em sala de aula, fazendo com que eles não tenham informações importantes no decorrer da aula. Portanto, os professores precisam criar um ambiente de aprendizagem favorável e respeitoso que promova a comunicação e a interação entre todos os alunos e professores, como o uso bastante de recursos visuais e trabalho em grupos.

Um desafio para os alunos surdos na aprendizagem da história é o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico. Nas aulas de história é exigido que os alunos analisem, avaliem e interpretem evidências e perspectivas históricas. No entanto, os alunos surdos podem

⁴⁹ Em entrevista com intérpretes e professores do AEE do município de Breves, eles relatam que a Língua portuguesa para o aluno com surdez é uma barreira muito grande, tendo em vista que muitos verbos conectivos não são dominados pelo surdo, além de terem problemas na própria alfabetização. Também relataram que muitos alunos surdos vivem em ambientes familiares onde seus pais e irmão não dominam a Libras, e que os mesmos só tiveram contato com a libras já tardiamente, com sua entrada em escolas que promovem a inclusão.

ter dificuldades com essas habilidades devido à falta de um esclarecimento a diversos pontos de vista, opiniões e argumentos que são expostos ao estudar história. Por exemplo, alunos surdos podem ter acesso limitado a debates e controvérsias históricas que são apresentadas de forma oral ou escrita. Portanto, os professores precisam lançar mão de estratégias e apoio para incentivar os alunos surdos a pensar de forma crítica e criativa sobre a história, por exemplo, estimular a fazer perguntas e participar das atividades propostas. Conforme a professora edivana, as possibilidades passam pela necessidade de um professor intérprete nas salas de aula, mas, sugere alternativas:

É trabalhar a questão do teatro, para ele viver aquilo, viver o momento histórico, dialogar com os amigos por meio da libras, mas o teatro é uma grande possibilidade, o Histolibras, tinha um teatro na língua dele, não era falado. Mas, aulas com vídeos, imagens, tem que fortalecer, tem que ser uma prática comum, as imagens mostram o tempo, como aconteceu, as questões concretas, os castelos, as igrejas, o feudalismo por exemplo, as maquetes são muito boas para trabalhar com alunos surdo. (Edivana Vieira Praia, Professora do Serviço de Atendimento Educacional Especializado, 2023)

Em conclusão, ensinar história para alunos surdez é uma tarefa complexa, mas extremamente gratificante que exige que os professores estejam atentos às necessidades específicas de cada aluno surdo. Criar materiais, elaborar aulas com fontes históricas acessíveis e diversificadas, criando um ambiente de aprendizado favorável, que zele pelo respeito e colaboração entre os alunos, incentive e oriente esses alunos na construção do pensamento crítico, os professores podem ajudar os alunos surdos a aproveitar e se destacar no aprendizado da história.

A pandemia da COVID-19 desorganizou o sistema educacional e trouxe muitos desafios para professores e alunos, especialmente aqueles com deficiência. Alunos surdos que dependiam de intérpretes de línguas de sinais para comunicação e aprendizado enfrentaram barreiras para interagir com os cadernos impressos enviados pelas secretarias de educação e também para acessar, participar e interagir das aulas no formato remoto que exigisse estar em sincronia real com o professor, por exemplo, usando o *Googlemeet*. No entanto, algumas tecnologias digitais também podem oferecer oportunidades para melhorar a qualidade e a inclusão do ensino de história para alunos surdos durante a pandemia.

Para atender a necessidade dos alunos surdos, professores juntamente com professores do SAEE e intérpretes criam estratégias com o objetivo de inserir os alunos surdos nas dinâmicas do ensino remoto, desde criação de vídeos com legendas e intérpretes virtuais, até adequação de caderno impressos, evidenciando a importância de professores intérpretes para o desenvolvimento do ensino público.

Entretanto, o cenário de pandemia e ensino remoto também se fez necessário pensar o

quão o ensino de história está muito atrelada ainda ao modo tradicional de se fazer, planejar e ministrar o ensino de História, conforme Padovani Netto já evidenciava em 2018:

A manutenção desse modelo de aula, seguramente coloca o ensino de História em uma crise reflexiva de seus referenciais teórico-metodológicos em relação à formação dos alunos, os quais, ainda são pensados em sua maioria, nos seus grupos majoritários, ou seja, alunos ouvintes.

O autor deixa claro, o ensino de história, no formato tradicional detém a oralidade como principalmente ferramenta pelos professores em suas aulas, o que não contempla os alunos surdos, além da língua portuguesa escrita ser um grande obstáculo a ser vencido, pois os surdos não compreendem o significado de várias palavras, tornando um problema para a aprendizagem. Como mencionado pelo autor, a disciplina de história, assim como a escola tem um desafio que é fazer com que esse aluno consiga compreender o mundo a partir do saber histórico escolar a eles oferecido.

Conforme explicado acima o modelo de ensino de história pautado no formato tradicional já era alvo de discussões e reflexões, a pandemia e o ensino remoto mostrou que o ensino de história está passando por ressignificação, onde professores podem proporcionar metodologias diversificadas entre elas o uso de tecnologias e ferramentas digitais. É importante considerar que os alunos aderem com grande facilidade o uso de tecnologias, sendo assim usadas de formas adequadas e direcionadas pelos professores implicaria na melhoria da qualidade do ensino. O aluno surdo não está fora dessa realidade, tem celulares, muitos interagem em redes sociais, usam aplicativos, podendo o professor utilizar estratégias pautadas em tecnologias digitais para proporcionar uma aprendizagem melhor de um assunto/tema abordado na aula de história e dando sentido ao aluno surdo como protagonista do seu aprendizado.

De acordo com Cristiano Gomes Lopes, em sua dissertação de mestrado, intitulada, *O Ensino de História na Palma da Mão: O WhatsApp como extensão da sala de aula* (2013, p. 30):

Com o mundo cada vez mais conectado à internet e envolvido com o uso massivo das TDIC, representadas pelas redes sociais e aplicativos, visto que proporcionam uma infinidade de possibilidades de interação, e, conseqüentemente, construção de conhecimentos, há, também, o estímulo às escolas e professores a buscar meios de aproveitar ao máximo o potencial desses espaços virtuais interativos. (LOPES, 2013)

O uso de tecnologias digitais no ensino de história para alunos surdos pode ter um impacto positivo em seu desempenho acadêmico, motivação, interesse e prazer em aprender história. No entanto, devemos também considerar os possíveis desafios e limitações do uso de tecnologias digitais, como as vivenciadas durante o período de ensino remoto, como questões

técnicas, questões de acessibilidade e questões pedagógicas.

Os professores também devem equilibrar o uso de tecnologias digitais com outros métodos tradicionais de ensino de história, como ler textos históricos, com o objetivo de estimular e fortalecer a alfabetização em língua portuguesa, dando papel de protagonista ao aluno surdo na participação e interação nas aulas com os alunos ouvintes.

Considerando esses aspectos, podemos concluir que o ensino de História pode transformar as tecnologias indispensáveis para atender alunos surdos, pois o uso de imagens é primordial tanto nas tecnologias quanto para a melhor aprendizagem do aluno surdo. Mas, claro que para alcançar isso o docente terá que antes de tudo elaborar um planejamento com recursos então necessários para alcançar o objetivo proposto, cabendo também ao docente buscar formação ou dominar o uso de tecnologias para o ensino.

3.5 ESTRATÉGIAS DE AULAS UTILIZANDO TECNOLOGIAS E SUAS VANTAGENS PARA ALUNOS SURDOS

A tecnologia tornou-se uma ferramenta essencial para a educação no século XXI, mais evidenciada ainda com o ensino remoto em detrimento da pandemia do COVID - 19 como várias vezes já destacado. Podendo as tecnologias de digitais de informações serem usadas para melhorar os resultados de aprendizagem, aumentar a acessibilidade e promover a colaboração entre alunos e professores. Para alunos surdos, a tecnologia também pode oferecer oportunidades para superar as barreiras de comunicação, participar plenamente da sala de aula, protagonizar o aluno surdo como criador e difusor de conhecimento escolar. Sendo assim, descreverei algumas das tecnologias que podem ser utilizadas em uma aula para alunos surdos e suas vantagens.

Uma das tecnologias que pode ser utilizada ao produzir uma aula com recurso audiovisual é a legendagem, ela é necessária para alunos surdos, algo que não foi contemplado em sua maior parte durante o ensino remoto⁵⁰. Legendagem é o processo de exibição de texto

⁵⁰ <https://canaltech.com.br/educacao/aluna-surda-reune-80-mil-assinaturas-para-incluir-legendas-em-videoaulas-188777/>

Aluna surda reúne 80 mil assinaturas para incluir legendas em videoaulas, Desde que a pandemia levou os alunos para fora das escolas e as aulas passaram a ser online, surgiram dificuldades em diferentes aspectos. Um dos grupos atingidos negativamente foi o dos estudantes com deficiência auditiva, já que muitas videoaulas não trazem legendas nem intérpretes de libras. Ao se matricular em um cursinho online, Maria Clara Rosa Meier se viu nessa situação. Ela decidiu, então, fazer um abaixo-assinado para que a empresa de educação digital Descomplica incluísse legendas nas aulas em vídeo. Foram nove meses de mobilização e mais de 80 mil assinaturas. Nesse processo, Maria Clara teve o apoio da Change.org, que hospedou o pedido.

A aluna é surda profunda bilateral. “Eu tenho implante coclear, mas esse aparelho auditivo não é suficiente. Minha forma de ouvir não é 100% igual à dos ouvintes, pois tenho dificuldade para captar alguns sons”, diz a jovem, na

em uma tela que corresponde às palavras faladas de um locutor ou de um vídeo. As legendas podem ajudar os alunos surdos a acessar o conteúdo de palestras, apresentações, vídeos e podcasts. Para docentes que têm canal no YouTube, ou podem criar, a plataforma tem em suas configurações como inserir legendas descritivas. Também pode melhorar suas habilidades de leitura e escrita, bem como seu vocabulário e gramática. Um aplicativo gratuito disponível em plataforma gratuitas, é o *Live Transcribe*, que instalado no celular faz a legendagem, através do microfone do aparelho e exibe na tela o texto. Mas, também já existe no mercado empresas que fazem legendagem de filmes para o público surdo⁵¹, o que nos faz questionar como o público surdo fica excluído de salas de cinema que não atendem a legendagem em suas salas.

De acordo com a Ancine, em sua normativa 148/2019 “As salas de exibição comercial deverão dispor de tecnologia assistiva voltada à fruição dos recursos de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. A legenda descritiva descreve todo o ambiente que se passa o filme.

A interpretação da língua de sinais pode ser feita por intérpretes humanos ou por sistemas de inteligência artificial, como sistemas baseados em um avatar digital, como por exemplo, o aplicativo VLIBRAS e o HANDTALK. A interpretação da língua de sinais pode permitir que alunos surdos se comuniquem com seus professores e colegas que não conhecem a língua de sinais. Também pode facilitar a compreensão de conceitos complexos e ideias abstratas. A interpretação da língua de sinais pode ser feita por intérpretes humanos ou por sistemas de inteligência artificial, como sistemas baseados em avatar ou em gestos.

descrição da petição online. “O que melhoraria isso seria o uso da legenda [nos vídeos], que a Descomplica não oferece.”

⁵¹ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2018/06/filmes-com-legendas-descritivas-para-surdos-e-realidade-em-salas-de-cinema-de-caxias-10374742.html>

Filmes com legendas descritivas para surdos é realidade em salas de cinema de Caxias . Cidade é protagonista no cumprimento da legislação.

Figura 12 – Aplicativos : VLibras e Handtalk



Fonte: UFTM (2021) e Handtalk

A tecnologia unida a outras metodologias pode oferecer muitos benefícios para alunos surdos e transformando o ambiente escolar e da sala de aula em um lugar acolhedor para ele, melhora seu acesso à informação, comunicação e interação. A disciplina de história pode melhorar seu desempenho escolar, conhecimento histórico, criticidade e protagonismo estudantil. A tecnologia pode ser uma poderosa aliada do aluno surdo em sua jornada escolar.

Uma das dificuldades encontradas no ensino de História para surdos é a existência de sinais correspondentes a conceitos históricos, dessa forma propomos a criação de um glossário animado, a partir das sequências didáticas e em parceria entre o professor de história, intérpretes e alunos surdos. Para tornar um sinalário de História mais envolvente e visual, para atender melhor o público, o referente sinalário é com o uso de gifs que ilustram ou demonstram o termo ou conceito. GIFS são pequenas imagens animadas que capturam a atenção da pessoa e transmitem emoção ou ação. Você pode usar ferramentas online ou sites para criar ou encontrar GIFS que atendam às suas necessidades.

3.6 ETAPAS PARA CRIAÇÃO DE GIFS QUE IRÃO COMPOR UM SINALÁRIO DE HISTÓRIA

Um sinalário de conceitos históricos com GIFS pode aprimorar o ensino de história para alunos surdos, além de difundir e conectar outras formas de ensinar. O sinalário pode ser atualizado e revisado de acordo com o tempo, fazendo do aprendizado histórico mais divertido e envolvente para alunos surdos.

Quadro 2 - Estapas da criação do sinalário.

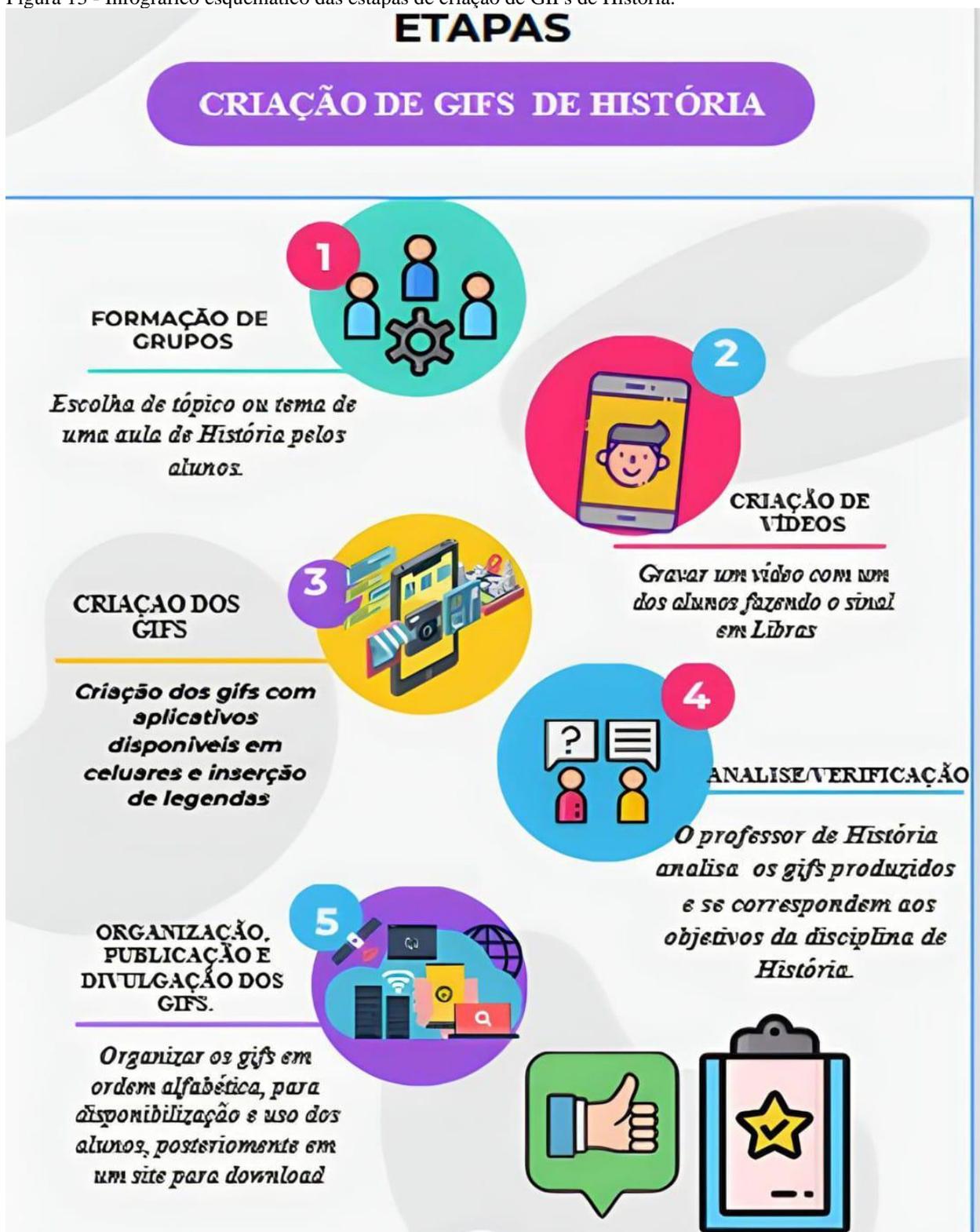
Etapa 1: Formação de grupos e escolha de tópico ou tema de uma aula de História pelos alunos.	Para cada termo ou conceito, o grupo precisa escrever uma definição breve e clara que resuma seu significado, para isso é necessário o auxílio do professor de história, para a pesquisa de fontes que irão referendar esse resumo.
Etapa 2: Criação do vídeo	Essa fase é necessário o professor intérprete, caso o professor de história não domine libras, juntamente com os alunos surdos, após uma roda de conversa e pesquisa, chegam a uma conclusão do sinal correspondente ao conceito histórico, então se grava um vídeo com um dos alunos fazendo o sinal. Alunos surdos de preferência.
Etapa 3: Criação dos GIFs	Depois de gravado o vídeo com o sinal, cria-se o GIF usando ferramentas como GIPHY GIF Maker, GIPHY Cam, Snagit ou iMotion HD, ou outras acessíveis em plataformas de aplicativos, além de adicionar legendas e texto. ⁵²
Etapa 4: Verificação	Juntamente com os docentes deve-se analisar de que os gifs produzidos são apropriados para a escola e correspondam aos objetivos de aprendizado histórico.
Etapa 5: Organização, publicação e divulgação dos gifs.	Após, organizar os gifs em ordem alfabética, o passo é divulgar, para isso estamos construindo um site, onde podemos deixar disponíveis para download e inserção de mais gifs.

⁵² <https://olhardigital.com.br/2015/10/21/noticias/site-permite-criar-gifs-a-partir-de-qualquer-url-do-youtube/>

O site Giphy, espécie de central das imagens em GIF circulando pela internet, acaba de lançar uma ferramenta para permitir que qualquer usuário crie os próprios GIFs. Trata-se do GIF Maker, uma plataforma gratuita para criar animações curtas usando apenas a URL de um vídeo do YouTube.

O site não exige qualquer cadastro. Após copiar e colar o link do vídeo no GIF Maker, basta indicar o ponto de início, a duração da animação e incluir uma legenda (opcional). O resultado pode ser compartilhado em alta qualidade como um arquivo HTML5 ou uma simples imagem com extensão GIF.

Figura 13 - Infográfico esquemático das etapas de criação de GIFs de História.



Fonte: Do autor (2023).

Figura 14 - Esboço do Layout do site.



Fonte: Do autor (2023).

Figura 15 - Esboço da Capa com animação do site.



Fonte: Do autor (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeras as considerações a serem feitas, mas algumas devem ser destacadas com maior importância, o desenvolvimento do presente estudo foi marcado por um mix de sentimentos, o início dessa nova fase da carreira docente, veio cheio de empolgação, sonhos, expectativas, esperanças, aprendizados e debates em uma turma de mestrado profissional em Ensino de História em uma instituição com destaque regional e nacional, a Universidade Federal do Pará. No primeiro mês de aula o mundo todo foi impactado pela pandemia do COVID-19, onde os sentimentos de insegurança, incertezas e medos foram tomando conta de todos, mudando rotinas, vidas e nos deparamos com uma nova realidade e percebemos que não seria nada fácil trabalhar, estudar e viver diante do cenário estabelecido. Fomos afastados fisicamente da universidade, de nossas escolas, de nossos colegas e nossos alunos. Mas, diante das dificuldades nos reorganizamos, revemos ideias e adaptamos para prosseguirmos para avançar disciplina por disciplina, agregando novos conhecimentos e então chegar a fase final do Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória), Campus Ananindeua - UFPa/Pará.

Iniciamos a caminhada do mestrado com o objetivo de trabalhar o papel do docente frente às mudanças que ocorreram na educação pública brasileira com a inclusão de alunos surdos e também o papel de tecnologias como forma de mediar, facilitar e estreitar distâncias entre alunos e professores. Consideramos que o uso adequado de tecnologias digitais em sala de aula são necessárias para alcançar índices melhores da educação e promover o desenvolvimento de alunos e professores. E como as tecnologias digitais são uma realidade da educação pública entre docentes e alunos e como eles se relacionam com elas. Para isso focamos em discutir a função docente, como os professores reagem diante da desvalorização de uma profissão tão necessária para o desenvolvimento de qualquer sociedade, mas, também como ser professor é uma função de transformações, de esforço diário para acompanhar as mudanças que ocorrem em uma sociedade tão acelerada com o avanço de tecnologias, mas, também de adequações às realidades ainda precárias das mais diversas áreas que formam um município como Breves.

Não foi possível descrever em sua totalidade as situações vivenciadas por professoras e professores e que desenvolvem com maestria e empenho da melhor forma que é possível a docência, em escolas municipais e estaduais na zona rural e urbana de Breves, mas, buscamos focar em um recorte de um tempo de nossa atualidade e destacar o período de pandemia do COVID-19 e seus impactos na educação, na vida dos docentes, alunos e profissionais que fazem

a educação pública. Buscamos através do presente trabalho, descrever como foi a implantação do ensino não presencial e como a Seduc/Pará e a Semed/Breves (alguns municípios, como Breves, chegaram a decretar lockdown para conter o avanço da doença), organizaram o trabalho em escolas, envolvendo professores, gestores, coordenação pedagógica, alunos e famílias.

Diante desse cenário, a educação desenvolvida em um espaço que é a escola, um lugar de convívio e afeto foi gradativamente substituída por um contato à distância, sejam por cadernos impressos disponibilizados aos estudantes ou de forma virtual, mediada por tecnologias, mas observamos através de nossa experiência como docente e através da pesquisa que esse período de ensino remoto foi excludente, deixando de fora uma parcela considerável da comunidade estudantil, seja pela vulnerabilidade econômica ou também pela surpresa e não estarmos preparados para uma educação remota, levando ao esgotamento emocional de alunos e docentes. Apesar das dificuldades impostas pelo ensino remoto, percebemos que muitos docentes se reinventaram, buscando se doar ao máximo para desenvolverem estratégias que atendessem as necessidades que o período de aulas não presenciais exigia, destacando que atender os alunos em áreas ribeirinhas, em virtude da realidade dessas localidades, maioria sem acesso a internet, alunos e escolas sem equipamentos de tecnologias digitais, escolas localizadas em rios distantes, os professores tiveram que se deslocar para entregar e receber os cadernos escolares e levar kits de alimentação para seus alunos, o que acabou por vitimar professores e outros serem salvos de alagamentos em rios.

Tentamos relacionar os conceitos discutidos durante as aulas do programa, Ensino de História, uso de tecnologias como meios de mediação na educação, ensino remoto e realidade vivenciada pelos alunos com surdez enquanto duraram as aulas não presenciais. No caso da escola Gerson Peres, professores juntamente com apoio educacional já tinham iniciado um projeto, chamado de HistoLibras, onde se construía um glossário de verbetes/sinais de História com os alunos surdos, dando protagonismo para os mesmos, onde percebemos que dessa forma a tecnologia já era ferramenta fundamental para execução do objetivo do projeto, tendo em vista que sinais eram pesquisados na internet, programas eram necessários para edição e construção do glossário em pdf.

A necessidade de dominar tecnologias digitais para um novo formato de educação que a contemporaneidade impõe e já complementando as didáticas de cada professor foi vista nesse período, como por exemplo, nas falas da professora Emília do Socorro⁵³, “eu não sabia nem mexer em computador direito, tive que comprar um para fazer as atividades em pdfs para os

⁵³ A professora Emília é docente de História da Escola Odízia farias, rede municipal de ensino, esse comentário foi extraído da entrevista que fiz com ela.

alunos, a professora Socorro Marques que me ajudou na compra do melhor notebook”. Essa fala da professora Emília mostra como muitos docentes foram pegos de surpresa, com a necessidade urgente de dominarem tecnologias digitais, coisas teoricamente simples como manusear um computador, demonstra que ainda é existente barreiras consideráveis na popularização de ferramentas digitais entre docentes, o que nos faz pensar sobre a falta de infraestrutura nas escolas e falta de formação continuada para esses professores nas áreas de tecnologias.

De um modo geral, os professores se empenharam para trabalhar de forma remota e buscaram meios de se atualizar, mas possuem dificuldades, como atender a todos os alunos que formavam as turmas, estimular o aprendizado nos alunos a distância e produzir materiais acessíveis para alunos com surdez. A maioria dos professores de história utiliza recursos didáticos em sala de aula, mas como a realidade das escolas públicas limita a disponibilidade desses recursos e pouco tempo para planejamento acaba por influenciar de forma negativa a produção e desenvolvimento de estratégias que atendam todas as turmas e todos os alunos, levando em consideração perfis diferenciados de alunos e turmas.

Os alunos também foram surpreendidos, mas muitos demonstraram interesses em tecnologias e buscaram se informar sobre domínio de aplicativos, sites de pesquisas que os auxiliam-se durante o ensino remoto, fato demonstrado a maior parte dos alunos da escola Gerson Peres em poucos meses saberem utilizar o *Google meet* e *Google Classroom*, *Google forms* entre outros. Entretanto, diante das falas dos estudantes surdos ficou evidente que os recursos didáticos produzidos durante o período de aulas remotas não atenderam os objetivos propostos, ficando os mesmos excluídos na maioria das escolas, com materiais em vídeos aulas sem intérpretes, aulas sem material adaptado, e sem orientações direcionadas para esse público e com a flexibilidade necessária para o nível de ensino de um aluno surdo.

Podemos dizer que o ensino de História passou e passa por momentos desafiadores, formar o senso crítico dos alunos frente a debates sobre conceitos que são cada vez mais buscados em redes sociais, internet e outras fontes de informações é necessário que muitos professores transformem suas formas de ensinar sem que exclua nenhum aluno, por isso as tecnologias digitais devem ser dominadas pelos professores e alunos e dando protagonismo para esses últimos. No caso dos alunos surdos, as tecnologias seriam uma forma de se encaixarem no processo de desenvolvimento educacional e criação de conhecimento. A proposta de criar GIFs usando aplicativos, onde esses GIFs seriam sinais de conceitos históricos, busca difundir a cultura surda, torna acessível e dá destaque no aluno surdo para criação dos sinais então utilizados em aulas de história.

Dada a importância e urgência da temática, é preciso o desenvolvimento de projetos que fomentem a formação continuada de docentes, que possam mediar as relações desses alunos com tecnologias e que promovam um ensino de qualidade, com uma prática pedagógica inclusiva, que atendam os diferentes alunos. Nesse sentido, a disciplina de História associada a tecnologias digitais nas escolas, através da mediação de professores pode permitir que os alunos adquiram conhecimentos históricos de forma mais ampliada, motivando o aluno a buscar novos saberes e dentro de uma realidade já conhecida do aluno que são as tecnologias.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, P. B. de; MATTOS, C. O. Ensino de história para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas. **PerCursos**, [S. l.], v. 18, n. 38, p. 112 - 133, 2017.
- ALMEIDA, W. G. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus, BA: Editus, 2015.
- ARENZ, Karl Heinz; DE VASCONCELOS, George Alexandre Barbosa. “Encarnação e Libertação”: os ecos do Concílio Vaticano II na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 7, n. 19, p. 167-197, 2014.
- BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p.29-42, 1990. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3877. Acesso em 14 set. 2020.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- BLIKSTEIN, Paulo; SILVA, Rodrigo Barbosa e; CAMPOS, Fabio; MACEDO, Livia. **Tecnologias para uma educação com equidade: novo horizonte para o Brasil**. Relatório de Política Educacional. D3E, Todos Pela Educação, 2021.
- BRASIL, C. D. 1. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.. . Brasília,
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.. . Brasília,
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014b. Seção 1, p. 1, Ed. Extra.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BREVES. **Plano Municipal de Educação**, 2018.
- BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José [org.] **Aprendizagens Históricas: mídias, fontes e transversais**. União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.
- BUSIGNANI, Orlando Marcelo Nalin; FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. O uso das

tecnologias no ensino de História: possíveis contribuições. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: artigos. Cadernos PDE, Volume I. Paraná, 2013.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa.** In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (orgs.). **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

CAMPOS, Vanessa T. Bueno; GASPAR, Maria de Lourdes Ribeiro; MORAIS, Sarah Juvencino de Oliveira. **Imagens e Identidades da Docência: ser, tornar-se e fazer-se professor, professora.** **Ensino em Re-Vista**, v. 27, n. 1, p. 93-117, 2020.

CARNEIRO, Leonardo de Andrade; RODRIGUES, Waldecy; FRANÇA, George; PRATA, David Nadler. **Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19.** **Research, Society And Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, 4 jul. 2020.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e nação na propaganda do "milagre econômico".** **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 195-224, 2002

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DIÁRIO DO PARÁ. **IDH expõe abandono em que vive o Marajó.** Belém. 30 jul. 2013. Disponível em <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-252510-idh-expoe-abandono-em-que-vive-o-marajo.html?d=1> Acessado em 03 abr. 2023

DONNER, Sandra Cristina. **História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil.** In: Anais Eletrônicos do XI Encontro Estadual de História do Rio Grande (FURG)/RS. 23 a 27 de julho de 2012. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1342993293_ARQUIVO_HistoriaLocalBrasilMundotexto2012.pdf. Acesso em 06 nov. 2021.

DUARTE, Thais Silva Garcia; PINHO, Rachel Tegen. **O ensino de História e o uso da tecnologia.** XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, RN, 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/27/1364935237_ARQUIVO_Anpuhthais.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

G1 PARÁ. **Ocupação na Câmara de Breves chega ao sexto dia.** G1. Belém. 18 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/ocupacao-na-camara-de-breves-chega-ao-sexto-dia.ghtml>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GONTIJO, Rebeca (orgs.). **O Ensino de História em Questão: cultura histórica, usos do passado.** Rio de Janeiro: FVG Editora, 2015, p. 17-36.

KISCHENER, Manoel Adir. O Ensino de História em tempos de internet: apontamentos preliminares. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8, n. 1, 2019.

GOULART, Suélyn da Silva. **Consciência história e televisão: relações entre tv e os elementos que constituem a consciência histórica**. 2017. 76 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Ensino de História, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cadernos Cedes**, v. 26, p. 163-184, 2006.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LEITE, Mayara Alves. **Aprendizagem histórica e história local: uma experiência com alunos do 8º ano sobre o ensino da História de Parauapebas-PA**. 2020.147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Araguaína, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora ?** Novas exigências educacionais e profissão docente. Rio de Janeiro: Cortez, 1998

LOBATO, H. K. G. **A educação especial em Breves-Pará: de 1985 a 2018**. São Carlos -SP: Pedro & João Editores, 2019.

LOBATO, H. K. G.; OLIVEIRA, I. A. D.; BENTES, J. A. D. O. **Atendimento educacional especializado para alunos surdos: representações sociais de professores**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2017.

LOPES, Cristiano Gomes. **Aprendizagem histórica na palma da mão: os grupos do whatsapp como extensão da sala de aula**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

MACHADO, R. M. A.. Currículo escolar e sua contribuição para a construção de uma sociedade democrática. **SINAIS**, v. dez/2014, p. 129-143, 2014.

MARTINS, Cinthia Cristina de Oliveira. **A relação entre os meios midiáticos digitais e a consciência histórica dos estudantes da educação básica: pistas para (re)pensar o ensino de história no século XXI**. 2013. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

MARQUES, Antonio Carlos Conceição. **As tecnologias no ensino de história: uma questão de formação de professores**. Consultado a, v. 12, p. 1415-8, 2012

MENARDI, Ana Paula Seco. **A educação na literatura de viagem e na literatura jesuítica—séculos XVI e XVII**. Campinas: UNICAMP, 2010.

MENDES, Leila Said Assef; RAMOS, Tatyane Souza; PONTES, Fernando Augusto Ramos; REIS, Daniela Castro dos; SILVA, Simone Souza da Costa; SILVA, Sarah Danielle Baia da. A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: um estudo preliminar em contexto naturalístico. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 80-87, 2008.

NETTO, Ernesto Padovani. **Ensino Para Diferentes Sujeitos: as aulas de História e a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino.** Belém: Paka-Tatu, 2019.

NETTO, Ernesto Padovani. O youtuber como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos. **Revista história hoje**, v. 7, p. 196-217, 2019.

OLIVEIRA, Elida. Ministério da Educação não gasta o dinheiro que tem disponível e sofre redução de recursos em 2020, aponta relatório. **G1**. [S.L.]. 21 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/21/ministerio-da-educacao-nao-gasta-o-dinheiro-que-tem-disponivel-e-sofre-reducao-de-recursos-em-2020-aponta-relatorio.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2023.

OLIVEIRA, Tatiana Santos. **O uso das novas tecnologias no Ensino de História: o blog como ferramenta educativa no ensino médio.** 2011. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

PANTOJA, Bruno Amorim et al. **O Facebook como ferramenta pedagógica no Ensino de História.** 2019.

PARÁ. Lei n. 8.186, de 23 de junho de 2015. Aprova o Plano Estadual de Educação – PEE e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Pará, Belém, PA, v. 125, n. 32.913, p. 1-32, 24 jun. 2015.

PEREIRA, C. C. A. F.. Ensino de História para alunos surdos: práticas educacionais em Escola Pública de Educação de Surdos de São Paulo. **História & Ensino**, v. 23, p. 159-172, 2017.

PORVIR. Disponível em: <<http://porvir.org/>>. ACESSADO EM: 04/03/2023

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; CARVALHO, Joel Pacheco de. A Igreja Católica na Amazônia: religiosidade e conflito. **Revista Observatório da Religião**, Belém, v. 3, n. 1, p. 153-172, 25 maio 2017.

RÜSEN, Jörn. Didática – funções do saber histórico. In. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007, p. 86-133.

SANTINELLO, Jamile. **Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à formação do Gestor Escolar.** Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2013.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. Itinerários de pesquisa em ensino de história. In. ARIAS NETO, José Miguel (org). **Dez Anos de Pesquisa em Ensino de História.** Londrina-PR: AtritoArt, 2005, p 113- 21.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e função docente: pluralismo democrático, história e liberdade de ensinar. In: MACHADO, André Roberto; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (Orgs.). **Golpes na História e na escola: o Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI.** São Paulo: Cortez, p. 199-216, 2017.

SILVA, Aldo José Morais. Um hino para a cidade: as disputas pela representação da memória e identidade através dos hinos cívicos em feira de santana, no século xx. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 35, n. 2, p. 51-74, 1 dez. 2017.

SILVA, D.S.; QUADROS, R.M. de. Língua de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, out. 2019.

SILVA, Paulo Roberto Martins da. **Ensinando História para educandos surdos em uma escola inclusiva**: um ensino possível. 2020. 296 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SOARES, L. V.; COLARES, M. L. I. S. Educação e tecnologia em tempos de pandemia no Brasil. **Debates em Educação**, Maceió, v.12, n. 28, p. 19-41, set./dez., 2020.

SOUZA, Carlos Rodrigo Moraes de. O ensino e a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais em Breves-PA a partir da ótica do Professor Mestre Huber Kline G. Lobato. *Revista Falas Breves, Breves*, n.8, p. 120-125, maio 2020.

TAKETA, Brenda. “FOI UM TERROR”: como breves, na ilha de marajó, se tornou em maio a cidade mais contaminada do brasil. Piauí. São Paulo, p. 0-0. ago. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/foi-um-terror/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século xxi. **Geosp: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29, p. 107-121, 2011.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa na educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010

ZARBATO, Jaqueline Martins. Memória e ensino de história: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 9, jan/jun. 2013. P. 134 – 152.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE HISTÓRIA, INTERPRÉTES E GESTORES DE ESCOLAS EM BREVES

1. Quais as experiências mais marcantes desses primeiros tempos como professor?
2. O que é ser docente?
3. O que levou você a optar pelo Curso de Licenciatura em História?
4. Há quanto tempo você trabalha ? Fala um pouco sobre suas lembranças como professor?
5. Quais são as escolas? Todas foram na área urbana?
6. Fale um pouco da realidade das escolas que você já trabalhou.
7. Quais os maiores gostos e vantagens de trabalhar nas escolas rurais e da cidade?
8. Há uma preparação pedagógica voltada para a realidade do ensino na prática?
9. Você considera importantes para a formação dos alunos, no mundo atual o uso de filmes?
10. Você usa história local? Fale um pouco sobre as metodologias que utiliza para trabalhar.
11. Sua experiência de vida e memórias ajudam como docente, como ser professor? Fale um pouco de sua experiência como docente de História em Breves.
12. Quando começou e o que motivou o projeto Histolibras?
13. Quais professores participaram?
14. Poderia falar um pouco sobre o projeto?
15. Você poderia falar um pouco de sua trajetória de vida com a educação especial? Como professora na escola GP, poderia falar um pouco das dificuldades, das conquistas de seus alunos?
16. Fale um pouco sobre a História do SAEE na escola.
17. Também poderia falar sobre formação dos professores da base comum, quais em sua análise são as maiores dificuldades ou problemáticas encontradas por eles para construção de uma metodologia que prendam e encantem os alunos com surdez.

18. Buscando por suas lembranças poderia falar sobre evasão escolar dos alunos com surdez? O que motiva os mesmos.
19. Poderia discorrer através de suas lembranças e experiências com alunos surdos? Seus êxitos, suas conquistas, também suas frustrações, problemas para atender as demandas desses alunos?
20. Em seu olhar, a disciplina de História, tem um currículo que atenda os alunos surdos? Os livros didáticos atendem?
21. A formação acadêmica, universitária forma o docente para trabalhar com alunos com surdez? A escola, ou rede de ensino, reserva uma formação continuada para os professores de História em conjunto com seus pares elaborarem estratégias, metodologias a serem elaboradas e criadas para usarem em aulas de História para com os alunos surdos?
22. Poderia falar, discorrer sobre possibilidades de trabalhar a disciplina de História com alunos surdos?
23. Você já teve aluno com surdez? Quando?
24. Você tem aluno com surdez? Em qual ano?
25. Quais as principais dificuldades e limitações que você encontrou enquanto professor de alunos surdos?
26. Como era a relação professor/aluno não surdos e alunos surdos?
27. Você participou de formações promovidas pela SEMED ou por iniciativa própria para o ensino de libras? Caso já tenha participado, foi importante para o seu trabalho? Por quê?
28. Como você avalia sua relação com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)?
29. Nesse período de pandemia, como foi a relação com alunos com surdez através do

- ensino remoto?
30. O uso de tecnologias (sites, aplicativos, etc) está colaborando de alguma forma para o ensino dos conteúdos da disciplina de História? Por quê?
 31. Algum aplicativo específico lhe ajuda no ensino dos conteúdos históricos? Qual(is)? Como ocorre essa ajuda?
 32. Sobre o ensino remoto colocado pela Seduc e governo do estado, houve algum contato junto a direção da escola, comunidade escolar, equipe de professores e equipe pedagógica em realizar as atividades por meio de ensino remoto?
 33. A escola fez alguma reunião com os professores antes de se aplicado efetivamente o ensino remoto?
 34. Como foi a reação dos professores quanto ao atendimento a distância dos alunos?
 35. Como foi organizado o atendimento na escola enquanto durou o ensino remoto?
 36. Qual é a sua concepção a respeito do ensino remoto, na fase do isolamento social?
 37. Como você preparou suas atividades para os alunos?
 38. Quais são as facilidades e as dificuldades encontradas por você em relação ao atendimento remoto?
 39. Quais são as dificuldades dos alunos com o ensino remoto?
 40. Quais são as facilidades dos alunos com o ensino remoto?
 41. O que é ser docente?

APÊNDICE B – PERGUNTAS REALIZADAS AOS ALUNOS SURDOS

- 1) Como você estuda nesta fase do isolamento, em função do COVID-19?
- 2) Quais foram os materiais recebidos para os seus estudos, no período do isolamento social?
- 3) Quais as dificuldades encontradas por você no estudo remoto e no atendimento escolar?
- 4) Quem auxilia você, em casa, para a realização das atividades remotas?
- 5) O que você acha das aulas de História?
- 6) Como é ser aluno surdo no município de Breves?
- 7) O que é preciso para o aluno surdo ter um bom aprendizado na escola?
- 8) O que você acha de um site com sinais em libras com conceitos históricos o site?

ANEXO A – REGISTRO FOTOGRÁFICO COM ENTREVISTADOS

REGISTRO DA ENTREVISTA COM O ALUNO SURDO LUIZ HENRIQUE DOS ANJOS



Fonte: Do autor (2023)

A esquerda o intérprete Rodrigo Moraes, ao centro o aluno Luiz Henrique dos Anjos e o entrevistador Mancio Serrão

REGISTRO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR SURDO EDWILSON VAZ DA SILVA



Fonte: Do autor (2023)

Ao centro o professor Edwilson, a esquerda o entrevistador Mancio Serrão e a direita o intérprete Ivanilson Tavares Santos

ALUNOS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE BREVES APROVADOS EM UNIVERSIDADES NO ANO DE 2022

PARABÉNS
CALOURO

BURELO
CALOURO 2023
UFPA
MATEMÁTICA

GENILSON
JACARÉ GRANDE
Matemática
UFPA

Aluno de escola pública do meio rural de Breves (Escola São Benedito- Jacaré Grande) aprovado em Matemática na UFPA - PROUNI

Homenagem
SEMED
Secretaria Municipal de Educação de Breves

ASCOM/SEMED

Fonte: Semed/Breves

**PARABÉNS
CALOURA**

PEDAGOGIA
2023
INTEGRAL

ERICA
RIO JABURU
Pedagogia

Aluna de escola pública do meio rural de Breves (Escola Palácio de cristal) aprovada em Pedagogia pelo -PROUNI

Homenagem
SEMED
Secretaria Municipal de Educação de Breves

ASCOM/SEMED

Fonte: Semed/Breves

**PARABÉNS,
CALOURA**

JOSIELE
CURUMU
Gastronomia
FADBA

Aluna de escola pública do meio rural de Breves (Escola Talismã e Escola Nova Esperança) aprovada no vestibular da Faculdade Adventista da Bahia

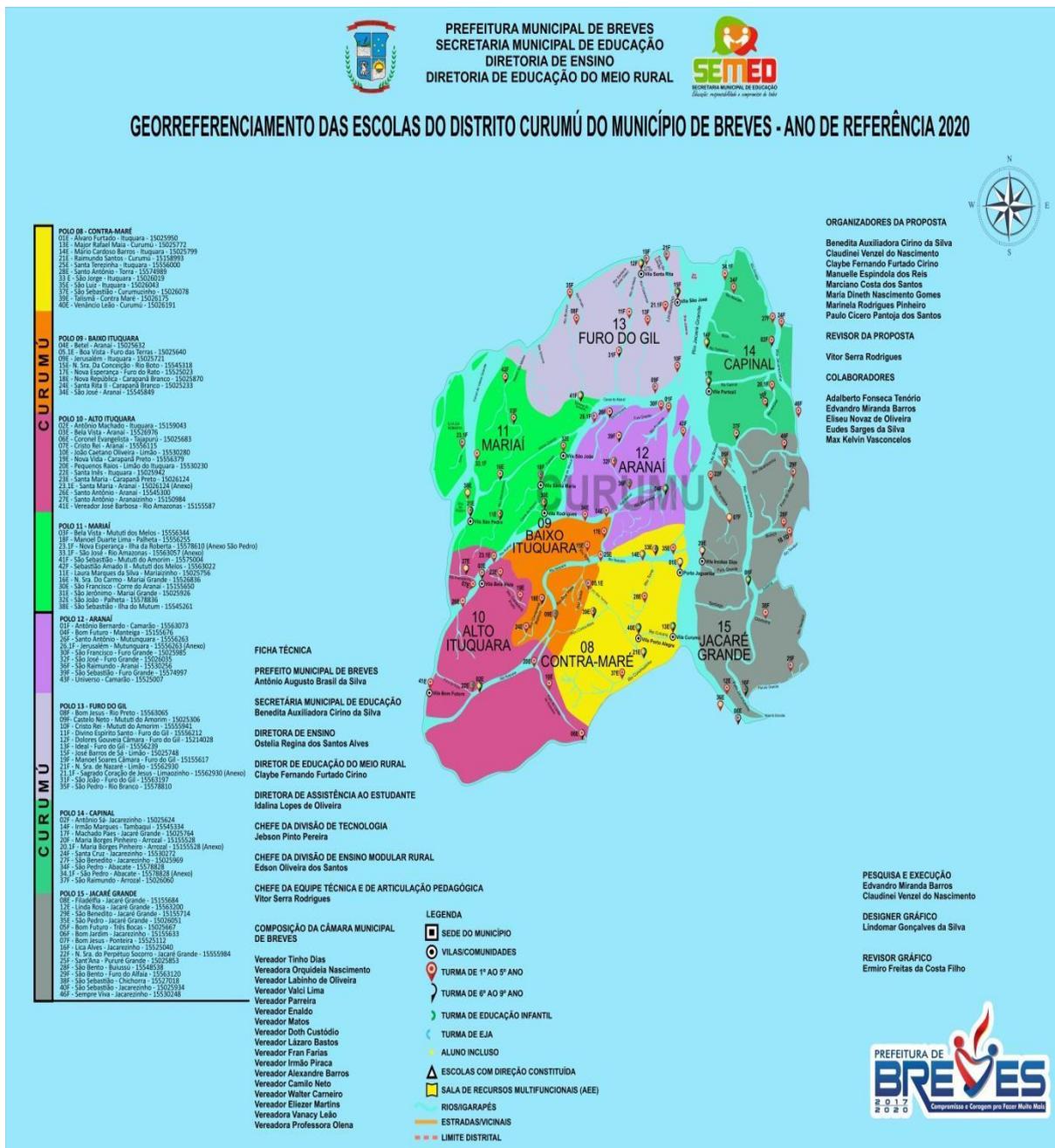
Homenagem
SEMED
Secretaria Municipal de Educação de Breves

ASCOM/SEMED

Fonte: Semed/Breves

MAPAS DE ESCOLAS NO MEIO RURAL E ONDE ESTÃO LOCALIZADAS NOS RESPECTIVOS RIOS E FUROS DO MUNICÍPIO DE BREVES DIVIDIDO POR DISTRITOS

DISTRITO DO CURUMÚ



Fonte: Semed/Breves

DISTRITO DE ANTONIO LEMOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE BREVES
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO DO MEIO RURAL



GEORREFERENCIAMENTO DAS ESCOLAS DO DISTRITO ANTONIO LEMOS DO MUNICÍPIO DE BREVES - ANO DE REFERÊNCIA 2020



ORGANIZADORES DA PROPOSTA

- Benedita Auxiliadora Cirino da Silva
- Claudinei Venzel do Nascimento
- Claybe Fernando Furtado Cirino
- Manuelle Espindola dos Reis
- Marciano Costa dos Santos
- Maria Dineth Nascimento Gomes
- Marinela Rodrigues Pinheiro
- Paulo Cicero Pantoja dos Santos

REVISOR DA PROPOSTA

Vitor Serra Rodrigues

COLABORADORES

- Adalberto Fonseca Tenório
- Eduardo Miranda Barros
- Eliseu Novaz de Oliveira
- Eudes Sarges da Silva
- Max Kelvin Vasconcelos

ANTÔNIO LEMOS	POLO 05 - MACUJUBIM
	01B - Breves - Jaburu - 15524949
	02B - Boa Esperança - Tamburugi - 15025292
	03B - Bom Jesus - Auará - 15025675
04B - Ivo Mainardi - Jaburu (Escola com direção constituída)	
05B - João Pereira Neves - Jaburu/Anhino - 15025395	
06B - Lawton - Jaburu - 15025373	
07B - Nova Canaã - Piracá - 15025403	
08B - Nova Vida - Macujubim - 15025411	
09B - São João - Jaburu - 15151026	
10B - São Luiz - Jaguapuru - 15025257	
11B - São Pedro - Itaitá - 15525155	
12B - São Raimundo - Jaburu/Anhino - 15555879	
13B - São Raimundo - Macujubim - 15025454	
14B - Tradetes - Simões - 15945791	
15B - Vereador Tilon Robin - Jaburu/Anhino - 15578704	
POLO 06 - JABURU	
01B - Ebenezer - Jaburu - 15025330	
02B - Filadélfia - Jaburu - 15025357	
03B - Irmão dos Santos Paes - Jaburu - 15025578	
04B - Jerusalém - Jaburu - 15024997	
05B - Monte Horebe - Jaburu - 15549631	
06B - Monte Horebe - Piranha - 15025381	
07B - Monte Sinai - Curto - 15563154	
08B - Nossa Sra. do Perpétuo Socorro - Lontra - 15525147	
09B - Palácio de Cristal - Jaburu - 15025420	
10B - Santo Antônio - Fero Grande - 15531090	
11B - São José - Curto - 15025500	
12B - São Raimundo - Companhiazinha - 15563162	
13B - São Raimundo - Companhiazinha - 15563162 (Anexo)	
14B - Venâncio dos Santos Pantoja - Matuni - 15545814	
POLO 07 - BUIUSSU	
01B - Camilo Gonçalves - Buiussu - 15026248	
02B - Espírito Santo - Jaguapuru - 15526917	
03B - Instituto Cristo - Buiussu - 15166375	
04B - Luz de São - Companhia - 15544806	
05B - Nossa Sra. do Perpétuo Socorro - Lourenço - 15025390	
06B - Nossa Sra. Santeana - Companhia - 15534957	
07B - Porto Pampato - Jaguapuru - 15025438	
08B - Santo Antônio - Buiussu - 15525351	
09B - Santo Antônio - Jaguapuru - 15025386	
10B - São João - Jaguapuru - 15025427	
11B - São José - Companhia - 15025454	
12B - São Paulo - Baiano - 15025535	
13B - São Paulo - Baiano - 15025535 (Anexo)	
14B - Valeriano Lobato - Companhia - 15555580	

FICHA TÉCNICA

PREFEITO MUNICIPAL DE BREVES
Antônio Augusto Brasil da Silva

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Benedita Auxiliadora Cirino da Silva

DIRETORA DE ENSINO
Ostella Regina dos Santos Alves

DIRETOR DE EDUCAÇÃO DO MEIO RURAL
Claybe Fernando Furtado Cirino

DIRETORA DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE
Idalina Lopes de Oliveira

CHEFE DA DIVISÃO DE TECNOLOGIA
Jabson Pinto Pereira

CHEFE DA DIVISÃO DE ENSINO MODULAR RURAL
Edson Oliveira dos Santos

CHEFE DA EQUIPE TÉCNICA E DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA
Vitor Serra Rodrigues

- COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE BREVES**
- Vereador Tinho Dias
 - Vereadora Orquideia Nascimento
 - Vereador Labinho de Oliveira
 - Vereador Valci Lima
 - Vereador Parreira
 - Vereador Enaldo
 - Vereador Matos
 - Vereador Deth Custódio
 - Vereador Lázaro Bastos
 - Vereador Fren Farias
 - Vereador Irmão Piracá
 - Vereador Alexandre Barros
 - Vereador Camilo Neto
 - Vereador Walter Carneiro
 - Vereador Eliezer Martins
 - Vereadora Vanacy Leão
 - Vereadora Professora Olena



- LEGENDA**
- SEDE DO MUNICÍPIO
 - VILAS/COMUNIDADES
 - TURMA DE 1º AO 5º ANO
 - TURMA DE 6º AO 9º ANO
 - TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
 - TURMA DE EJA
 - ALUNO INCLUSO
 - ESCOLAS COM DIREÇÃO CONSTITUÍDA
 - SALA DE RECURSOS MULTIFUNCAIONAIS (AEE)
 - RIO/SIGARAPÉS
 - ESTRADAS/VICINAIS
 - LIMITE DISTRITAL

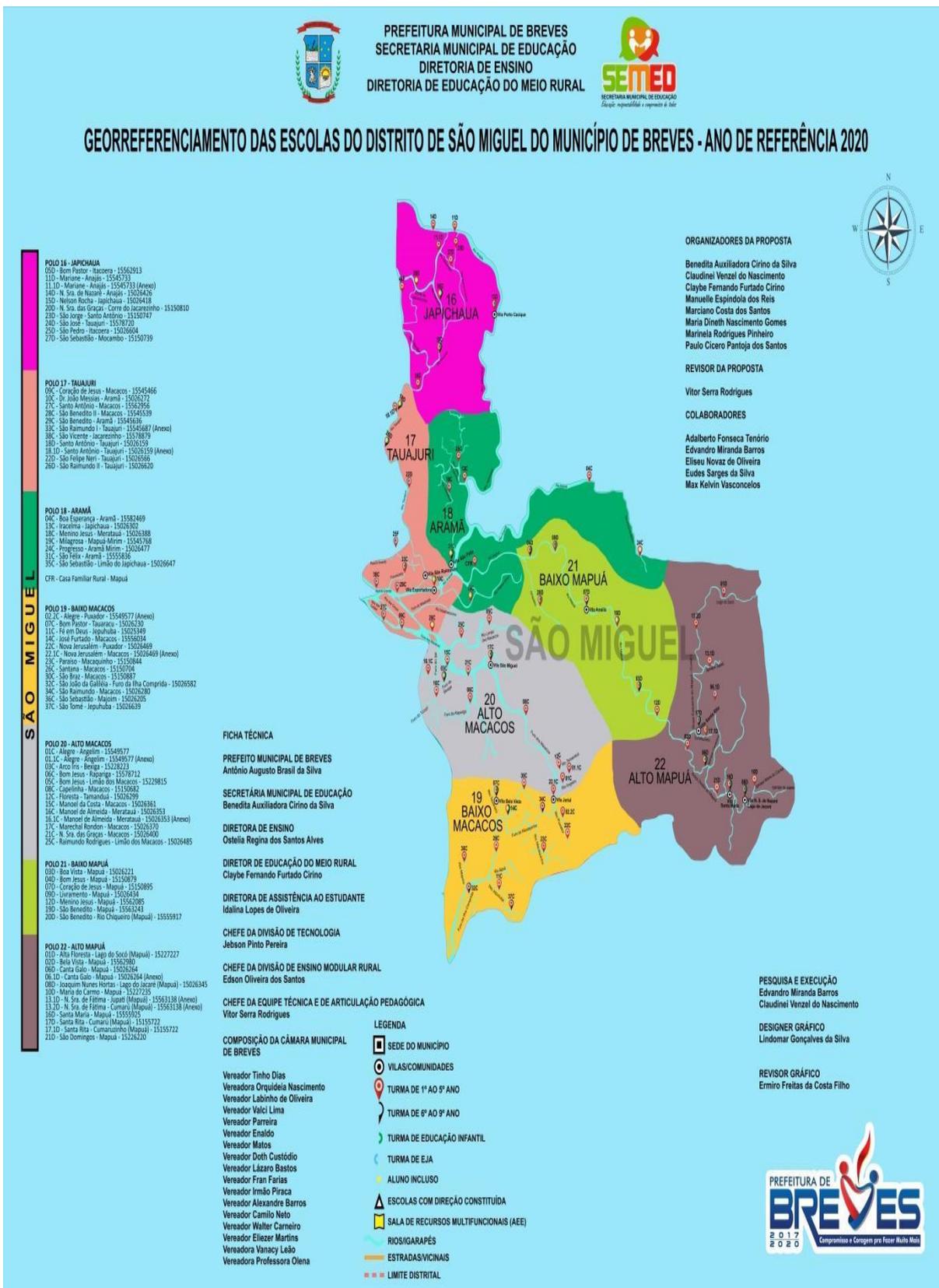
PESQUISA E EXECUÇÃO
Eduardo Miranda Barros
Claudinei Venzel do Nascimento

DESIGNER GRÁFICO
Lindomar Gonçalves da Silva

REVISOR GRÁFICO
Emiro Freitas da Costa Filho



DISTRITO DE SÃO MIGUEL DOS MACACOS



Fonte: Semed/Breves

